

CEZAR BRAGA SAID  
DIVALDO PEREIRA FRANCO



**JOANNA e JESUS**  
uma história de amor

# **Joanna e Jesus**

Uma história de amor

DIVALDO PEREIRA FRANCO  
CEZAR BRAGA SAID

# **Joanna e Jesus**

Uma história de amor

2ª Edição

Curitiba - Paraná

2020

2ª Edição  
2ª Reimpressão  
Do 20º ao 22º Milheiro

Copyright 2011 by  
Federação Espírita do Paraná  
Alameda Cabral, 300  
80410-210 – Curitiba-PR

Capa: Thiago Gutierrez  
Diagramação: Karina Greca  
Ilustrações: André Ramiro Ferreira

Supervisão editorial: Maria Helena Marcon  
Revisão: Vera Lúcia Carrano de Oliveira

Catálogo na fonte do  
Departamento Nacional do Livro

FRANCO, Divaldo Pereira

Joanna e Jesus - Uma história de amor / Divaldo Pereira Franco,  
Cezar Braga Said. - Curitiba; Federação Espírita do Paraná, 2011.

152 p.; 14 x 21 cm.

ISBN 978-85-86255-45-8

1. Espiritismo. 2. Ângelis, Joanna de - Vidas passadas.  
I. Said, Cezar Braga. II. Título.

CDD 133.9

Alameda Cabral, 300 – CEP 80410-210  
Fone/Fax: (41) 3223-6174 – Curitiba/PR  
livrarlamundoespirita.com.br

2020

# Sumário

Dedicatória

Uma breve explicação

PRIMEIRA PARTE | JOANA DE CUSA

A mulher na Roma imperial

Joana e seu marido

Encontro com Jesus

As virtudes de Joana de Cusa

O que mudou em Joana de Cusa após o encontro com Jesus

Joana de Cusa, uma educadora

Jesus e a mulher

Comentário de Divaldo

Outras obras que falam de Joana de Cusa

Joana de Cusa e João, o Evangelista

A Casa do Caminho

Custeando atividades do colégio apostólico

Intercedendo por Jesus

Uma amiga de Jesus

O que ocorreu ao marido de Joana de Cusa?

Os filhos de Joana de Cusa

O contato com os primeiros cristãos

O Apóstolo Silencioso

O cuidado de Joanna com Nilson

Nilson e a figura de Jesus

Nilson e a admiração por Divaldo

Nilson e o casamento

O legado de Nilson

## SEGUNDA PARTE | CLARA DE ASSIS

Cântico do irmão Sol ou das criaturas

Francisco de Assis – o irmão Sol

A visão social de Francisco – poder e saber

Aspectos históricos e geográficos

A comunidade franciscana

A visão da mulher

Clara – a irmã Lua

O amor de Clara e Francisco

As mortificações e a vida de insulamento

Defendendo o convento e a cidade

As curas realizadas por Clara

Suas cartas

Comentário de Divaldo

Mensagem de Joanna de Ângelis para Francisco de Assis

Em louvor ao Irmão Sol

## TERCEIRA PARTE | JUANA INÉS DE LA CRUZ

A infância

Os conventos

Por que escolheu o convento?

Produção literária

O que foi a carta atenagórica?

Os últimos anos

Comentário de Divaldo

## QUARTA PARTE | JOANNA ANGÉLICA DE JESUS

Freiras no Brasil

Quem foi Joanna Angélica de Jesus?

Mas o que aconteceu de fato?

Comentário de Divaldo

Questões sexuais e o feminismo

Joanna Angélica – passes e atendimento fraterno

O sacrifício da própria vida

Joanna Angélica por Chico Xavier

Paz e Luta

QUINTA PARTE | JOANNA DE ÂNGELIS

Joanna e a Codificação do Espiritismo

Mensagens de um Espírito Amigo

A paciência

Dar-se-á àquele que tem

Comentário de Divaldo

Emmanuel e Isabel de Aragão

A psicologia transpessoal

Joanna voltará a reencarnar

REFERÊNCIAS

## **Dedicatória**

*Para todas as mulheres espíritas, conhecidas ou anônimas, que na intimidade dos seus lares e dos milhares de centros e grupos espíritas espalhados pelo mundo, se sacrificam para que a mensagem de Jesus e de Allan Kardec esclareça e console os corações humanos.*

*A elas o reconhecimento e a gratidão pela perene inspiração que seus esforços silenciosos e seu entusiasmo vibrante produzem em nós e em mim, em particular.*

## Uma breve explicação

Penso que algumas explicações se fazem necessárias no início deste livro a respeito das motivações para escrevê-lo.

Por que um novo livro sobre Joanna de Ângelis quando já existe uma bela publicação a respeito e também um expressivo depoimento dado por Divaldo Franco sobre as vidas vividas por este Espírito?<sup>1</sup>

Tanto o livro quanto o depoimento são, sem sombra de dúvidas, notáveis contribuições para que adentremos o mundo de sentimentos e compromissos que dizem respeito à Joanna, mas isto não impede que outros corações que a admiram, que se reconhecem afeiçoados e gratos a ela possam desvelar olhares e ângulos sobre as suas vidas, todas elas ricas de atitudes de amor a Jesus e à causa do Evangelho. Vidas marcadas por testemunhos de coragem e dedicação e, algumas vezes, até pelo martírio.

Esta é a motivação inicial, poder externar carinho, gratidão e admiração ao seu incansável trabalho no bem, além de possibilitar algumas informações adicionais aos que tenham curiosidade de saber algo mais a seu respeito.

Neste modesto ensaio não pretendo santificar nem idolatrar Joanna de Ângelis, revivendo qualquer atavismo que nos leva a trocar a água benta pela fluidificada, as promessas aos santos pelas barganhas com os Espíritos, as noções de céu e inferno por colônias espirituais e umbral. Além de não me ver neste papel, tenho a convicção de que Joanna não tem necessidade de homenagens, creio piamente que não precisa disso para prosseguir trabalhando. Mas, se um despretenso estudo a respeito dos testemunhos dados por ela puder servir para estimular outros corações, lenir dores, acalmar desesperos, incentivar a coragem de mudar e fazer o bem, despertar a esperança em alguém, acredito que isto seja do seu agrado, que a deixe contente.

Não se trata de um livro específico sobre Divaldo como outros tão bem escritos e que, de forma muita justa, procuraram reconhecer e destacar seus incansáveis esforços em prol da causa cristã, mas de uma obra que a meu ver não seria possível de ser escrita sem a sua doce e firme, fraterna e lúcida colaboração, mesmo porque aprendemos a admirar Joanna por meio de Divaldo.

Pode até soar herético, mas não é apenas Divaldo que cresceu sob a inspiração deste Espírito amigo, Joanna também pôde crescer, pôde acrescentar experiências relevantes à sua bagagem e desenvolver suas tarefas a partir dos esforços terrenos de Divaldo e de Nilson, o incansável e fiel amigo.

Trata-se de um elo espiritual nascido na noite dos tempos e que redundou numa fecunda e fértil parceria em pleno século XX. Parceria que não se limita a livros psicografados, mas a criação de uma obra de promoção integral não apenas da cidadania terrena, mas de uma cidadania cósmica, atendendo ao longo de pouco mais de meio século a milhares de corações.

Desta parceria resultou um centro espírita com múltiplas frentes de trabalho, onde inúmeras pessoas colaboram ativamente. Resultou também, como departamento e desdobramento do centro, a “Mansão” que só o é pelo tamanho, mas caberia perfeitamente o nome de “Lar do Caminho”, “Oásis do Caminho” ou qualquer outro que a nossa imaginação e o nosso carinho permitisse.

Há também a orientação pessoal após as palestras públicas e por cartas, e-mail, além das visitas que Divaldo sempre faz aos mais necessitados. Isto sem esquecer-nos das viagens, dentro e fora do país, falando para grandes e pequenos públicos, atendendo aos corações necessitados de orientação e consolo.

Embora seja improvável imaginar Joanna o tempo todo com Divaldo, considerando também suas outras atribuições no mundo espiritual

e a diversidade de Espíritos com os quais ele se relaciona, não se deve perder de vista que todas as atividades realizadas por Divaldo se dão sob a supervisão dela.

Supervisão que nunca tolheu seu livre-arbítrio.

Primeiro porque o guia que exigisse isso do seu protegido não seria guia e segundo porque o médium que a isso se sujeitasse estaria cassando sua liberdade de escolha, eximindo-se da responsabilidade de viver e até sujeitando-se a uma obsessão.

Tudo entre eles, guardadas as devidas proporções, sempre foi dialogado, ponderado, proposto, exposto, respeitando-se a vontade de Divaldo.

É óbvio que, sendo um Espírito amadurecido e tendo interesse no crescimento desta alma tão cara ao seu coração, jamais lhe apresentou nenhuma proposta estranha. Logo, deduzimos que todo o programa traçado antes da reencarnação de Divaldo vem sendo devidamente cumprido, ou melhor, muito bem cumprido.

Foi por aceitar as orientações deste Espírito amigo que ele chegou até aqui, trabalhando diariamente em Salvador ou no mundo, até quando Deus entender que deva permanecer com tais compromissos entre nós.

Divaldo, Nilson e Joanna nos trazem de volta aquele clima do Cristianismo primitivo que muitos nos negamos ainda a compartilhar, por indolência, ignorância, limitação ou até por sentimento de menos valia. Trazem-nos Jesus, dando-nos uma vontade imensa de acompanhá-los e fazermos aquilo que nossas possibilidades nos permitirem, tentando cumprir bem o que previamente também planejamos na Espiritualidade.

Por isso, o que este livro pretende mostrar é um recorte da trajetória sublime desta alma que há dois mil anos se deixou impregnar por um amor incondicional, decidindo também amar incondicionalmente.

E tanto amou que financiou algumas atividades de Jesus!

Intercedeu por Ele junto a Pilatos!

Foi ao Seu sepulcro render-Lhe homenagem, saudosa da Sua doce e serena presença.

Imolou-se por Ele e pela causa do Evangelho!

É desta Joanna que trata este livro e na concretização dele, devo dizer que sem a inspiração e o apoio dos benfeitores espirituais nada teria sido possível. A esses amigos invisíveis o meu preito de gratidão. Foram eles, quero crer, que sob a inspiração do “paizinho seráfico” decidiram homenagear este grande coração, esta singela alma chamada Joanna.

Escrever estas páginas não foi apenas uma maneira de homenagear quem não necessita de homenagens, foi uma oportunidade de ir ao encontro de mim mesmo e com isso, rever laços, acordar compromissos, refletir sobre o que necessito melhorar nos caminhos por onde ando e nas escolhas que sigo fazendo.

Finalmente, acredito que Joanna é maior, não pelo que revela nos livros que escreve, nem apenas pela obra modelar que inspirou Divaldo, Nilson e outros anônimos a criar, mas pelo que oculta em sua modéstia e simplicidade, de modo a nos acompanhar, seguindo ao nosso lado à semelhança de Jesus na estrada de Emaús.

Que ela receba nosso singelo esforço em apresentá-la um pouco mais na intimidade aos nossos irmãos espíritas e não espíritas, desvelando a todos seus esforços seculares em prol da causa cristã. E que aqueles que vierem a estas páginas encontrem uma possibilidade de estudo, reflexão e encontro, não apenas com este Espírito maternal e amigo, mas, sobretudo, com o Espiritismo e com Jesus.

Um abraço fraterno.

Cezar Braga Said

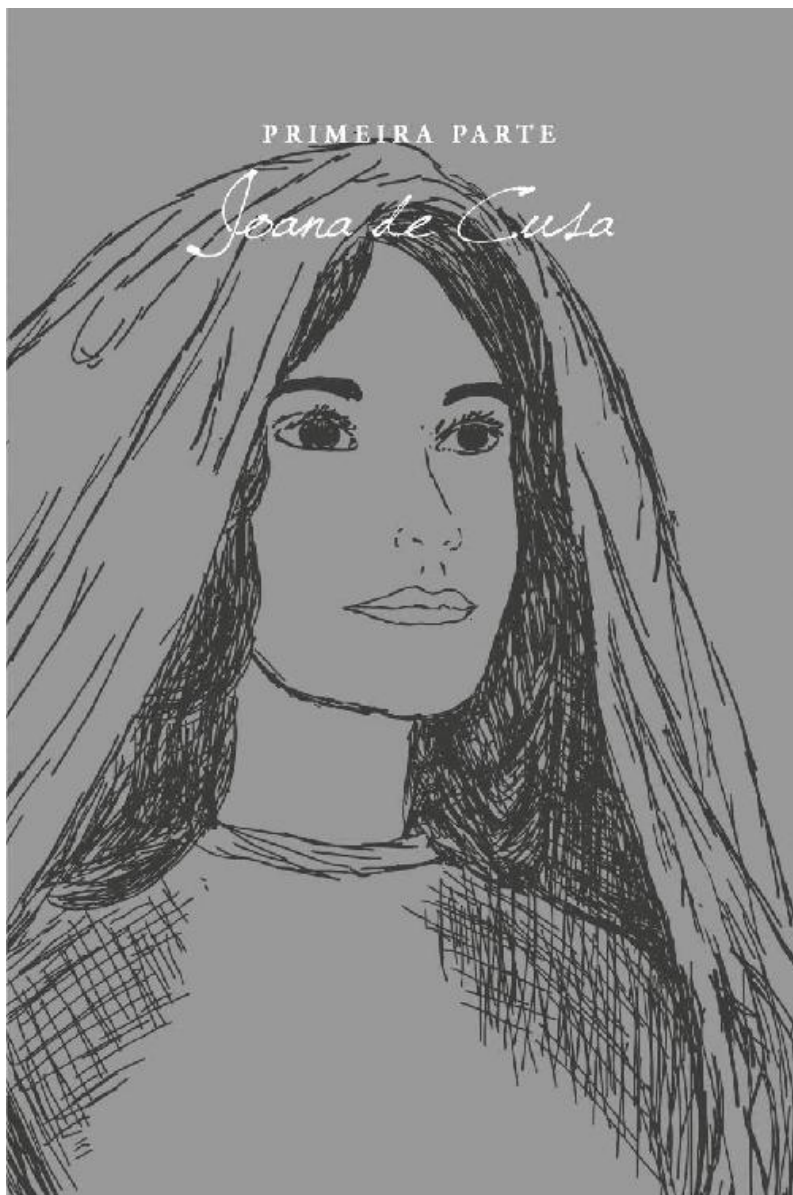
Nova Iguaçu, 5 de maio de 2010.

---

<sup>1</sup> Refiro-me ao livro de Celeste Santos, *A veneranda Joanna de Ângelis* e ao DVD *As vidas de Joanna de Ângelis*, elaborado pelo CEI - Conselho Espírita Internacional.

PRIMEIRA PARTE

*Joana de Casa*





*Foi, contudo, na solidão social, na dor do abandono e da humilhação, na clausura matrimonial, que a condição feminina desenvolveu virtudes tais quais a paciência, a humildade, a sensibilidade, a intuição.*<sup>2</sup>

Alcione Peixoto

Para início desta viagem que faremos ao mundo de realizações, lutas, lágrimas, sorrisos e sacrifícios vividos por Joanna, é importante salientar que as fontes as quais recorri para escrever este livro são de duas ordens: histórica, por meio de livros escritos por historiadores ou estudiosos da História e mediúnica, livros psicografados e revelações feitas pelo médium Divaldo Franco.

O fecundo escritor, Hermínio Miranda, afirmou que na arte de se escrever a História encontraremos, grosso modo, duas correntes, uma que se pautará por um caminho materialista, negando qualquer possibilidade de interferência divina nos rumos de pessoas e sociedades e outra que admitirá a marca sutil e poderosa de Deus.

Diz também Hermínio que, na ausência de fontes espirituais, a História não deixou nem deixará de ser escrita, mas faltará, possivelmente, àquele que a escreve a percepção dos movimentos ocultos, das motivações espirituais que conduzem os Espíritos ao longo de inúmeras reencarnações articulando uma vida na outra.

*Aqueles que têm hoje algum conhecimento do mecanismo das forças espirituais sabem que a História não é só o que os homens fazem, nem somente o que fazem os poderes divinos através dos seres desencarnados. Ela resulta de uma integração desses dois campos vibratórios, desses dois planos, onde a vida se desenrola sob as bênçãos de Deus.*<sup>3</sup>

Mesmo tendo acesso a fontes espirituais e materiais, obviamente que algumas perguntas poderão ficar sem respostas e certos pontos carecerão de maiores aprofundamentos e, quem sabe, até retificações futuras, como,

aliás, ocorrem com pesquisas, invenções, livros escritos, etc. tudo segue um movimento de aperfeiçoamento contínuo, em razão das leis que regem o universo e que nos convidam a crescer.

Para que tenhamos uma ideia mais clara a respeito desta fascinante personagem do Cristianismo primitivo, é importante que conheçamos alguns detalhes relativos à época em que viveu, algo do contexto histórico e cultural no qual se via imersa, de modo a entender melhor suas lutas e dificuldades, além da maneira como procurou superá-las.

É a partir desta contextualização que poderemos, com mais facilidade, dimensionar os conflitos, os embates internos, a conversão e o sacrifício de Joana de Cusa em um dos circos romanos.<sup>4</sup>

Neste aspecto, recorri especialmente à literatura mediúnica, pois não há fontes históricas, pelo menos que eu as conheça, nas quais seja possível obter registros fidedignos sobre Joana, além de rápidas referências bíblicas.

A informação mais precisa se encontra no livro *Boa Nova*, do Espírito Humberto de Campos, psicografado por Chico Xavier, o inesquecível médium mineiro. O capítulo 15 é todo ele dedicado à conversação que Joana estabelece com Jesus. Nele, o autor espiritual descreve com rara sensibilidade a emoção dela neste encontro decisivo para sua existência como Espírito.

Percebemos na leitura que havia problemas de relacionamento com seu marido, o intendente Cusa e que este era um alto funcionário de Herodes Ântipas que, por sua vez, era filho de Herodes, O Grande (73 a.C. a 4 d.C.) que foi proclamado rei dos judeus, em Roma, no ano 40 a.C. É ele quem prende João Batista e manda degolá-lo por solicitação de Salomé, filha de Herodíades, com quem era casado. Ântipas subiu ao poder com 17 anos, permanecendo no governo até o ano 40 de nossa era.

Dentre as várias coisas que herdou do pai, uma delas foi se tornar exímio nesta arte de servir a dois senhores e dissimular sempre que

necessário, reproduzindo assim o comportamento do seu genitor que bajulava os romanos, inclusive, construindo cidades dedicadas aos imperadores e seus parentes. Foi ele quem construiu Tiberíades, uma cidade situada na margem ocidental do Lago de Genesaré, erguida em homenagem a Tibério, o sucessor de Augusto.

Esta Roma que era bajulada por Ântipas, fundada sobre sete colinas e dominadora de boa parte do mundo ocidental, era, ao tempo em que viveu Joana, um império, tendo passado pela monarquia por ocasião da sua fundação (753 a.C.) e também pela fase republicana (509 a.C.). A fase imperial tem origem no início da era cristã, durando aproximadamente quinhentos anos e foram mais de cinquenta os imperadores que governaram a chamada *cidade eterna* e todo o grandioso e passageiro império romano.

Léon Denis, o amigo espiritual de todos nós, assinala com muita propriedade, beleza e verdade este sentido passageiro das obras humanas, dos regimes totalitários dos que governam pelo direito da força e não pela força do Direito, dos monumentos construídos para marcar épocas e satisfazer as vaidades humanas.

*Vi, deitadas, nos seus sudários de pedra ou de areia as cidades famosas da Antiguidade, Cartago, com brancos promontórios, as cidades gregas da Sicília, o campo de Roma, com seus aquedutos trincados e túmulos abertos, as necrópoles que dormem seu sono de vinte séculos sob a cinza do Vesúvio. Vi os últimos vestígios das cidades antigas, outrora formigueiros humanos, hoje, ruínas desertas que o sol do Oriente calcina com suas ardentes carícias. E disse a mim mesmo: eis no que se transformam os grandes povos, as capitais gigantes: algumas pedras amontoadas, montes desolados, sepulturas ensombreadas por raquíticos vegetais, nos ramos dos quais, o vento da tarde lança seu lamento. Os séculos, esses minutos da eternidade, viram passar nações e reinos e nada ficou de pé. A esfinge tudo devorou.<sup>5</sup>*

A obra que o tempo não devora é justamente aquela cujos alicerces

são internos, a obra do bem e da construção do Reino Divino em nós mesmos.

Desejosa de rever valores e encontrar algo que desse sentido à sua vida, foi a este chamamento que o coração sofrido de Joana procurou atender, o de sua própria transformação.

O que ela desejava possivelmente de forma inconsciente, não era apenas consolo ou auxílio para entender-se com o marido difícil e pusilânime.

Na verdade, havia nela sede de renovação, de um sentido maior para a sua existência, de algo que lhe permitisse não apenas compreender a razão daquelas dificuldades que carregava na intimidade do lar, mas igualmente superá-las.

Joana tinha sede de um sentido maior para sua vida e só quem poderia dessedentá-la seria Aquele que possui a água viva, o Amigo Incondicional de toda a Humanidade terrena, Jesus.

## **A mulher na Roma imperial**

Nesta Roma imperial, Joana como qualquer outra mulher era vista como um ser inferior, pois era esta a visão historicamente construída e legitimada pelo universo masculino dominante.

Na infância a mulher era tutelada pelos pais, na adolescência devia obediência ao marido, pois a partir dos 12 anos a mulher já se encontrava apta para casar segundo os costumes da época e embora os homens pudessem fazê-lo a partir dos 14 anos, o que normalmente ocorria era de as adolescentes se casarem com homens bem mais velhos.

Ao enviuar do marido a mulher continuava numa condição de subalternidade, pois passava a obedecer aos filhos, cunhados e demais parentes do companheiro que partira.

Quando as mulheres ganharam o direito de frequentar os teatros, por exemplo, já que lhes era vedada a entrada nesses espetáculos, ainda assim eram obrigadas a permanecer nas últimas filas e não podiam cogitar de atuar nas peças teatrais, mesmo que tivessem aptidão para tal. Desse modo, os papéis femininos eram desempenhados por escravos caracterizados.

Com relação à educação, de um modo geral, as mulheres aprendiam basicamente a cuidar da casa e a fiar a lã. Mas, considerando que toda regra encontrará uma exceção, no precioso livro *Há dois mil anos*, escrito pelo Espírito Emmanuel por intermédio de Chico Xavier, verificamos a seguinte citação:

*A educação intelectual de uma jovem romana, nessa época, era sem dúvida secundária e deficiente. Os espetáculos empolgantes dos anfiteatros, bem como a ausência de uma ocupação séria, para as mulheres do tempo, em face da incessante multiplicação e barateamento dos escravos, prejudicaram sensivelmente a cultura da mulher romana (...).*<sup>6</sup>

Com esta facilidade em se obter escravos, inclusive para a instrução dos filhos, o papel das matronas romanas foi se alterando, gradativamente se esvaziando. A chegada de artigos de luxo do Oriente, aliados à ociosidade que tais mulheres desfrutavam, promoveu um clima frívolo e um amolecimento nas energias das mães que redundou numa desestruturação familiar da sociedade romana dominante.

Fugindo ao espírito da época por dele discordar, o senador Públio Lentulus (que é uma das reencarnações desse mesmo Emmanuel, autor espiritual da história citada e um dos personagens principais do livro) oferece à sua filha, Flávia Lentulus, um preparo esmerado para a vida social possibilitando-lhe as melhores aquisições intelectuais e estimulando sua capacidade de expressão, especialmente na arte poética, tão exaltada naquela época. Flávia foi educada por professores eminentes e conhecia muito bem o idioma pátrio (latim), além do grego. Naturalmente que isso era uma grata exceção que só pode ocorrer graças à visão que possuía o

senador.

## Joana e seu marido

Mas a referência a Emmanuel e seu excelente livro não é apenas pelo fato deste ter oferecido a sua filha uma educação diferente para os moldes da época, é também pelo fato de existirem elos que ligam certos personagens de contextos aparentemente diferentes.

Consta neste mesmo livro uma rápida menção ao intendente Cusa, marido de Joana.

Narra Emmanuel que Pôncio Pilatos,<sup>2</sup> aquele mesmo que lava as mãos no episódio da crucificação e que foi o 5º governador (as fontes históricas que conheço o referem como PROCURADOR) romano na Judeia, recebe um convite de Cusa para ir até Cafarnaum, cidade da Galileia, situada na margem norte do Lago de Genesaré. O convite se dá ao que tudo indica, com o propósito de se estabelecer algum tipo de negócio escuso, considerando o caráter de ambos.

Na trama descobrimos que Pilatos desejava se insinuar uma vez mais para Lívia, esposa de Lentulus, não hesitando em aquiescer ao convite de Cusa de modo a poder conciliar seus dois objetivos, ou seja, ver o que o intendente tinha a lhe propor, relatar e ao mesmo tempo cortejar a mulher do senador. Vale lembrar que Pilatos era cidadão romano, casado com Cláudia, *alma nobre e digna*, segundo a observação do autor espiritual e que ele recebeu a incumbência de governar a Judeia, nome dado à província do Império Romano, que se estabeleceu no território do Oriente Médio habitado e governado anteriormente pelos judeus.<sup>8</sup>

Pelo texto do Espírito Humberto de Campos em *Boa Nova* se sabe que ele era alto funcionário de Herodes. Era um intendente, mas o que semelhante função representa?

Bem, de acordo com o Novo Aurélio (dicionário), *intendente é a*

*pessoa que dirige ou administra alguma coisa. No Brasil, até o início do século XX os intendentes exerciam cargos de chefia no poder executivo municipal, espécie de prefeitos hoje em dia. Se pensarmos em termos de forças armadas, exerce a intendência ou atua na mesma o oficial ao qual se incumbem a execução dos serviços financeiros e de abastecimento das organizações militares.*

Portanto, mesmo acreditando que tais funções tenham se modificado bastante com o tempo e que a intendência de hoje nada ou muito pouco tenha a ver daquela exercida por Cusa, o fato é que ser intendente de um homem que possuía uma personalidade dúbia não deveria ser algo fácil, a não ser que se tivesse os mesmos interesses, o que parece ter ocorrido com o esposo de Joana em sua relação com Herodes Antipas. Pelo que narra o Espírito Humberto de Campos ele ora agradava aos romanos, ora aos judeus, na intenção de obter favores de ambas as partes e poder assim fruir uma vida fácil e rendosa.

A dificuldade em conviver com alguém desta natureza trazia inúmeros padecimentos a Joana, e é bem provável que, após ouvir as pregações do Evangelho feitas pelo meigo Rabi, tenha experimentado um misto de consolo e ao mesmo tempo intensificação dos seus conflitos face o que propunha a moral evangélica.

Segundo relato de Divaldo Franco em entrevista para este livro, o casamento de Joana era uma expiação, uma relação de resgate em função de débitos contraídos em existências passadas junto a esse Espírito. Possuía com ele, à época, um vínculo de parentela, onde predominam laços consanguíneos e não espirituais.<sup>9</sup>

É o mesmo Emmanuel quem nos ensina que devemos estabelecer uma distinção entre uma coisa e outra.

A família simboliza os laços eternos do amor enquanto a parentela indicará *o cadinho de lutas acerbadas em que somos chamados a diluir as imperfeições dos sentimentos, fundindo-os na liga divina do amor para a*

*eternidade.*<sup>10</sup>

O cap. XIV de *O Evangelho Segundo o Espiritismo* é também bem elucidativo neste sentido, especialmente quando trata da diferença entre *parentela corporal e parentela espiritual*.

Diz-nos Allan Kardec no item oitavo deste mesmo capítulo que os verdadeiros laços de família não são, por conseguinte, os fixados pela consanguinidade, mas os firmados pela simpatia e pela comunhão de pensamentos que unem os Espíritos antes, durante e após a sua encarnação.

O mesmo Codificador esclarece-nos que toda expiação se constitui uma prova, mas nem toda prova é uma expiação, ou seja, expiar nos predispõe a lutas, não é algo fácil resgatar, exige-nos aceitação, fé, paciência, bom ânimo, predicados que nem sempre possuímos, por isso é uma provação.

Se por um lado as expiações nos remetem ao passado, as provações normalmente têm a ver com o presente com vistas ao futuro, com aquilo que ainda está pouco amadurecido em nossa individualidade e que precisamos desenvolver.

Provas e expiações são também um estágio pelo qual passam os mundos, as moradas planetárias que Deus nos oferece como espaços construtivos, escolas necessárias ao nosso aperfeiçoamento, exatamente como se encontra no capítulo III do mesmo *O Evangelho Segundo o Espiritismo*.

Joana de Cusa se via numa relação de resgate, sendo lógico imaginar que não tenha feito bom uso do seu livre-arbítrio na existência anterior, especialmente no que diz respeito a relacionamento amoroso, conjugal. Sofria e necessitava de alento para seguir resgatando com estoicismo.

## **Encontro com Jesus**

Residindo em Jerusalém e indo até Cafarnaum para refrescar-se, a

escrava que acompanhava Joana percebe em seu rosto toda uma expressão de tristeza, após a discussão que esta travara com o marido. Comovida, sugere a sua senhora ir ao encontro de certo Galileu, considerado por ela e por tantos outros sofredores, o Embaixador Celeste que viera trazer a libertação de todos os jugos e a paz tão desejada por todos. Joana sorri agradecida, embora não totalmente convencida, mas estranhamente as palavras liberdade e paz tocaram-lhe a alma fazendo-a refletir.

Decidida, resolve ir ao encontro de Jesus num cair de tarde quando o sol já se despedia no horizonte e o calor se encontrava mais ameno. Parecia que das águas mansas do lago de Genesaré emanavam suavíssimos perfumes.

*A paisagem da Galileia (...) era um paraíso de verdura. Nas suas paisagens maravilhosas desabrochavam flores de todos os climas. Seu lago imenso, formado pelas águas cristalinas do rio sagrado do Cristianismo, era talvez a mais piscosa bacia em todo o mundo, descansando as suas vagas mansas e preguiçosas ao pé dos arbustos ricos de seiva, cujas raízes se tocavam do perfume agreste dos eloendros e das flores silvestres. Aves cariciosas cobriam, em bandos compactos, aquelas águas feitas de um prodigioso azul celeste (...).<sup>11</sup>*

Diz também o Espírito Amélia Rodrigues que esse lago tantas vezes citado na literatura espírita era *um lago de água doce, parecendo uma turquesa imensa encravada nas montanhas a refletir o céu. Suas praias eram salpicadas de povoados e lugares alegres, onde viviam os puros de sentimentos, confiando nas bênçãos de Deus.*<sup>12</sup>

E lá estava Ele espalhando Seu amor, repartindo Sua atenção e ternura com todos, ensinando as preciosas lições a respeito do reino que desejava implantar em definitivo nos corações humanos. Falava da bondade do Pai que a todos atende com desvelo e carinho, do quanto as dores são passageiras e das belezas reservadas nos céus para todos os que sabem amar e perdoar aqui na Terra.

Neste primeiro encontro, mesmo sem entender plenamente o que o Mestre falava, considerando as dificuldades idiomáticas e contando com a tradução da sua serva, pois Jesus ao que tudo indica se expressava em aramaico ou no hebraico popular altamente aramaizado, impressionou-lhe a Sua expressão de paz, de mansuetude, Sua profunda serenidade e doçura.

Na multidão de pessoas que se ajuntavam para ouvir, ver e falar com Jesus, havia criaturas que não falavam o idioma no qual Ele se expressava, mas, curiosamente, muitos escravos que serviam em lares romanos eram conhecedores do idioma, como a serva de Joana, e, portanto, traduziam em particular, *ao pé do ouvido* para aqueles que os acompanhavam nas incursões.

O Mestre viera para os sofredores de todos os matizes, mas os mais simples e oprimidos foram os que melhor entenderam e sentiram a Sua mensagem.

Segundo José Carlos Leal, o idioma falado por Jesus ainda é uma fonte de controvérsias. *Não se pode, entretanto, descartar a hipótese de que Jesus falasse um pouco de grego, uma vez que essa era uma língua generalizada nas regiões onde viveu. Ele passou por regiões como Decápole e Fenícia onde o grego era a língua corrente. Em Marcos 7:26, Jesus mantém diálogo com uma mulher siro-fenícia que, muito provavelmente, foi em grego.*

*Quanto ao latim, por certo, Jesus não o usou como o grego, uma vez que não era uma língua de comunicação na Palestina. De um modo geral, os romanos que vinham a Jerusalém falavam aramaico, hebraico popular, grego ou se utilizavam de intérpretes.*<sup>13</sup>

Jesus conversou com Pilatos e este falava em língua helênica, não consta no texto bíblico que tenha havido necessidade de um intérprete.

Temos que considerar também que dependendo da ocasião, como foi o caso do Sermão da Montanha, havia uma ação magnética do Mestre e dos

Espíritos que O acompanhavam sobre a mente dos que O ouviam, permitindo que compreendessem o que lhes era dito, apreendessem a essência dos ensinamentos, ainda que se expressasse em outra língua e até nas vezes em que simplesmente fitava a multidão sem se expressar oralmente.

Divaldo Franco vivenciou situações muito interessantes em suas viagens internacionais nas quais sempre contou com intérpretes, considerando suas limitações no tocante aos idiomas.

Duas particularmente chamam atenção e ocorreram no ano de 1977.

A primeira se deu em Roma, quando no meio de uma palestra, Joanna de Ângelis lhe sugeriu que dispensasse a tradução e que prosseguisse falando em português. Ele assim o fez e o auditório passou a compreender perfeitamente, em italiano, tudo o que ele dizia.

A segunda foi em Genebra, na Suíça francesa.

Atendendo ao convite da Professora Terezinha Rey, na casa de quem se hospedara, Divaldo foi conversar com os alunos dela explicando algo do trabalho que realizava na Mansão do Caminho e as motivações para a realização dessa tarefa, naturalmente reportando-se ao Espiritismo. No meio da conversa de Divaldo com os alunos, devidamente traduzida para o francês pela ilustre professora, os alunos disseram a ela que poderia dispensar a tradução, pois apesar dele falar em português eles estavam compreendendo tudo.

Para reforçar a impressão que Joana teve neste primeiro contato, é importante destacar que Jesus não era um homem qualquer, nem na aparência.

*Emmanuel afirma que se tratava de um homem ainda moço, que deixava transparecer nos olhos, profundamente misericordiosos, uma beleza suave e indefinível. Longos e sedosos cabelos molduravam-lhe o semblante compassivo, como se fossem fios castanhos, levemente dourados*

*por luz desconhecida. Sorriso divino, revelando ao mesmo tempo bondade imensa e singular energia, irradiava da sua melancólica e majestosa figura uma fascinação irresistível.*<sup>14</sup>

Após este primeiro e luminoso encontro Joana não seria mais a mesma.

Novos encontros se sucederam e não desejando nada fazer às escondidas, haja vista seu caráter diamantino, toma coragem e narra ao marido o que pudera presenciar junto a Jesus e o quanto a impressionaram Suas palavras, traduzidas permanentemente pela escrava que sempre a acompanhava e que entendia perfeitamente o que dizia o Rabi.

O intendente de Ântipas encheu-se de ciúmes, mas não a proibiu de ir ao lago, percebendo, talvez, o quanto aquilo pudesse amenizar os conflitos conjugais, mesmo achando uma grande bobagem tudo o quanto ela lhe narrara, pois seus interesses estavam centrados em outros contatos, a seu ver, mais promissoras e concretos e não em simples promessas de uma ventura após a morte ou aqui mesmo.

## **As virtudes de Joana de Cusa**

O Espírito Humberto de Campos narra que Joana possuía três grandes características:

- **Rara dedicação.**
- **Nobre caráter.**
- **Verdadeira fé.**

Pelas informações encontradas podemos dizer que a **dedicação** de Joana não será apenas à causa do Evangelho, por meio de um auxílio direto aos sofredores daquele tempo. Após seus sucessivos encontros com o Mestre e em razão da transformação que se operou em sua vida, veremos também sua dedicação ao marido complicado, ao lar, às suas servas e à sua prole. O que nos permite dizer que ela era de fato uma mulher dedicada.

O parágrafo seguinte corrobora nossa afirmativa.

Narra o autor espiritual de *Boa Nova* que a partir da compreensão alcançada, (...) *seu espírito divisou em todos os labores uma luz sagrada e oculta. Procurou esquecer todas as características inferiores do companheiro, para observar somente o que possuía ele de bom.*<sup>15</sup>

A **nobreza de seu caráter** se patenteará especialmente diante dos equívocos financeiros e morais de seu marido. Mantendo-se firme, apesar do sofrimento experimentado, não buscou aventuras extraconjugais, nem desertou do compromisso assumido, sobretudo com a própria consciência em reajuste. Soube, a partir da sugestão de Jesus, vê-lo como um filho, amá-lo ainda mais e não perdeu tempo em contendas inúteis, mantendo-se nobre e incorruptível nessa relação.

Sua **fé** tornou-se de tal modo ardente, perseverante e sincera que, mesmo perdendo a posição social que desfrutava como patrícia romana, em virtude das perseguições sofridas pelo marido, prosseguiu firme, trabalhando em afazeres humildes de modo a manter sua subsistência e prover as necessidades dos filhos que a vida lhe confiara. Além disso, foi capaz de sacrificar a própria vida por amor à causa do Evangelho, recusando o pedido do filho mais novo para que negasse a Jesus.

O diálogo estabelecido entre ela e o Mestre é de uma riqueza sem igual, pois possuindo o mais elevado poder de síntese, Jesus traça para Joana um roteiro de libertação do sofrimento e conquista da felicidade.

É possível sintetizar as recomendações do Amigo Divino ao coração de Joana em duas categorias, uma salientando a **importância da nossa relação com Deus** e a outra, **a relação conosco e com o próximo**. Ambas portadoras de grandes verdades:

## **Nossa relação com Deus**

- Deus é único e é Pai.

- A gratidão a Ele deve ser uma constante em nossas vidas.
- Deus nada impõe.
- Muitas manifestações religiosas são superficiais. Os templos de pedra são passageiros, a alma humana deve ser o templo incorruptível.
- Amar os entes queridos é também servir a Deus.

## **Nossa relação conosco e com o próximo**

- Quem sinceramente se convence (intelecto) e se converte (coração) trava em si o bom combate da própria redenção espiritual.
- É pelo amor que alcançamos nossa alforria espiritual.
- É mais fácil quem tem alguma luz, pequenina que seja, iluminar os caminhos dos que se encontram na mais total escuridão.
- As paixões devem ser transformadas e não eliminadas.
- É possível de tudo retirar sempre alguma lição proveitosa ao nosso crescimento.
- Devemos valorizar a palavra e também o silêncio, utilizando-os com sabedoria.
- Nossas relações não são fruto do acaso.

## **O que mudou em Joana de Cusa após o encontro com Jesus**

Na narrativa de Humberto de Campos, há também um destaque especial para o que mudou em Joana após o diálogo decisivo que manteve com o Mestre, numa noite prateada de luar, na casa do pescador e discípulo Simão Pedro.

1. Fixou o lado bom do companheiro.
2. Divisou em todos os labores uma luz oculta e sagrada.

3. Aprendeu com suas dores.
4. Dedicou-se aos filhos de outras mães.
5. Ocupou-se com afazeres subalternos para que os filhos tivessem pão.
6. Desenvolveu a serenidade e a resignação.
7. Tornou-se corajosa e fiel.
8. Ampliou sua compreensão de Deus.
9. Aproveitou as menores oportunidades para desenvolver o embrião vacilante de suas virtudes.
10. Desenvolveu uma alegria sincera.

Percebemos que toda uma transformação profunda se processou em Joana, não mudou apenas a sua relação com o marido e as pessoas de um modo geral, mudou sua relação consigo, imprimindo em sua trajetória espiritual um novo e decisivo rumo, houve na verdade um despertar da sua consciência.

Vejamos agora outra citação a Joana de Cusa que o Espírito Humberto de Campos insere em *Boa Nova*.

## **Joana de Cusa, uma educadora**

No capítulo 18, intitulado *Oração dominical*, encontraremos Jesus em outra conversa com Simão Pedro que, influenciado pela sogra, busca explicações e entendimento sobre as causas de tantas diferenças sociais e econômicas que, a seu ver, impunham pesados deveres a uns e certos privilégios a outros, especialmente no tocante a tarefas que assumimos no mundo e na vida familiar.

Com sabedoria e ternura Jesus conduz os raciocínios de Pedro ao encontro das respostas que o discípulo necessitava, exaltando o valor do trabalho, seja ele qual for, como uma maneira de orarmos, encontrando nos

labores abraçados uma comunhão mais íntima com o Criador. Vejamos o trecho em que o Mestre lhe fala e faz referência a Joana de Cusa:

— *Pedro, precisamos não esquecer que o mundo pertence a Deus e que todos somos seus servidores. Os trabalhos variam, conforme a capacidade do nosso esforço. Hoje pescas, amanhã pregarás a palavra divina do Evangelho. Todo trabalho honesto é de Deus. Quem escreve com a sabedoria dos pergaminhos não é maior do que aquele que traça leira laboriosa e fértil, com a sabedoria da Terra. O escriba sincero, que cuida dos dispositivos da lei, é irmão do lavrador bem-intencionado que cuida do sustento da vida. Um, cultiva as flores do pensamento; outros as do trigo que o Pai protege e abençoa. (...) é preciso santificar todo trabalho útil, como quem sabe que o mundo é morada de Deus.*

*Já pensastes se a tua esposa cuida das plantas de tua horta, Joana de Cusa educa as suas servas?! A qual das duas cabe responsabilidade maior, à tua mulher que cultiva os legumes ou à nossa irmã que tem algumas filhas de Deus sob sua proteção? Quem poderá garantir que Joana terá essa responsabilidade por toda a vida?*

Toda esta conversação tem como desfecho um profundo ensinamento de Jesus em torno do valor da oração e é neste capítulo do livro que, atendendo a uma solicitação de um dos discípulos, Jesus ensina o *Pai Nosso*.

O Mestre cita Joana como exemplo de educadora, alguém incumbida de grandes responsabilidades e que procura dar conta delas com o máximo de empenho. Ao mesmo tempo, salienta que, no cenário do mundo, assumimos diferentes papéis e que todos eles têm a sua importância, o seu valor, ou seja, que ninguém deve se sentir diminuído por executar uma tarefa que não possui destaque ou reconhecimento público.

Afirmando a transitoriedade das tarefas de Joana, Jesus sinaliza a Pedro e a todos nós, que nas diferentes existências físicas abraçaremos tarefas as mais variadas, de acordo com nossas necessidades de

crescimento. Além disso, poderemos numa mesma vida abraçar diferentes compromissos tendo em vista as nossas escolhas pessoais.

Em *O Livro dos Espíritos*, na parte 2ª, capítulo X, encontramos várias perguntas e respostas em torno do tema **Ocupações e missões dos Espíritos**, encarnados e desencarnados.

Numa delas, na questão 573, Allan Kardec interroga os Espíritos Superiores sobre a missão dos Espíritos encarnados: em que ela consiste? A resposta da espiritualidade é muito rica e taxativa: *O que cultiva a terra desempenha tão nobre missão como o que governa. E que a nossa missão de encarnados consiste em instruir os homens, em lhes auxiliar o progresso e também melhorar as instituições, por meios diretos e materiais.*

Em torno deste tema, Emmanuel salienta com muita sabedoria que *Cristo não estabelece linhas divisórias entre o templo e a oficina. Toda a Terra é o seu altar de oração e seu campo de trabalho, ao mesmo tempo. Na qualidade de político ou varredor, num palácio ou numa choupana, o homem da Terra pode fazer o que lhe ensinou Jesus.*<sup>16</sup>

Como alguém que bem compreendeu e vivenciou a proposta de Jesus, Emmanuel desdobra seu pensamento convidando-nos a ter uma relação de prazer e satisfação com as tarefas abraçadas, estejam elas nos limites estreitos de nossa casa, com nossa família, num templo religioso ou mesmo na vida profissional onde buscamos o pão de cada dia.

Isso vale também para as tarefas abraçadas nos centros espíritas e no Movimento Espírita em geral.

Muitas vezes desejamos tarefas que nos confirmem projeção: mediunidade psicográfica, exposição doutrinária, cargos de direção, ingenuamente acreditando que são elas que nos farão chegar refulgentes no mundo espiritual.

Quanto mais conhecido se torna um tarefeiro espírita, mais expectativas e cobranças se criam em torno dele, como se não pudesse mais

errar, tivesse sempre que dizer sim e fosse alguém imune a problemas.

Essa pessoa não tem mais direito ao lazer, repouso, não pode mais ter vida social, onde quer que vá se exige que ela esteja sempre pronta a falar de Espiritismo, ouvir nossos problemas, impedindo-a de ser *normal*. E muitas vezes, quando em sua fragilidade essa pessoa tropeça e se equivoca, surgem os censores dizendo já saber que se tratava de *uma fachada* e que já esperavam a queda daquela *máscara*.

Os esforços da pessoa são ignorados, suas lutas são esquecidas e há uma fixação apenas no que ela deixou ou se viu impedida de realizar.

Neste instante invertemos a proposta inserida em *O Evangelho Segundo o Espiritismo* que recomenda severidade conosco e indulgência com os outros, tornando-nos compassivos conosco e inclementes com os outros.

É um fenômeno humano e Jesus também experimentou semelhante ingratidão e incompreensão. Mas precisamos nos dar conta de que tal postura é também sinônimo de atraso e inferioridade, a fim de corrigir isto em nossa conduta, pois como asseverou o nobre codificador: *Reconhece-se o verdadeiro espírita pela sua transformação moral e pelos esforços que faz para dominar suas más inclinações.*<sup>17</sup>

## **Jesus e a mulher**

Toda e qualquer relação que Jesus estabelece com mulheres ao longo da sua curta existência física será sempre de respeito, reconhecimento e exaltação do valor que elas possuem.

Mesmo que não encontremos discursos feministas de Jesus nas passagens bíblicas, encontraremos sempre gestos de proteção e ternura, ao contrário do que se propunha à época como conduta tipicamente masculina nos relacionamentos entre os dois sexos.

É sempre respeitoso com sua mãe, misericordioso com Maria de

Magdala, sábio e amigo com Marta e Maria, solidário com a vergonha e a dor da mulher adúltera, compreensivo com a sogra de Pedro, paciente com a mulher samaritana que retirava água do poço de Jacó, sem contar o carinho que dispensava às *mulheres decaídas* de um modo geral.

Seu ministério foi também de resgate da dignidade e do valor da mulher, criatura pouco valorizada na cultura romana e mesmo na judaica<sup>18</sup> daquele tempo.

Afirma José Carlos Leal que na cultura judaica, ao atempo de Jesus, a mulher era um ser ao qual só cabiam deveres e raros direitos. Um destes deveres era o de ser absolutamente fiel ao marido sem exigir dele nenhuma reciprocidade. A mulher podia ser repudiada por meio de uma carta de divórcio, entretanto, ela muito raramente conseguia divorciar-se do marido.

Todas as tarefas domésticas eram incumbências da mulher: tecer panos para a família, fabricar o pão, moer os grãos de trigo, ir à fonte buscar água numa bilha etc.

*Nos banquetes, mesmo nas casas ricas, as mulheres limitavam-se a servir aos homens, não podendo em hipótese alguma comer em companhia deles. Nem mesmo poderiam sentar, ficando de pé, prontas a atender os desejos destes.*

*Conforme os preceitos jurídicos do Judaísmo, a mulher era considerada menor de idade e, portanto, irresponsável por seus atos: assim, se ela, firmasse um compromisso que não agradasse ao seu marido, este poderia desfazê-lo, e as pessoas com quem a mulher fez o contrato não poderiam recorrer, pois deviam saber que estavam tratando com uma mulher e não com um homem.*<sup>19</sup>

Há um diálogo comovente entre Jesus e Simão Pedro registrado no livro *Boa Nova*, capítulo 22, que aqui adaptamos no intuito de ilustrar nossas afirmativas. Nele, Pedro revela o quanto a postura do Mestre diante das mulheres o inquietava e, indagado sobre a sua cisma, resolve abrir seu

coração com o Divino Amigo:

— (...) os nossos legisladores sempre ordenaram severidade e rispidez para com as decaídas. Observando nossos costumes, Senhor, é que temo por vós, acolhendo tantas meretrizes e mulheres de má vida, nas pregações do Tiberíades...

— Quase sempre, Simão, não é a mulher que se perverte a si mesma: é o homem que lhe destrói a vida.<sup>20</sup>

O diálogo é rico de aprendizagens para Pedro e para todos os que lemos com a alma aberta para rever nosso machismo milenar. Chega um instante em que o discípulo, tocado na intimidade do seu coração e da sua mente, lança uma pergunta decisiva a Jesus. A resposta dada ao apóstolo foi essencial para que ele começasse a alterar gradativamente a sua visão sobre a mulher.

— Mestre, quereis dizer, então, que a mulher é superior ao homem, na sua missão terrestre?

— Uma e outro são iguais perante Deus – esclareceu o Cristo amorosamente – e as tarefas de ambos se equilibram no caminho da vida, completando-se perfeitamente (...). Tendo avançado mais do que o seu companheiro na estrada do sentimento, está, por isso, mais perto de Deus que, muitas vezes, lhe toma o coração por instrumento de suas mensagens, cheias de sabedoria e de misericórdia. Em todas as realizações humanas há sempre o traço da ternura feminina levantando obras imperecíveis na edificação dos espíritos. Na história dos homens, ficam somente os nomes dos políticos, dos filósofos e dos generais: todos eles são filhos da grande heroína que passa, no silêncio, desconhecida de todos, muita vez dilacerada nos seus sentimentos mais íntimos ou exterminada nos sacrifícios mais pungentes.

Diz-nos Allan Kardec em *O Livro dos Espíritos*, na Lei de Igualdade que a lei humana, para ser equitativa, deve consagrar a

*igualdade dos direitos do homem e da mulher e que a emancipação desta acompanha o progresso da civilização. Sua escravização marcha de par com a barbaria. (item 822)*

Ao mesmo tempo, afirmam os Espíritos superiores nesta mesma terceira parte, que *a inferioridade a ela atribuída resulta do predomínio injusto cruel que sobre ela assumiu o homem e que sua menor força física lhe conferiu ao mesmo tempo maior sensibilidade, em relação com a delicadeza das funções maternas e com a fraqueza dos seres confiados aos seus cuidados. (itens 818 e 820)*

São também muito significativas as afirmativas do *Irmão Corvino a Quinto Varro*, ambos personagens do livro *Ave Cristo*. Quando Varro narra sua dor em face da traição da esposa com seu chefe, Opílio Veturo, Corvino tenta dissuadir o amigo de qualquer iniciativa impensada ou propósito de vingança, procurando leva-lo a refletir sobre a situação:

— *Até agora, a civilização tem mantido a mulher, nossa mãe e nossa irmã no nível de mercadoria vulgar. Durante milênios, dela fizemos nossa escrava, vendendo-a, explorando-a, apedrejando-a ou matando-a, sem que as leis nos considerem passíveis de julgamento. Mas, não será ela igualmente um ser humano? Viverá indene de fraquezas iguais às nossas?*<sup>21</sup>

Sendo mulher, padecendo a angústia de um casamento em crise e estando em contato com um homem sublime que a todas as mulheres estendia Suas generosas mãos, não havia como Joana continuar sendo a mesma.

Jesus representava um divisor de águas em sua alma, uma revolução sem precedentes em sua vida de Espírito imortal e ela, em sua dor, soube aproveitar o convite que o Mestre amoroso lhe fazia ao coração.

## **Comentário de Divaldo**

O que chamo de comentário são na verdade respostas dadas pelo

médium Divaldo Pereira Franco a perguntas dirigidas a ele em torno da temática deste livro. Em alguns momentos, após as respostas, ouso fazer alguns comentários objetivando desdobrar um pouco mais os assuntos, dada a riqueza de que elas se revestem. Em outros instantes, tais respostas ou comentários dispensaram qualquer desdobramento de minha parte, em razão da objetividade do que foi dito ou pelo fato do assunto já ter sido abordado em algum momento do livro.

## **Outras obras que falam de Joana de Cusa**

Divaldo, há alguma referência a Joana de Cusa nas obras do Espírito Amélia Rodrigues ou outros autores espirituais, que você se lembre?

*Não que eu saiba, tenho apenas conhecimento do livro Boa Nova, onde está contida a página de rara beleza que Humberto de Campos dedica a este vulto notável que está sempre entre as chamadas mulheres piedosas de Jerusalém, pois o Evangelho não relaciona, citando apenas algumas, mas não detalha referências sobre Joana de Cusa.*

## **Joana de Cusa e João, o Evangelista**

Joana de Cusa conheceu João (o Evangelista)? Criou-se algum vínculo entre eles?<sup>22</sup>

*Naquela visita que Joana faz a Jesus, em Cafarnaum, em uma noite muito bela, não foi apenas com o intuito de narrar-lhe seus problemas, mas também apresentar-se para poder oferecer os seus serviços à causa da Boa Nova.*

*Ele a acolheu e a ouviu com muita ternura.*

*Eram as queixas naturais da mulher cujo marido era insensato, tinha uma vida de vícios, os chamados vícios sociais muito graves e de desrespeito ao santuário doméstico. Estava saturada e desejava libertar-se daquela relação escravagista em que se encontrava. É depois da sua queixa que Jesus lhe fala da necessidade que teria de ser fiel ao marido a quem*

*ela, em existência anterior, na própria Roma, havia prejudicado. Era necessário resgatar o débito, a fim de que, no momento próprio, pudesse ser livre e dedicar-se ao seu ministério. Ela me disse, na condição de Joanna de Ângelis, que foi aquele o momento decisivo na história do seu processo evolutivo. Porque, depois daquele encontro pessoal com Jesus, ela ficou profundamente mimetizada pela Sua presença. E a posteriori, teve uma convivência mais estreita com João Evangelista e com Simão Pedro, chegando mesmo a colaborar de alguma forma com as pequenas instituições que se derivavam da renovação cristã, em face da sua condição socioeconômica relevante. Mais tarde, quando Cusa caiu em desgraça política e os seus bens praticamente foram tomados pelo império, ela manteve a condição de patrícia, mas sensivelmente modificada pelas tarefas que abraçou, face às necessidades econômicas, continuando a manter contato periódico com Pedro e com Paulo que já se encontravam em Roma no ministério da pregação, não mais encontrando-se com João. Isso aconteceria muito mais tarde...*

## **A Casa do Caminho**

Quando Divaldo cita a colaboração espontânea que Joana de Cusa oferecia aos pequenos núcleos do cristianismo nascente, logo nos vem à mente a *Casa do Caminho*, construída pela iniciativa de Simão Pedro e amigos.

O Espírito Amélia Rodrigues descreve aspectos deste primeiro núcleo cristão erguido após a desencarnação de Jesus. Leiamos um pequeno trecho da sua descrição:

*A construção não obedecia a qualquer planificação anterior.*

*Nascida por efeito da necessidade de socorrer aqueles que não tinham onde repousar as fadigas nem os desgastes orgânicos era reduto de amor evocando a presença do Crucificado Sem Culpa.*

*Situada à margem da estrada entre Jerusalém e Jopa, fora erguida*

*pelas mãos cansadas de Simão Pedro, ajudado por alguns companheiros afeiçoados à Mensagem, então viva nas mentes e nos corações.*

*A peça principal com características rústicas era dedicada às reuniões para o estudo da Palavra do Senhor, aos comentários e à assistência rápida aos enfermos que se podiam movimentar.*

*Lentamente, surgiram os moribundos, que não tinham para onde seguir, e foram anexados, em derredor, outros compartimentos, que seriam ocupados por crianças abandonadas e velhinhos em desvalimento, perturbados da mente e obsessos que ali eram deixados pela indiferença de familiares impiedosos e amigos cruéis.*

*As dificuldades se multiplicavam na medida em que a escassez de recursos crescia em relação ao número de bocas esfaimadas que chegavam...*

*O pescador de Cafarnaum era a figura central da atividade socorrista em volta de quem circulavam os problemas e afazeres complexos.*

*Simão, que conhecia de perto a pobreza e sentia o sofrimento, mais se afervorava à ação libertadora da beneficência, permanecendo, não raro, até avançadas horas no atendimento aos chegados e combalidos, aos atormentados e desfalecentes.*

*Quando a noite, cintilante de estrelas, anunciava a sua plenitude, é que, cansado, buscava a enxerga para o repouso de poucas horas.*

*Tão natural se lhe fazia a rotina, que chegava a esquecer-se das fadigas e de si mesmo, tentando reabilitar a consciência de culpa, decorrente das negações em referência ao Mestre.*

*Porque se tratava do Lar de todos, onde se romperam as barreiras do preconceito e do separativismo, os doentes morais e os equivocados passaram a frequentá-lo com indisfarçável alegria. Afinal. Os ensinamentos eram-lhe dirigidos como fórmula eficaz para a libertação dos*

*seus problemas e delitos.*<sup>23</sup>

Chama a atenção, tanto a fragilidade da construção quanto a dedicação de Pedro. Como é possível com tão poucos recursos realizar tanto pelo semelhante? Como pode um homem relativamente idoso e mesmo contando com auxílio de alguns poucos companheiros, como João, Tiago (filho de Alfeu) e Filipe, ter energia suficiente para um trabalho que lhe exigia tamanha entrega? A resposta é simples: **o amor**.

O amor que Pedro, não apenas aprendeu com Jesus, mas desenvolveu por Jesus e pela humanidade. Desenvolveu no trabalho. Não esperou alcançar as culminâncias do amor divino para amar, foi amando que ele aprendeu a conhecer os segredos deste sublime sentimento.

Pedro é a personificação de algumas das nossas dificuldades no campo do bem. Esteve junto com Jesus, negou-O, sentiu-se culpado por isso, transformou a culpa em arrependimento e simplesmente arregaçou as mangas para se redimir ante a própria consciência.

Às vezes, por muito menos, abandonamos nossas tarefas, julgando-nos inaptos para elas ou imaginando que os bons Espíritos estão decepcionados conosco, como se eles não conhecessem previamente nossas dificuldades, que- das, dilemas, indecisões e inseguranças.

É com tudo isso ainda mal resolvido e mais o desejo de servir que devemos prosseguir, pois com o tempo iremos aos poucos conhecendo-nos e ajustando-nos, inclusive com os outros.

Não é preciso santidade para o serviço, pois nem Pedro ou qualquer dos discípulos a possuía. Até neste aspecto Jesus nos deu uma lição viva e silenciosa, convocando Espíritos que não haviam alcançado a perfeição e a elevação de que Ele, Mestre, se revestia.

Não queremos, contudo, generalizar, pois há serviços que requisitam habilidades, experiências e conhecimentos que nem todos possuímos, ainda. Mas as histórias sobre o Cristianismo primitivo, com grandes e honrosas

exceções, nos apresentam criaturas humanizadas, fragilizadas, muitas vezes em luta íntima, errando e acertando, tentando seguir os passos de Jesus.

As tarefas que abraçamos são uma dádiva em nossa existência, com elas pensamos menos em nossas próprias mazelas e indo ao encontro de outras dores passamos até a entendê-las melhor, compreendendo porque surgiram em nosso caminho.

São as causas atuais e anteriores das aflições como nos fala *O Evangelho Segundo o Espiritismo*.<sup>24</sup>

O exemplo de Simão Pedro faz-nos pensar que ninguém precisa de grandes recursos ou modernas instalações para fazer algo pelo semelhante.

Muitas vezes, esperamos a condição ideal para socorrer e enumeramos vários fatores que, faltando, nos impedem de realizar o que deveríamos. Isto porque, inconscientemente, necessitamos de uma desculpa racional e convincente que justifique nossa inércia. Em outros momentos, em face desta postura, muitas vezes, desculpista, atribuímos a certas pessoas o dever de amar a humanidade por nós, transferindo para elas a quota de responsabilidade que nos cabe.

Disseram os nobres Espíritos ao Codificador que *não há quem não possa fazer o bem. Somente o egoísta não encontra ensejo de praticá-lo. Basta que se esteja em relações com outros homens para que se tenha ocasião de fazer o bem, e não há dia da existência que não ofereça, a quem não se ache cego pelo egoísmo, oportunidade de praticá-lo. Porque, fazer o bem não consiste, para o homem, apenas em ser caridoso, mas em ser útil, na medida do possível, todas as vezes que o seu concurso venha a ser necessário*.<sup>25</sup>

Há outro trecho pertinente com o que estamos *abordando e que foi escrito* pelo Espírito Emmanuel, na obra *Paulo e Estêvão*, também muito elucidativo com relação aos trabalhos desenvolvidos na *Casa do Caminho*.

Afirma o benfeitor que se tratava de um *casarão paupérrimo em sua*

*feição exterior. Um pavilhão singelo construído à custa de tantos sacrifícios, não passava de um telheiro revestido de paredes frágeis, carente de todo e qualquer conforto.*

*A casa dos apóstolos, em Jerusalém, apresentava um movimento de socorro aos necessitados cada vez maior, requerendo vasto coeficiente de carinho e dedicação. Eram loucos a chegarem de todas as províncias, anciães abandonados, crianças esqueléticas e famintas. Não só isso. À hora habitual das refeições, extensas filas de mendigos comuns imploravam a esmola da sopa.<sup>26</sup>*

E o aprendizado inicial de Pedro já era tão grande após alguns meses de trabalho nesse núcleo de amor que ele confia a Estêvão ter acumulado uma ampla experiência que no tempo em que era pescador não pudera adquirir.

## **Custeando atividades do colégio apostólico**

Joana de Cusa chegou a custear alguma atividade de Jesus com seus próprios recursos?

*Sim, várias vezes, porque a bolsa era comum e então, discretamente, ela oferecia, vez que outra, alguns sestércios<sup>27</sup>. A bolsa ficava nas mãos de Judas para poder atender às necessidades do colégio apostólico e dos necessitados que periodicamente recorriam à ajuda daqueles trabalhadores do bem.*

## **Intercedendo por Jesus**

Você menciona em a narrativa *As vidas de Joanna de Ângelis* que ela, quando estava reencarnada como Joana de Cusa, foi uma das mulheres que instou junto a Cláudia, esposa de Pilatos, para que Jesus não fosse condenado. No entanto, Emmanuel, no livro *Há dois mil anos*, psicografado por Francisco Cândido Xavier não menciona isso.

*É por que Livia foi interceder por conta própria, quando entra pela porta lateral e Joana, porque tinha vinculação com Cláudia, em razão da posição do marido, foi e fez também seu pedido. E todo um grupo de espíritos se envolveu nesse mister, porque Cláudia houvera tido um sonho e escutado alguém que sugeria dizer ao marido: “Não te envolvas com este homem”. Desse modo, em razão da amizade existente entre ambas e pela preocupação de Cláudia com o sonho, permitiu-se fazer a solicitação.*

## **Uma amiga de Jesus**

Uma vez mais nos falta aqui o controle da universalidade dos ensinamentos, pois não temos nenhuma outra obra ou revelação feita que confirme a informação dada por Divaldo.

Acreditar que Joana de Cusa tenha intercedido por Jesus não é algo impossível, afinal, seu marido tinha acesso e trânsito junto a Pôncio Pilatos conforme deixa entrever Emmanuel em obra já citada.

Aceitar esta informação não muda em nada a condição de Joana no mundo espiritual, muda, sim, a maneira como percebemos sua trajetória, atestando uma vez mais a sua incrível fidelidade ao Meigo Rabi.

Não se trata de santificar Joana, mas constatar que ela e inúmeros anônimos que não aparecem nos romances históricos de Emmanuel e outros médiuns, ouviram a melodia imortal do amor e nunca mais foram os mesmos. Verticalizaram seus sentimentos, procurando, não apenas, o conhecimento do Evangelho de modo a se instruírem nas lições nele contidas, mas praticando o autoconhecimento evangelizaram suas almas seguindo os passos de Jesus.

Joana dá-nos, não apenas o exemplo do ser grato e reconhecido ao benefício recebido, mas da alma amiga, fraterna, que intercede pelo Amigo que injustamente estava padecendo pelo crime de ser bom, justo, sincero, honesto, amoroso, de instruir os mais simples a respeito das leis divinas e exemplificar com a própria vida como se evolui.

## O que ocorreu ao marido de Joana de Cusa?

Há alguma notícia que julgue relevante a respeito do Espírito que foi seu marido no tempo de Jesus?

*Em Roma, em face da situação deplorável que se encontrava, ele veio a desencarnar. Ela ficou no lar tomando conta de dois filhos e passou a trabalhar a fim de poder preservar a família, porque ele perdeu praticamente tudo com as dissipações. Posteriormente, ele reencarnou sob a inspiração dela, assim como nas futuras reencarnações ela elegeu o Cristianismo, na feição de catolicismo – que era o único recurso de que dispunham as entidades nobres para levar adiante a mensagem de Jesus, em face das mudanças ocorridas nas relações de Roma com o movimento cristão – quando o recebeu, auxiliando a tornar-se sacerdote a quem protegeu, embora assinalado pela viciação, delinquindo, inúmeras vezes, até resgatar-se à época de Francisco, quando foi atraído pela voz do Sol de Assis... Como o contato não podia ser direto, ela o protegia com o seu prestígio nas duas comunidades, na feminina das Clarissas e na masculina dos Franciscanos. Ele desencarnou em Rivortorto<sup>28</sup>, uma localidade próxima de Assis onde se recolhiam os leprosos. É então, por volta do século XIII que ele realmente se recompõe e se libera das dívidas mais graves.*

É curioso que, tempos depois, mesmo perdendo a condição socioeconômica privilegiada, Joana não interrompe seu vínculo com Jesus nem com os cristãos. Isto, porque, não buscou nele uma solução rápida para os seus problemas, nem os transferiu para Ele.

Entendeu que deveria esforçar-se na sua relação com o marido difícil e não o fez como quem deseja se libertar de um fardo, vendo no outro um empecilho à sua felicidade.

Não fez como algumas pessoas desavisadas que julgam quitar dívidas em seus relacionamentos simplesmente *aturando* o outro, a fim de

não o encontrar nas próximas reencarnações.

Houve, como relatamos nas páginas anteriores, um processo de modificação de dentro para fora, verdadeiro, que lhe permitiu chegar ao ponto do martírio.

Ela sedimentou ao longo dos anos a sua compreensão a respeito do Evangelho. Amadureceu ainda mais espiritualmente e entendeu qual era seu papel junto à família consanguínea e a universal.

A curiosidade nos leva a perguntar por onde andarás o ex-intendente Cusa? Que caminhos terão percorrido seus pés depois de Assis, cidade em que esteve sob a indumentária franciscana? Que conquistas terá feito e que novas dívidas terá contraído? Não sabemos.

Sabemos apenas o quanto seus vínculos com Joana prosseguiram até a Idade Média e é bem possível que se tenham estendido além desse período, considerando o seu gradativo despertar para as realidades espirituais e as vinculações existentes entre ambos.

Chama a atenção que, mesmo não tendo mais um elo matrimonial, esses Espíritos prosseguiram atraindo-se e, possivelmente, vivenciando experiências, nas quais, os vínculos eram de outra ordem.

É, desta maneira, que vamos crescendo, o ser imortal e inteligente que é o Espírito vai animando diferentes personalidades, possuindo inúmeras indumentárias carnis, cada qual condizente com as suas necessidades de expiar e ser provado, a fim de evoluir.

O exemplo de Joana é um convite a revermos nossas relações familiares e os sentimentos que nos animam na convivência sob um mesmo teto.

Temos feito o que é possível para viver bem com todos aqueles com os quais temos um vínculo consanguíneo? Temos uma casa ou um lar?

Os bons Espíritos recomendam-nos tratar as pessoas de casa como

tratamos as nossas visitas, pois para elas servimos cafezinho, um doce gostoso, pegamos um copo com água sem reclamar, não tratamos ninguém aos gritos etc.

Ainda que o cotidiano nos coloque em situações difíceis e desgastantes, e que nossos laços familiares sejam de resgate, todo esforço nunca será demais, para que a vivência entre quatro paredes seja, ao menos, fraterna e respeitosa, principalmente quando ainda não puder ser mais amorosa.

## **Os filhos de Joana de Cusa**

Nessas vidas mais conhecidas, Joana de Cusa, Clara, Juana Inês e Joanna Angélica, você esteve também reencarnado tendo algum vínculo com ela?

*O filho que morreu ao seu lado, por ocasião do grande martírio, como Joana de Cusa, é Nilson. Eu era o outro filho que permanece desconhecido, o filho mais velho. Posteriormente, quando ela se reencarna, usando a indumentária de Clara, eu me encontrava entre os discípulos de S. Francisco. Tive, segundo ela, oportunidade de conhecer S. Francisco pessoalmente, como também conhecê-la, recebendo de ambos o amparo para a volta definitiva ao Cristianismo.*

*É curioso observar que, quando fez a visita a Jesus, em Cafarnaum, eu estaria muito pequeno, não fruindo a oportunidade de acompanhá-la ou de participar de qualquer atividade, por ocasião das memoráveis pregações às margens do mar da Galileia, nada obstante, tomei conhecimento do que ocorria através dos comentários que ouvia. Na sucessão do tempo, eu teria procurado o refúgio da igreja nascente, e, mais tarde, da religião dominante, porque de acordo com a tradição católica antiga, os filhos masculinos eram dedicados, respectivamente, um deles às armas e o outro à Deus.*

*Era o período em que nos utilizávamos da religião para fins*

*ignóbeis. Por ocasião da chegada de São Francisco fomos atraídos para uma finalidade diferente, que é a de servir e amar, dando lugar a que os nossos vínculos com Jesus se tornassem mais fortes.*

*No ano de 1970, Nilson e eu fomos a Roma<sup>29</sup> pela primeira vez. Ao cair de uma tarde quente, nos encontrávamos ao lado do Fórum, numa colina de onde se descortina os escombros da Domus Áurea<sup>30</sup> que é um palácio que Nero mandou construir, praticamente subterrâneo, pois o seu pavor de ser assassinado era muito grande e Tigelinus, que era o chefe da guarda pretoriana, segundo as tradições, tinha relacionamentos doentios com o imperador, protegendo-o de maneira incomum. No local destaca-se uma área muito grande que sai do Coliseu na direção das Termas de Caracala.<sup>31</sup> Era agosto, comentávamos as antigas ocorrências dos sofrimentos dos mártires, quando me apareceu a benfeitora que sugeriu subíssemos naquele monte que, à época, ficava aberto ao acesso público, o que então já não acontecia. Atendemos à sugestão, e quando estávamos no alto, ela nos recordou os momentos gloriosos do seu testemunho. Nero havia pedido para ser realizada uma grande festa, pois ele queria Roma iluminada com os corpos humanos dos cristãos em chamas. Por consequência aqueles homens, mulheres, crianças e anciãos, que foram trazidos das catacumbas, na grande maioria foram atados a postes tendo as roupas besuntadas com um combustível que ardia com facilidade. Sensibilizada com a lembrança a mentora levou-nos ao local em que foi queimada viva com o seu filho ao lado, então desvelando que se tratava de Nilson...*

*Ante a revelação inesperada, ambos experimentamos uma emoção intraduzível e não pudemos sopitar as lágrimas que nos aljofraram os olhos e desceram em abundância.*

*Curiosamente, Nilson tinha muita dificuldade de amar Jesus nesta reencarnação, e, às vezes, ele me dizia assim:*

*— Di, eu amo Jesus através das referências que você faz sobre Ele*

*mas eu não sinto as emoções que você experimenta.*

*Ele havia sido católico quando jovem, mas sem maiores compromissos. Então, Joanna disse que eu lhe falasse muito sobre Jesus. O Espírito Amélia Rodrigues, a benfeitora, trazia-nos histórias belíssimas que hoje estão enfeixadas em alguns dos seus livros, principalmente, Primícias do Reino. Eu tinha a visão psíquica e narrava com riqueza de detalhes e a poesia comovedora, que me era inspirada. Um dia, após uma de nossas reuniões comentávamos uma destas histórias, a que se refere ao moço rico, quando, então, emocionado, Nilson tomou da minha mão e disse-me:*

*— Di, não precisa mais preocupar-se em apresentar-me Jesus, porque agora eu O amo, e vem dando-lhe a vida atual atendendo-lhe o convite para servir na Sua seara.*

*Ele pôde fazer a ponte, pois em seu inconsciente profundo, achava Jesus culpado pela sua e pela morte da amada genitora... Mesmo ao tempo de Francisco de Assis, quando ele se sentiu atraído, foi para o Jesus da igreja... Apesar da presença de São Francisco, ele fez parte do grupo que em Bolonha criou o primeiro ginásio que foi intelectualizando os monges em detrimento do serviço de abnegação e de renúncia proposto pelo paizinho seráfico. Tamanho desgosto fez com que São Francisco se refugiasse na Porciúncula e não mais dali saísse, pois viu que a sua mensagem estava sendo adulterada, em razão dos debates culturais do Irmão Elias e outros que eram mais intelectualizados, passando a estabelecer regras e paradigmas que lhe frustraram o ministério.*

*Nilson estava na Ordem, porém, nessa ala, a daqueles que queriam propugnar pelo poder, trazer as heranças materiais, estabelecendo que a pessoa quando se dedicasse à Agremiação, traria seus valores para que a mesma se tornasse rica, em detrimento da postura de São Francisco que era a de oferecer tudo aos pobres e não ter sequer algo para o dia seguinte. A sua conversão, portanto, naquela ocasião, foi relativamente oportunista, e embora o apelo fosse verdadeiro, o comportamento foi interesseiro.*

*Depois que desencarnou, no Além-túmulo ficou frustrado, ao dar-se conta de que não era isso que ele deveria ter feito. Muito tempo depois, ao reencarnar-se e encontrar a bênção do Espiritismo, para cuja vivência foi preparado na Espiritualidade, como ocorreu com a maioria de nós, que ouvimos as preciosas lições da amada doutrina antes do renascimento na carne, aquele preconceito contra Jesus permaneceu ténue no seu inconsciente, até que, de repente, rompeu-se, e ele deixou-se arrebatado pelo Mestre incomparável, dedicando-lhe a atual existência...*

*É impressionante como esse homem se dedica total e exclusivamente à vivência do Evangelho. Quando jovem foi atraente, com um corpo de Adônis, uma pessoa fascinante, mas teve a coragem de renunciar a todos os prazeres físicos com alegria, sem conflitos, sem recalques, a fim de criar os filhos dos outros, de atender os pobres, visitar os doentes, aplicar-lhes passes, pois ele tem uma energia curativa muito significativa. Inclusive, nós nos aplicamos passes mutuamente e com certa periodicidade, para restaurarmos o equilíbrio, quando nos sentimos algo debilitados. Portanto, foi uma conversão total e absoluta a Jesus.*

## **O contato com os primeiros cristãos**

Cafarnaum era um povoado que ficava a noroeste do Mar da Galileia e lá se davam as cobranças de impostos devidos aos imperadores romanos. Foi, nesse povoado, que Jesus chamou Levi (Mateus) para segui-lo.<sup>32</sup> Lá também se deu o primeiro contato de Joana com Jesus. Contato que lhe permitiu financiar parte das Suas atividades, interceder por Ele e morrer por Ele.

Só um amor diferente, acima das convenções humanas é capaz de tais iniciativas e testemunhos.

A força moral de Jesus, o Seu sentimento de infinito carinho e ternura pelos pobres, pelas mulheres, pelas crianças, pelos doentes e idosos, o respeito aos diferentes, além da divina capacidade de perdoar os

agressores, tudo isto arrebatou a alma sensível de Joana e de milhares de corações, levando-os ao sacrifício da própria vida por amor ao *Poeta Galileu* e à causa do Evangelho.

Para Alcione Peixoto, filha do saudoso médium Peixotinho, Salomé, mãe de João e Tiago, aquela que pede a Jesus que seus filhos se assentem um à direita e outro à esquerda, é o exemplo da mãe superprotetora que privilegia os seus filhos sem cogitar dos filhos das outras mães (Mateus, 20:21).

A mulher sírio-fenícia que tira Jesus de seu descanso pedindo ao Mestre que curasse sua filha representa aquelas mães dedicadas aos filhos doentes, dependentes, desequilibrados, que insistem em obter uma cura, um tratamento para os seus queridos, sem nunca perder as esperanças.

Joana de Cusa é a personificação da mãe educadora que reconhece que a educação é um tesouro para a vida eterna. *Ela educa pelo exemplo oferecendo lições de coragem, fidelidade e fé.*<sup>33</sup>

Tais mulheres estavam entre os primeiros cristãos que nos legaram exemplos luminosos e diretrizes de conduta bastante úteis para estes dias de tantas tribulações.

Emmanuel afirma que é muito difícil para nós, considerando os séculos que se passaram e tudo aquilo que ainda nos caracteriza, aquilatar com exatidão a sublimidade da convivência entre os primeiros cristãos.

*Experimentados pela dor, amavam-se os irmãos na fé, segundo os padrões do Senhor.*

*Em toda a parte, a organização evangélica orava para servir e dar, em vez de orar para ser servida e receber.*

*Os cristãos eram conhecidos pela capacidade de sacrifício pessoal, a bem de todos, pela boa vontade, pela humildade sincera, pela cooperação fraternal e pela diligência que empregavam no aperfeiçoamento de si mesmos.*

*Amavam-se reciprocamente, estendendo os raios de sua abnegação afetiva por todos os núcleos da luta humana, jamais traindo a vocação de ajudar sem recompensa, ainda mais diante dos renitentes algozes.<sup>34</sup>*

É justamente este tipo de impulso e de sentimento que encontramos na convivência de Nilson com Divaldo.

Possuindo um amor fraterno, uma amizade legítima, um não mede esforços pelo bem-estar do outro e por todos aqueles que deles se acercam.

Se não fazem mais é porque não podem.

Todo o tempo útil ao longo de uma vida inteira empregaram e seguem empregando-o na prática do bem.

Quem aborda com muita propriedade a natureza do vínculo que une Nilson a Divaldo, é o amigo José Raul Teixeira, que num texto escrito para as comemorações dos 40 anos de atividades ininterruptas de Divaldo Franco, assim se expressou com a sinceridade que lhe caracteriza, num texto que intitularemos *O Apóstolo Silencioso*.

## **O Apóstolo Silencioso**

*Todos aqueles que se destacaram, singrando mares bravios, ou que desbravaram selvas, ou se tornaram heróis por vários motivos que os consagraram, e tantos que se santificaram no bem, não o lograram sem a participação de outra alma dedicada que os apoiou, auxiliou de alguma sorte.*

*Ao seu lado (de Divaldo), na condição de amigo, irmão, guardião e apoio, ergue-se uma figura que encanta pela simplicidade e amor ao trabalho, que sensibiliza por seu devotamento à Obra que, juntos fundaram e por sua incansável versatilidade, atuando nos serviços de pedreiro ou gráfico, de carpinteiro ou eletricista, de mecânico de automóveis ou de pintor, unindo tudo isso à sua condição proeminente de pregador e doutrinador de largos recursos: Nilson de Souza Pereira.*

*Se não é fácil ser grande durante 40 anos, diante de câmeras, de jornalistas, luzes, aplausos e pedradas públicos, igualmente não é simples o trabalho de firmar os alicerces que ninguém vê, quando tantos anseiam por aparecer, por projetar-se na claridade dos outros.*

*Pois bem, o nosso Nilson escolheu tal posição, adotando a humildade operosa como bússola para a sua vida.*

*Quando conhecemos de perto a extensão e a importância da Obra de Divaldo em Salvador; quando percebemos o papel de Nilson no seu plano de atividades, já não conseguimos pensar nela sem os dois, nesse compromisso fulgurante com Jesus.<sup>35</sup>*

Raul, neste texto, é o intérprete de todos aqueles que gostariam de agradecer a Nilson e a ele expressar gratidão pelo que tem realizado na condição de *apóstolo silencioso*.

Perguntando a Nilson sobre como encarava esta revelação feita por Divaldo de que ele fora o filho queimado vivo junto à mãe, num dos circos romanos, disse com a simplicidade que lhe é habitual não se lembrar disso e que seria equivocado da sua parte tecer comentários sobre um fato do qual ele não tem memória, apenas sentimento. Poderia deturpar a realidade dos acontecimentos. Mas que entende ser uma grande alegria, um encantamento conviver todos estes anos sob a orientação de Joana.

Disse também que, quando ela passou a orientá-lo por intermédio de Divaldo, sempre lhe transmitiu uma sensibilidade e uma emoção profunda, qual mãe zelosa por seus filhos.

Mas Nilson disse mais, relatou um fato particular, comovedor, da sua relação com Joana, e que é portador de ensinamentos para todos os que estamos abertos para aprender com os exemplos dos mais experientes. Leiamos na íntegra o seu depoimento:

## **O cuidado de Joanna com Nilson**

*Para mim, além de um anjo protetor, eu a tenho também como uma benfeitora espiritual, uma mãe. É assim que a considero e mais ainda em função destas revelações do passado. No presente, tenho recebido dela todo um apoio de grande valor.*

*No percurso da minha jornada, e não faz muito tempo, fui portador de um câncer que me tomou toda a região do íliaco. Quando examinei as radiografias disse para mim mesmo:*

*— Estou pendurado!*

*O que significa dizer: “Está por um fio que pode ser cortado a qualquer hora.”*

*Mas acreditando na reencarnação e na misericórdia divina, não me deixei afligir, apenas fui-me preparando para “retornar”, a fim de que a morte ao chegar não tivesse problema. Como durante todos estes anos estou nesta tarefa de conversar com os Espíritos, doutrinar os sofredores e orientá-los, eu aproveitei a ocasião para fazer o mesmo comigo.*

*— Bem, quando chegar a minha vez, eu irei em paz!*

*E como vi que o quadro era muito grave, comecei a me preparar psicologicamente para o retorno espiritual. Eu nunca disse morrer, falava para “o meu retorno”. E, conseqüentemente, vendo o meu estado de saúde, reflexionei:*

*— Já estou começando a volta!*

*Então, abria o guarda-roupa e via que havia muita roupa quase sem uso, pois só a uso quando viajo, mas quase não viajo, pois o meu trabalho não permite fazer isso, então, pensava:*

*— Estas roupas vão ficar todas aí, eu não vou levar nada (risos).*

*Estava fazendo isso, quando, numa viagem à Áustria, em uma reunião particular na casa de Josef Jackulak, a amada benfeitora incorporou Divaldo para falar com o nosso anfitrião, que é o líder espírita*

*naquela região, a fim de agradecer o esforço dele e estimulá-lo cada vez mais. Terminada a edificante conversação com o amigo, ela voltou-se para mim e falou claramente:*

*— Nilson, meu filho, anime-se! Ainda não é a sua vez. Renove-se, meu filho! Nossos benfeitores espirituais se reuniram e programaram uma renovação das suas energias para que você prossiga por mais algum tempo. Anime-se, meu filho!*

*Diante disso, eu que não tenho nenhuma dúvida da misericórdia divina, esqueci que estava para morrer e continuei vivendo naturalmente. O fato aconteceu, há não sei quanto tempo, nem sei quantos anos já se passaram, e eu, graças a Deus, estou aqui tranquilo, apesar dos 85 anos de atividade, naturalmente, sentindo o peso de um corpo cansado e gasto, mas felizmente com saúde suficiente para desenvolver as minhas tarefas.*

## **Nilson e a figura de Jesus**

Indagando, se ele tinha alguma aversão ou dificuldade com a figura de Jesus, Nilson respondeu que é oriundo de uma família muito modesta de operários que sempre lutaram com muitas dificuldades para dar aos filhos o necessário para a sobrevivência, e que sendo jovem, passando por dificuldades, ficava examinando onde estaria a perfeição de Deus, a bondade de Jesus, considerando que a Terra tinha pessoas ricas e milhares e milhares de pessoas muito pobres. Tudo isso gerava uma dificuldade ao seu entendimento.

Para sermos mais precisos, vejamos literalmente o complemento da sua resposta:

*Foi quando eu vim através de Divaldo e da Doutrina Espírita entender o que é a vida e porque tudo isso acontece. E meu quadro se modificou, pois eu passei a compreender melhor a tarefa de Jesus, Sua vida, Seus ensinamentos e os exemplos maravilhosos que Ele deixou para todos nós.*

## **Nilson e a admiração por Divaldo**

Ainda, conversando com Nilson, perguntei-lhe como era ser a pessoa que fica enquanto Divaldo sai pelo mundo semeando a palavra à luz do Espiritismo, como ele se posiciona neste ordenamento de tarefas. Ele respondeu:

*A misericórdia divina me situou numa posição, me colocando o entendimento da vida além da morte e me estimulando a fazer muito bem feito aquilo que tenho de fazer aqui, porque, quando a morte chega, somente leva o corpo, enquanto o Espírito continua vivo, sentindo e vendo as mesmas coisas cultivadas no mundo íntimo, guardadas as devidas proporções nas situações onde é colocado.*

*Sabedor destas maravilhosas informações e da tarefa que me cabe, tenho feito o possível para corresponder à expectativa, e a misericórdia divina tem me protegido muito, oferecendo-me orientação, estímulo, também através das intuições e Divaldo tem sido sempre um benfeitor que a cada instante está nos educando e nos orientando os passos para a frente.*

*Eu me sinto uma criatura feliz porque, como disse antes, bem jovem eu duvidava da misericórdia divina, não a entendia, e com o tempo eu fui passando a compreender muitas coisas e senti a necessidade de alguém ajudar mais a alguém. E como Divaldo sempre foi este líder das luzes e das letras, eu pensei: eu tenho que fazer com que o trabalho dele surja na matéria, ele não podia fazer as duas partes, então, eu me encarrego desta, enquanto ele me orientava e eu ia executando.*

## **Nilson e o casamento**

Sobre o fato de não se ter casado, constituído uma família com filhos, Nilson declara muito bem-humorado que teve uma única namorada e que esta um dia rompeu com ele, pois ela queria que ele ficasse com ela enquanto ele preferia ir para as sessões espíritas, até que ela disse:

— Assim não dá, tchau.

— Tchau.

*Daí para cá, eu me envolvi com a Doutrina que me preencheu completamente, porque era muita coisa para realizar e o tempo não dava para outras questões. Então eu decidi:*

— *É aqui que eu ficarei e fui ficando (risos).*

*É verdade que em função das atividades e de todo este trabalho, das sessões mediúnicas, aconselhando tantos sofredores, nada perdi! Mais adiante, conforme eu disse, o câncer me ajudou à conquista interior, porque eliminou toda e qualquer possibilidade neste sentido.*

E Nilson deu uma gostosa gargalhada, rindo de si mesmo como somente riem as pessoas despreziosas e autênticas, que não fazem tipo, não desejam impressionar ou projetar no *imaginário popular nenhum laivo de santidade.*

Este *apóstolo silencioso* disse que percebe faltar muita coisa ainda por fazer, mas sente faltar-lhe requisitos intelectuais, tanto para escrever quanto para citar, pois se reconhece uma pessoa muito devedora e carente de auxílio para poder realizar a tarefa que a misericórdia divina lhe confiou.

Que admira muito as figuras de Paulo, Estêvão, Francisco de Assis e de Joanna, vultos que marcam profundamente a sua vida.

Finalmente, Nilson afirma ser uma pessoa muito feliz por ter encontrado Divaldo e conviver com ele todos estes anos.

## **O legado de Nilson**

Todas estas informações suscitam um mar de reflexões e questionamentos, além de nos sensibilizar grandemente.

Nilson é a personificação do despojamento, não há nele qualquer

pretensão de projeção ou conquista de admiradores, nem espera recompensas ou quaisquer homenagens, é o homem que abraçou a charrua e não parou para olhar para trás, consoante a assertiva evangélica.

Entendeu perfeitamente o papel que lhe cabia na tarefa junto a Divaldo e, curiosamente, sente-se ajudando a Divaldo, desdobrando seu trabalho, materializando as palavras do amigo que tanto ama e que coloca o tempo todo como uma referência para si.

Não procura aplausos, não quer destaque, nele personifica-se a tríade franciscana: obediência, pobreza e castidade.

Esta última tratada com muito bom humor quando se refere à única namorada e ao câncer que teve na região do íliaco.

Afirma ter *perdido*, mas sua *perda* fez com que Divaldo, milhares de crianças, o Movimento Espírita da Bahia, do Brasil e do Mundo ganhassem muito com sua escolha. Graças a ela, Divaldo pôde ter a tranquilidade de se lançar pelos inúmeros caminhos da Terra levando a mensagem de Jesus restaurada pelo Espiritismo.

Sua presença irradia esta alegria pura, espontânea e sincera, própria das crianças que nos cativam e que temos vontade de levar para casa ou manter sempre por perto.

É atencioso com os que visitam a Mansão num horário em que pode dispensar-lhes atenção, considerando a extensão das suas inúmeras tarefas. É acolhedor com os que se hospedam em sua casa, permitindo que nos sintamos em nossa própria casa.

Sempre ouvindo mais que falando, tem suas atividades regulares no Centro Espírita Caminho da Redenção, além das atividades diárias na própria Mansão.

Nilson é um destes anônimos que cria condições para que outros prossigam, assim como não conhecemos o padeiro que faz o pão que consumimos, o agricultor que planta o feijão que saboreamos, a costureira

que na intimidade de uma fábrica ou de seu lar, gera com seu esforço a roupa que nos veste, nem o jardineiro que poda as árvores que nos dão sombra e frutos, pois trabalham muitas vezes no silêncio e anonimamente, não temos como dimensionar os esforços e a renúncia de Nilson.

Considerando que a cooperação é um dos pilares do amor divino que todos carregamos no imo da alma e sem nenhum demérito para com Divaldo, penso que sem a cooperação ativa, lúcida, dedicada e amorosa de Nilson, talvez não tivéssemos Divaldo, pelo menos não com a pujança e o brilhantismo que nos acostumamos a lhe atribuir e mesmo reconhecer em sua vida exemplar, sem se deixar levar pelos aplausos e elogios, sempre passageiros e muitas vezes, perigosos.

Guardadas as devidas proporções, a relação de ambos nos faz lembrar Paulo e Estêvão que, na feliz afirmação de Emmanuel, em seu já citado livro, informa que *a vida de ambos está entrelaçada com misteriosa beleza*.<sup>36</sup>

A beleza de dois corações que na época do Império eram filhos de Joana de Cusa, hoje, Joanna de Ângelis, a mesma mãe, agora não apenas de dois filhos, mas de todos os que se afinam com sua afigura maternal, com seu trabalho, sua literatura. E ambos, Divaldo e Nilson, não são mais apenas irmãos entre si, mas dos sofredores de todos os matizes, de todos os lugares, dos dois planos da vida.

É possível que muitos se perguntem pelo outro filho e por que razão o Espírito Humberto de Campos não faz nenhuma menção a ele. As razões também as desconheço e mesmo não havendo outras fontes na literatura espírita que confirmem este dado, opto por acreditar em Divaldo, considerando que tal informação não acrescentaria nem suprimiria absolutamente nada à sua atual e útil existência.

Mesmo assim, perguntei-lhe, e ele me disse que Joana nunca mencionou nada a este respeito, e ele, por sua vez, nunca insistiu em obter tal informação.

Obviamente, por concluir que se fosse útil saber algo a este respeito, ela teria revelado.

Vemos, neste episódio, a discrição e o respeito de Divaldo ao Espírito que o tem guiado nesta reencarnação. Não é porque haja entre eles uma sintonia fina e uma grande intimidade que revelações sejam feitas sem nenhum propósito ou utilidade.

Ao mesmo tempo, enquanto uns optam por santificar Divaldo, desumanizando-o, ele faz questão de mencionar *o uso da religião para fins ignóbeis*, o que felizmente hoje já não ocorre.

Ele poderia mencionar apenas uma ou mais vidas onde tivesse acertado, de modo a ratificar o ingênuo e prejudicial endeusamento que ele e tantos outros médiuns recebem em nosso movimento, mas não, lúcido e consciente das suas qualidades e do que precisa ainda trabalhar em si, falamos de um passado distante onde junto a Nilson e como tantos de nós, se equivocou.

Divaldo nos permite acreditar, ratificando as leis naturais, que mesmo equivocando-nos, podemos reconsiderar nossos erros e encontrar no trabalho do bem a nossa fonte de renovação. Que deplorar o tempo perdido só nos faz perder mais tempo.

Precisamos sair deste estado de lamentação e deixar de utilizar como argumento para o pouco ou o nada fazermos, o fato de termos delinquido em vidas passadas. Mesmo porque não apenas delinquimos, em alguma coisa devemos ter acertado.

Na verdade, esta revelação, possivelmente já conhecida por alguns corações de nosso movimento doutrinário, apenas ratifica o vínculo existente entre estes Espíritos e nos faz pensar no maravilhoso e necessário papel exercido por Francisco de Assis na Idade Média, reunindo na Úmbria estes corações sequiosos de uma nova aproximação com Jesus.

Saindo da Roma antiga e migrando até a idade Média a fim de

conhecer um pouco mais sobre Joanna, segue um belo cântico criado pelo jovem Francisco, o irmão de todos os pobres e sofredores, o cantor da natureza, o amigo da alegria, o companheiro da simplicidade e da esperança.

---

<sup>2</sup> *A mulher no Evangelho*, de Alcione Peixoto, ed. DOXA, p. 25.

<sup>3</sup> *Reencarnação e Imortalidade*, de Hermínio C. Miranda, ed. FEB, cap. 1.

<sup>4</sup> No livro *Visita à Roma antiga* o autor afirma que havia vários circos em Roma: **Circo do Vaticano**, onde hoje se localiza a basílica de São Pedro. Lá, ao que tudo indica, Nero promoveu os primeiros massacres de cristãos. **Circo Flamínio** e o **Circo Máximo**, nas proximidades do rio Tibre, entre os montes Aventino e Palatino, sendo que este último chegou a comportar 480 mil espectadores.

<sup>5</sup> *Depois da Morte*, de Léon Denis, ed. CELD, Introdução.

<sup>6</sup> *Há dois mil anos*, do Espírito Emmanuel, psicografia de Francisco Cândido Xavier, ed. FEB, pt. 2, cap. 1.

<sup>7</sup> Sobre o destino de Pilatos após a crucificação de Jesus, ver a última página da primeira parte do livro *Há dois mil anos*, do Espírito Emmanuel, psicografia de Francisco Cândido Xavier, ed. FEB e o cap. 24 do livro *Pelos caminhos de Jesus*, do Espírito Amélia Rodrigues, psicografia de Divaldo Pereira Franco, ed. LEAL.

<sup>8</sup> O território conquistado pelo poder bélico de Roma e foi dividido em províncias de modo a facilitar o controle.

<sup>9</sup> Sugerimos a leitura do cap. 20 da obra *Nosso Lar* do Espírito André Luiz, psicografia de Francisco Cândido Xavier, ed. FEB, onde o Espírito Dona Laura faz interessantes considerações a respeito da vida no lar e dos vários tipos de casamentos.

<sup>10</sup> *Caminho, Verdade e Vida*, do Espírito Emmanuel, psicografia de Francisco Cândido Xavier, ed. FEB, cap. 62.

<sup>11</sup> *Há dois mil anos*, do Espírito Emmanuel, psicografia de Francisco Cândido Xavier, ed. FEB, pt. 1, cap. 4.

<sup>12</sup> *Pelos caminhos de Jesus*, do Espírito Amélia Rodrigues, psicografia de Divaldo Pereira Franco, ed. LEAL, cap. 2.

<sup>13</sup> *Christos*, de José Carlos Leal, ed. CELD, cap. 1.

<sup>14</sup> *Há dois mil anos*, do Espírito Emmanuel, psicografia de Francisco Cândido Xavier, ed. FEB, pt. 1, cap. 5.

<sup>15</sup> *Boa nova*, do Espírito Humberto de Campos, psicografia de Francisco Cândido Xavier, ed. FEB,

cap. 15.

<sup>16</sup> *Caminho, Verdade e Vida*, do Espírito Emmanuel, psicografia de Francisco Cândido Xavier, ed. FEB, Interpretação dos textos sagrados.

<sup>17</sup> *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, de Allan Kardec, ed. FEB, cap. 17, item 4.

<sup>18</sup> Sobre este e outros assuntos, vale a pena ler a delicada e suave obra de Alcione Peixoto: *A mulher no Evangelho – Heroísmo e ternura*, já citado numa epígrafe no início deste livro.

<sup>19</sup> *Jesus, sua terra, seu povo, seu tempo*. De José Carlos Leal, ed. CELD, cap. 4.

<sup>20</sup> Sugerimos a leitura do cap. 15 do livro *Pelos Caminhos de Jesus*, do Espírito Amélia Rodrigues psicografia de Divaldo Pereira Franco, ed. LEAL, onde tempos depois há o reencontro da mulher adúltera, citada no texto bíblico, com o ex-marido.

<sup>21</sup> *Ave Cristo*, do Espírito Emmanuel, psicografia de Francisco Cândido Xavier, ed. FEB, pt. 1, cap. 2.

<sup>22</sup> Esta pergunta tem por objetivo da nossa defesa da tese de que João reencarnou na Idade Média como Francisco de Assis e Joana como Clara de Assis.

<sup>23</sup> *Pelos caminhos de Jesus*, do Espírito Amélia Rodrigues, psicografia de Divaldo Pereira Franco, ed. LEAL, cap. 10.

<sup>24</sup> *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, de Allan Kardec, ed. FEB, cap. 5.

<sup>25</sup> *O Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec, ed. FEB, item 643.

<sup>26</sup> *Paulo e Estêvão*, do Espírito Emmanuel, psicografia de Francisco Cândido Xavier, ed. FEB, pt. 1, cap. 3.

<sup>27</sup> O sestércio era uma antiga **moeda romana** criada por volta de 211 a.C., feita de prata, no período histórico da República, aproximadamente em 23 a.C. A reforma monetária de Augusto transformou o sestércio numa moeda grande de bronze, durante o Império e ela circulou até meados do século III d.C.

<sup>28</sup> Rivotorto (riacho torto) é uma pequena cidade que está localizada na região da Úmbria, província de Perugia. Dista pouco mais de dois quilômetros de Assis e é considerada a primeira morada de Francisco e seus seguidores.

<sup>29</sup> Segundo Divaldo, Joana tem uma ternura infinita pelo período que esteve reencarnada em terras italianas. Existem duas mensagens do Espírito Vianna de Carvalho a respeito de Roma que vale a pena serem lidas. Ambas são um precioso convite à reflexão sobre o papel desempenhado por essa cidade ao longo dos séculos de cristianismo e podem ser encontradas no livro de Suely Caldas Schubert *Ante os tempos novos*, publicado pela LEAL.

<sup>30</sup> A *Domus Áurea* (em latim, Casa Dourada) foi um grande palácio criado pelo Imperador romano Domício Nero, depois do grande incêndio que devastou Roma em 64 d.C. Incêndio ordenado por ele

mesmo com o propósito de incriminar os cristãos e depois proceder a uma reconstrução de Roma, de modo a deixar sua vaidosa e desequilibrada marca na História.

<sup>31</sup> As *Termas de Caracala* foram construídas entre os anos 212 e 217 durante o governo do imperador Caracala que se chamava Marco Aurélio Antonino. As termas tinham como objetivo servir como banheiros públicos destinados à higiene corporal ou mesmo como uma espécie de terapia pela água. Em geral as manhãs eram reservadas às mulheres e as tardes aos homens. Segundo as tradições as *Termas de Caracala* podiam acolher mais de 1.500 pessoas.

<sup>32</sup> *Jesus, sua terra, seu povo, seu tempo*, de José Carlos Leal, ed. CELD, cap. 2.

<sup>33</sup> *A mulher no Evangelho*, de Alcione Peixoto, ed. DOXA, p. 148-149.

<sup>34</sup> *Ave Cristo*, do Espírito Emmanuel, psicografia de Francisco Cândido Xavier, ed. FEB, pt. 1, cap. 3.

<sup>35</sup> *Nas pegadas do Nazareno*, de Miguel de Jesus Sardano, ed. LEAL, cap. 21.

<sup>36</sup> *Paulo e Estêvão*, do Espírito Emmanuel, psicografia de Francisco Cândido Xavier, ed. FEB, Prefácio.

SEGUNDA PARTE

*Clara de Assis*





## **Cântico do irmão Sol ou das criaturas**

*Altíssimo, Todo-poderoso e bom Senhor  
em Teu louvor, glória, honra e toda bênção  
a Ti só essas coisas ó Tu Altíssimo  
e nenhum homem é digno de nomeá-IO.*

*Louvado sejas, Senhor, com todas as Tuas criaturas  
especialmente, meu senhor, irmão Sol  
através do qual nos dás o dia, a luz,  
ele é belo, irradiando um grande esplendor  
e de ti, o Altíssimo, ele nos oferece o símbolo.*

*Louvado sejas Tu, meu Senhor, pela irmã Lua e pelas Estrelas,  
no céu Tu as formaste claras, preciosas e belas.*

*Louvado sejas Tu, meu Senhor, pelo irmão Vento, e pelo ar e pelas nuvens,  
pelo azul calmo e por todos os tipos de tempo,  
graças a ele Tu manténs com vida todas as criaturas.*

*Louvado sejas Tu, meu Senhor, pelo irmão Fogo  
através do qual Tu iluminas a noite,  
ele é belo e alegre, indomável e forte.*

*Louvado sejas Tu, meu Senhor, por aqueles que perdoam por amor de Ti,  
que suportam provações e doenças,  
felizes se conservam a paz,  
porque por Ti, Altíssimo, eles serão coroados.*

*Louvado sejas Tu, meu Senhor, por nossa irmã, a morte corporal,  
porque nenhum homem vivo dela pode escapar,  
infelicidade para aqueles que morrem em pecado mortal,  
felizes aqueles que estiverem fazendo Tua vontade  
quando ela os surpreender,  
porque a segunda morte não poderá prejudicá-los.  
Louvai e bendizei ao Senhor  
dai-lhe graças e servidão com toda a humildade!*

## Francisco de Assis – o irmão Sol

*Amigo de todas as criaturas e de toda a criação espalhou tanta solicitude, compreensão fraternal a todos, caridade no sentido mais elevado, quer dizer, amor, que a história como que lhe deu em troca a mesma simpatia e admiração afetuosa e geral.<sup>37</sup>*

Jacques Le Goff

A cidade de Assis, encravada num monte, cheia de ruas estreitas, vielas, becos, ladeiras, escadarias, toda ainda em pedra, lembra um grande labirinto. Com suas várias portas que mais lembram portais, é uma típica cidade medieval. Fervilhante durante o dia e silenciosa durante a noite, obviamente que, dependendo das estações e datas comemorativas. Parece constantemente iluminada pela própria localização e pelo tipo de pedras que constitui seu casario e toda a sua arquitetura.

Assis é, na verdade, uma metáfora da vida, pois seus múltiplos caminhos e alternativas lembram a nossa existência com suas opções, valores, seduções, alternativas, tudo dependendo do que estejamos procurando e elegendo como prioridade em nossa jornada terrena.

As atividades parecem girar em torno das figuras de Francisco (1182-1226) e Clara (1192-1253), fazendo com que o comércio de objetos religiosos seja a tônica local. O mesmo ocorrendo com a rede hoteleira e o comércio alimentício, que sobrevivem graças aos milhares de turistas do mundo inteiro que a visitam, especialmente para conhecer as basílicas construídas em homenagem a um e a outra.

São igrejas grandes, suntuosas, que em nada lembram a vida simples, pobre e desapegada de bens, que marcou a trajetória de ambos em plena Idade Média, na Úmbria. Diríamos até que são antifranciscanas.

É possível sentirmos a presença de Clara e Francisco porque ali

viveram e deram, cada qual, seu respectivo testemunho de entrega aos princípios cristãos revivendo o Evangelho de Jesus, mas o culto criado em torno de Francisco, agora São Francisco, destoa de tudo quanto ensinou e viveu esse amigo dos pobres.

Apesar disso, as pessoas precisam sobreviver e sustentar suas famílias, dar conta dos compromissos materiais que o mundo exige, assim, devemos respeitar os que elegeram o comércio de objetos religiosos como meio de vida, ainda que não concordemos com semelhante atividade.

Estive lá, de modo a recolher algum subsídio para este livro, e na única livraria existente no centro histórico havia apenas dois livros em língua portuguesa, um falava sobre Clara e o outro sobre Francisco, pareciam estar esperando-nos para levá-los para casa.

Não há como falar sobre Clara sem nos referirmos a Francisco, pois foi o exemplo deste que a contagiou ainda menina, fazendo com que desejasse viver uma vida de absoluta entrega aos pobres, doentes e necessitados.

Se Jesus foi um marco divisor inesquecível na vida de Joana, Francisco será aquele coração amigo que lhe trará de volta o Meigo Rabi, fazendo com que renove seus votos de sacrifício e renúncia em prol de um mundo melhor para todos.

Será ele com seus pés descalços, amante da poesia e dos jograis, do Sol e das andorinhas, com sua vida próxima à natureza, cheia de simplicidade, alegria, pobreza e fé, que acordará em seu coração as reminiscências da Galileia e do martírio em que se deixou imolar na cidade imperial.

Francisco veio aclarar para os seus contemporâneos e para nós outros, agora no século XXI, o sentido de beleza que há em toda a criação, que está presente no murmúrio dos rios e das cascatas, no canto dos pássaros, na singeleza das flores rasteiras, na copa exuberante das árvores,

na força ou suavidade do vento, na bênção da chuva e no sentido de renovação trazida pelo Sol.

Toda a natureza para ele canta o amor divino pelas criaturas.

Como disse o querido poeta e filósofo Léon Denis: *A alma pura comunga com a natureza inteira: ela se embriaga com os esplendores da obra infinita: os astros do céu, as flores do prado, a canção do riacho, a variedade das paisagens terrestres, os horizontes longínquos do mar, a serenidade dos espaços, tudo lhe fala uma linguagem harmoniosa.*<sup>38</sup>

Rompendo com a ordem vigente, veio mostrar que é possível uma vida ecologicamente correta, sem consumismo, sem falsas necessidades, criando uma comunidade onde tudo era repartido e dado aos pobres, na certeza de que nada lhes faltaria, como ensinou Jesus referindo-se às aves do céu e aos lírios do campo.

Cria uma ponte entre clérigos e leigos, distanciados por uma hierarquia que favorecia a dominação das consciências, aproximando de Deus todos os que, em função dos descaminhos do clero, haviam se distanciado de uma vida genuinamente religiosa.

Francisco exalta fraternalmente a mulher à semelhança do que fez Jesus, resgatando sua importância e cidadania.

Propõe uma vida íntima com a natureza numa época em que não seria possível falar em efeito estufa ou aquecimento global.

Se não bastasse esta antecipação histórica, mostra que religião e alegria são coisas que não se excluem, aliás, se complementam, porque o Evangelho é a Boa Nova e a verdadeira religiosidade é alegre, sem laivos de tristeza, são as boas notícias de que Jesus se fez portador e mensageiro celeste.

*Nesse mundo marcado pela exclusão, por concílios, decretos, direito canônico, discriminação a judeus, leprosos, hereges, homossexuais, em que a escolástica exalta a natureza abstrata, Francisco proclama, sem qualquer*

*panteísmo, nem o mais longínquo, a presença divina em todas as criaturas. Entre o mundo monástico banhado de lágrimas e a massa dos despreocupados mergulhados numa ilusória alacridade, propõe a imagem alegre, sorridente, daquele que sabe que Deus é alegria.*<sup>39</sup>

Como é possível conciliar a visão histórica de um Cristo triste com uma proposta franciscana de segui-LO com alegria?

Sendo Francisco a reencarnação do apóstolo João e tendo conhecido muito de perto o seu Mestre, sabia, melhor do que ninguém, que Ele não fora o senhor da tristeza, mas da alegria festiva e serena que acompanha todos aqueles que cumprem as leis divinas e se conduzem com a consciência tranquila.

Enquanto o modelo monástico fazia do monge um especialista em lágrimas, inúmeros textos retratam Francisco alegre, mostrando que é possível conciliar pobreza com alegria, serviço ao próximo com bom ânimo e bom humor.

Não se trata de masoquismo, mas de desapego, é possível usufruir dos bens terrenos sem nos escravizar a eles, focados exclusivamente em nossas necessidades.

Tal pobreza não se observava na Igreja de seu tempo, nem nos dias atuais. Não era vista como um ideal cristão, embora Jesus tivesse vivido desprovido de quaisquer bens.

Francisco veio provar que, naquela época, como em qualquer outra, é possível termos uma relação de posse transitória, é possível socializarmos o que possuímos com quem tem menos, pois tudo um dia será restituído à vida e levaremos apenas os tesouros amealhados no coração.

Ser pobre de espírito difere de ser um Espírito pobre.

Na primeira condição, procuramos a simplicidade e tentamos desenvolver a virtude da humildade. Na segunda, o orgulho e o egoísmo são as marcas mais evidentes neste tipo de vida.

Ao buscar os excluídos, deu-lhes, não somente, o seu amor, o que já seria bastante, mas também visibilidade e esperanças.

Foi o modo intensamente humano, simples e afetuoso como viveu que fez que com que o víssemos como um santo. Santidade que nunca quis ou buscou, mas que estava presente em sua humanidade, distante de convenções e dogmas, mas ancorada no Evangelho e na figura de Jesus, sua única e verdadeira referência nos 44 anos de sua curta e fecunda vida.

## **A visão social de Francisco – poder e saber**

O ideal social pelo qual aspirava Francisco era um nivelamento, um máximo de igualdade entre todos, mas com o tempo se deu conta de que isso seria quimérico, utópico, com relação ao conjunto da sociedade, mas possível no seio da fraternidade que criara.

Pensava num modelo que transcendesse a divisão religiosos e não religiosos, tão em voga ao seu tempo e por toda a Idade Média. Tinha a intenção de aproximar todos como irmãos. Infelizmente, isso não lhe foi permitido, pois implicaria numa revisão das hierarquias, sacramentos e dogmas da própria religião católica em si.

Desejava mostrar que, mesmo não se vivendo uma vida monástica, é possível se viver apostolicamente. Para tanto estabeleceu a criação de três ordens: a dos frades menores, a das clarissas e a ordem terceira, que não exigia celibato, na qual, homens e mulheres se casariam ou caso já fossem casados, teriam seus filhos e viveriam obedientes às leis divinas apresentadas por Jesus.

Por essas três vias qualquer alma poderia optar e realizar o melhor ao seu alcance com vistas a uma vida relativamente feliz aqui na Terra ou no mundo espiritual.

Por tais vias, o acesso ao sagrado não se daria unicamente pela mediação promovida pelo clero, pela igreja, mas, sobretudo, pela

fraternidade.

A igreja que deveria ser reconstruída sabemos, que não era a de São Damiano, não era de pedras, mas a interna que todos carregamos na intimidade da alma, o templo espiritual que cada um conduz em si e por meio do qual fazemos contato com o Pai.

Mas sua obstinação em fazer tal reconstrução mobilizou muitos amigos e, ao longo do processo, percebeu de qual Igreja a voz lhe falava, entendendo perfeitamente o que Jesus esperava dele.

Seu trabalho não era o de convocar todos para uma vida religiosa mais contemplativa, o que já existia ao seu tempo, mas para uma relação mais dinâmica, nada acomodada, desafiadora mesmo, basta vermos que ir até os leprosos naquela época era uma forma de romper integralmente com os valores vigentes.

A lepra, hoje hanseníase, no imaginário popular estava associada a uma vida sexual desregrada, logo, de acordo com a crença vigente, quem a contraía era porque havia tido uma vida promíscua ou era filho de quem tivesse levado uma existência de devassidão, portanto, era o filho pagando pelos erros dos pais.

E Francisco não hesitou em estar com os leprosos, chamá-los de irmãos, fazendo que redescobrissem a presença de Deus e desenvolvessem a fé necessária para suportarem as provas e expiações.

Podemos afirmar que não quis ser um monge, considerando a vida urbana que lhe caracterizou todo o apostolado. Embora tivesse seus momentos de recolhimento, se não houvesse uma imposição oficial da Igreja para que se definisse, é bem provável que não tivesse criado nenhuma ordem.

*Seu ideal de uniformidade, igualdade, por um lado, e de amor, por outro, leva-o à adoção do termo irmão (frade) para ele próprio e seus companheiros – aquilo que virá a ser sua ordem foi concebido por ele como*

*uma fraternitas (fraternidade).*

*Fraternitas é, sobretudo, com sua cognata confraternitas, o nome da confraria, correspondente religiosa de corporação no contexto do grande movimento associativo próprio da sociedade urbana do século XIII. É um termo em que se reencontra o espírito de caritas no qual amor, fraternidade, beneficência estão intimamente ligados.<sup>40</sup>*

Esta fraternidade nos faz lembrar os centros espíritas de nosso movimento, especialmente aqueles em que a hierarquia não privilegia pessoas, mas ideias, respeitando-se obviamente as pessoas que trabalham e que espontaneamente abraçam tarefas não remuneradas numa instituição.

Hierarquia intelectomoral, mas também observância aos princípios institucionais, ao regulamento interno, ao código de conduta estabelecido de forma consensual, de modo que tudo não degenerem em bagunça.

E como em nossos centros realmente espíritas há todo um apelo ao estudo, é importante que se diga que, nesta fraternidade criada por Francisco, a relação com os livros não era a que hoje, nós, espíritas temos, uma relação direta, prazerosa, onde a necessidade de amar-nos e instruir-nos é um imperativo na vida de quem abraçou o Espiritismo.

Os livros não eram assim essenciais para Francisco, pois o Novo Testamento e, particularmente, os exemplos de Jesus encerravam o que ele precisava para ser feliz. A figura de Jesus lhe bastava como modelo, guia, e foi esta figura que ele desejou reviver e acordar nas consciências da sua época.

Ao mesmo tempo, percebendo que havia toda uma relação entre poder e saber, que não era uma exclusividade do contexto em que vivia, afinal, desde que o mundo é mundo sempre houve quem fizesse do conhecimento um instrumento de controle, quis demonstrar que o saber necessário e indispensável à felicidade terrena e celestial era aquele que possibilitasse a mais estreita integração da criatura com o Criador, que

aproximasse os seres humanos de uma vida natural, simples, sem falsas necessidades, e por isso mesmo mais feliz.

Apesar disso, recomendava a pregação da palavra de Deus aos que desejassem ouvi-la e de fato, como poderia alguém ser um bom pregador sem a leitura, sem o cultivo do estudo, da reflexão?

Obviamente que o tempo e os seus sucessores mudaram bastante este aspecto, e o próprio Francisco pôde rever esta postura, tanto que ele é um dos Espíritos amadurecidos que fazem parte da falange do *Consolador Prometido*, tal como vemos nos *Prolegômenos* em *O Livro dos Espíritos*, onde se encontra o nome de João Evangelista.

Ainda hoje percebemos disputas, rivalidades em nosso movimento doutrinário, motivadas nem sempre pelo objetivo de esclarecer e oferecer elementos variados para um debate mais amplo. Muitas vezes, o móvel maior é a autopromoção, destaque, como se o progresso espiritual fosse medido pelo número de polêmicas levantadas, de críticas públicas à atuação deste ou daquele líder ou médium. O saber, em muitos momentos, é utilizado como uma espada que esgrima, nem sempre como um Sol que dissipa as sombras e ajuda enxergar melhor.

Não se trata de se banir o debate, o aclaramento de controvérsias, nem de cultivar o *espírito de rebanho* em nossos arraiais, mas de apenas aclarar o móvel: buscaremos restabelecer a verdade com espírito fraternal ou vencer o companheiro transformado em oponente a ser batido num confronto de ideias, de modo que todos saibam o quanto somos conhecedores dos princípios doutrinários? O companheiro equivocado, caso esteja mesmo, deixa de ser um irmão? Qual a melhor maneira de lhe apresentarmos o seu equívoco? Como gostaríamos que se dirigissem a nós aqueles que percebessem nossos erros?

Amar-nos e instruir-nos é uma coisa, viver dando *kardecadas* nos outros é outra totalmente diferente.

## Aspectos históricos e geográficos

É em plena Idade Média, na região montanhosa da Úmbria que nasce, vive e realiza sua missão o nosso querido Francisco.

Reencarna numa sociedade desigual, onde as pessoas não eram distinguidas pela família da qual se originavam, mas pela fortuna, a quantidade de terras, o poder e o prestígio que conseguiam por meio do dinheiro.

Era o tempo daquela quarta aristocracia proposta por Allan Kardec em *Obras Póstumas*, a do dinheiro e de tudo o que ele representava naquele contexto.

Assis, à beira da estrada, entre a planície e a montanha, era uma cidade marcadamente agrária, recebendo simultaneamente luzes e sombras, rochedos, rios sinuosos, com carneiros, bois e burros pastando, com a presença de pássaros como gralhas, pombos, andorinhas, falcões e faisões. Isto, sem contar com a presença de abelhas operosas e cigarras cantantes anunciando dias ensolarados e cheios de alacridade.

De acordo com o Espírito Camilo, *as forças que dominavam as estruturas da política europeia eram regidas pela antiga aristocracia militar e pelos senhores feudais.*<sup>41</sup>

Era o início da mecanização do trabalho, tempo das cruzadas, da rivalidade entre cidades e do progresso urbano florescendo. Há artesãos e um início precário de industrialização nas áreas da construção, da tecelagem e do couro.<sup>42</sup>

O pai de Francisco, Pedro Bernardone, era um desses comerciantes de tecidos.

Surgem, nessa época, homens que, percebendo a diversidade de moedas existentes de uma cidade para outra e o trânsito incessante de mercadores, como existia de feudo para feudo, resolvem promover as

trocas, tornando-se cambistas, que mais tarde se transformarão em banqueiros.

A própria Igreja, desejosa de manter sua hegemonia, promove algumas pequenas mudanças, aceitando a criação de novas Ordens e aumentando o número de processos de canonização, sem, contudo, mudar os dogmas sobre os quais assentava seu poder e sua própria existência.

Tais mudanças somente ocorreram em função do crescimento de movimentos que ela considerava como sendo heréticos e que, na verdade, eram formas de contestação e tentativas de se viver uma melhor relação com Deus, sem a mediação que impunha fosse feita por seu intermédio.

Pleiteava-se o acesso direto às escrituras sem as barreiras linguísticas e as interpretações sacerdotais, além de uma maior igualdade entre os sexos. Aspirações naturais que surgem em toda e qualquer sociedade como decorrência da Lei de Progresso, tal como nos revela a parte terceira de *O Livro dos Espíritos*.

Tudo isso, inclusive, com a presença também da Inquisição, instaurada por volta de 1233, com o objetivo de lutar contra as heresias, praticando largamente a tortura como método de convencimento.

Não é à toa que Emmanuel nos informa que tal instituto *não condenava os supostos culpados diretamente à morte – pena benéfica e consoladora em face dos martírios infligidos aos que lhe caíssem nos calabouços -, mas podia aplicar todos os suplícios imagináveis. A repressão das “heresias” foi o pretexto de sua consolidação na Europa, tornando-se o flagelo e a desdita do mundo inteiro.*<sup>43</sup>

Além da inquisição, desde o século XII assiste-se à fundação e ao desenvolvimento de escolas urbanas, principalmente nas cidades que possuíam uma catedral. A alfabetização de crianças, inclusive, de meninas, conhece certo progresso, mas sem alcançar a toda a população.

Surge um ensino superior sob forte influência religiosa, mas já

aberto para leigos, que são as universidades.

*Originalmente, a universidade designa um grupo de homens unidos por sua origem ou ofício. No século XII, vem designar a união de mestres e alunos que constitui um ensino superior aberto para leigos. As universidades (as primeiras são as de Bolonha, Paris e Oxford) tornam-se grandes centros intelectuais.<sup>44</sup>*

Data também desse período, século XIII, a associação da sodomia a algo antinatural e à homossexualidade, com isto desencadeando-se toda uma perseguição aos que assim se comportam.

Havia quem vivesse uma vida apostolar, mas se esta se desse fora dos preceitos canônicos era motivo de suspeição, afinal, cabia à Igreja definir o que era correto, santo e apostolar naquele tempo.

Francisco, portanto, nasceu num contexto em que a sua escolha, mesmo combatida de início e louvada posteriormente, era a mais necessária, tanto para a Igreja que suspirava por alguma renovação ou algo que desse a entender uma suposta renovação, quanto por essas pessoas mais críticas e por outras mais simples que desejavam viver sua espiritualidade de um jeito mais livre.

*Na condição de jovem, cheio de sonhos de melhoria social, membro da classe burguesa, dominante, e filho de rico mercador, engajou-se Francisco na situação nova. Foi um homem do seu tempo. Lançou-se de alma e corpo, de espírito e de ação, aos embates que se travaram ao seu redor. Envolveu-se nos movimentos das cruzadas, atuou em guerras locais, como naquela entre Perugia e Assis; também sonhava com sua ascensão social. O seu sonho de ascensão mais presente era o de tornar-se cavaleiro. Esteve visceralmente entrosado aos movimentos culturais e espirituais da época.<sup>45</sup>*

E de fato, Francisco será um autêntico cavaleiro, um cavaleiro do bem e da fraternidade, cheio de alegria pela vida e por todos os seres

viventes a quem ele considerará como irmãos, criaturas do Pai.

Enquanto a vida religiosa da época bania o prazer e o riso, exaltando o ascetismo, ele veio apresentar os prazeres normais e os transcendentais como vivências naturais e perfeitamente conciliáveis com uma vida piedosa de observância das leis divinas. Mostrou, portanto, que alegria e religiosidade podem dar as mãos e passear pelo mundo espalhando sorrisos como as borboletas esparzem o pólen entre as flores e assim como o vento circula entre as árvores, todos podemos cultivar a boa nova, as boas notícias de que Jesus se fez portador, com júbilo em nossa alma, com leveza em nossos pensamentos e atitudes, sem o siso tão comum das almas atormentadas e sombrias.

## **A comunidade franciscana**

De acordo com o lúcido pensamento de Emmanuel, os franciscanos chegaram a congregar mais de duzentos mil operários do bem, seguindo os exemplos luminosos de Francisco.

Graças à sua vida na mais singela pobreza, simplicidade e alegria, inúmeros corações foram arrebatados pelo *Sol da Úmbria* no intuito de reviverem os postulados de Jesus.

Sem qualquer remuneração e alimentando-se de forma sempre modesta, ao invés de se recolherem meditativos e contemplativos nos mosteiros, alheios às dores do mundo e no silêncio do claustro, buscaram as estradas, pois (...) *esses espíritos abnegados reconheciam que a melhor oração, para Deus, é a do trabalho construtivo, no aperfeiçoamento do mundo e dos corações.*<sup>46</sup>

Eram companheiros de Francisco, Frei Rufino, que rezava mesmo dormindo, Frei Genebro, chamado de jogral de Deus, Frei Masseu, de sólido bom senso, Frei Lucídio, que nunca ficava mais de um mês no mesmo lugar, o puro e ingênuo Frei Leão, confessor de Francisco e também

chamado por ele de *ovelhinha de Deus*.<sup>47</sup>

São também interessantes os apontamentos que o Espírito Camilo faz sobre os companheiros de Francisco, permitindo que tenhamos uma fonte de informações espirituais sobre os amigos do Poverello. E são apontamentos de quem viveu e conviveu ao lado desse apóstolo da paz.

Segundo Camilo, o primeiro discípulo de Francisco foi Bernardo de Quintavalle, um bem-sucedido comerciante que se despojou de tudo para estar ao lado do seu amigo. Depois dele veio Pedro de Catânia, Silvestre, Ângelo Tancredo, Egídio, além do irmão Jaquelina. Camilo cita também o já mencionado Frei Masseu.<sup>48</sup>

## **A visão da mulher**

Embora se diga que a Idade Média foi um tempo de sombras e que nenhum progresso se efetuou nesse período, há historiadores que discordam disso, afirmando que existiram luzes e sombras, não apenas nesta ocasião, mas em todas as fases da História da humanidade.

Nesse sentido, existiram inúmeras mulheres rainhas, abadessas em conventos, mas é obvio que nenhuma pôde se tornar papisa ou assumir um posto de destaque no meio católico conservador que impunha o celibato a homens e mulheres, não apenas como uma forma de se preservar os bens da Igreja que não seriam repartidos com descendentes dos padres e freiras, mas porque Jesus se mantivera casto e Maria, segundo as escrituras bíblicas, havia concebido virgem.

A missão de Jesus não comportava o casamento, mas em nenhum instante houve uma convocação da Sua parte para a abstinência sexual, não levantou nenhuma bandeira neste sentido, tanto que Simão Pedro era casado e se tornou um dos Seus principais discípulos, sem abrir mão do seu estado civil.

Ainda hoje encontramos em nosso meio aqueles que defendem a

castidade de Maria e me pergunto: *Em que Jesus ter nascido como todos nascermos diminuiria a sua figura?*<sup>49</sup> Ao contrário, isto só exalta ainda mais a Sua divindade quando percebemos o quanto ela está repleta de humanidade. O fato de ter-se sujeitado ao mesmo processo para nos mostrar que, se Ele conseguiu triunfar vindo até nós, podemos igualmente vencer as resistências da matéria e das nossas imperfeições e ir até Ele.

Em que ficaria diminuída a figura de Maria tendo concebido após comunhão sexual com José?

O sexo vivido com respeito e amor é divino, como divinos são o sol, a lua, o céu, os mares, os rios, as flores. Por que razão colocamos tamanha ênfase na queda ou na elevação de um Espírito a partir da análise do seu comportamento sexual?

Certamente porque herdamos isto dos nossos ancestrais e de todo este caldo cultural religioso que enxertou na sexualidade humana uma visão pecaminosa, desequilibrada e doentia.

Não era fácil ser mulher naquela época tão repressora, na qual, normalmente, as escolhas femininas não eram consideradas, além do que existia uma herança judaica afirmando que o sangramento menstrual que visita mensalmente a mulher a tornava um ser impuro.

Felizmente nosso discurso e nossa relação com o corpo, a afetividade e a sexualidade vêm gradativamente mudando, mas ainda temos muito a aprender.

É neste contexto que vamos encontrar Joana de Cusa reencarnada com o nome de Clara, filha de Hortolana e de Favarone, na abastada e nobre família dos Offreducci.

---

<sup>37</sup> *São Francisco de Assis*, de Jacques Le Goff, ed. Moderna, cap. 2.

<sup>38</sup> *O Grande Enigma*, de Léon Denis, ed. FEB, pt. 1, cap. 3.

<sup>39</sup> *São Francisco de Assis*, de Jacques Le Goff, ed. Moderna, cap. 1.

<sup>40</sup> *São Francisco de Assis*, de Jacques Le Goff, ed. Moderna, cap. 4.

<sup>41</sup> *A Carta Magna da Paz*, do Espírito Camilo, psicografia de J. Raul Teixeira, ed. Fráter, cap. 3.

<sup>42</sup> *São Francisco de Assis*, de Jacques Le Goff, ed. Moderna, cap. 1.

<sup>43</sup> *A Caminho da Luz*, do Espírito Emmanuel, psicografia de Francisco Cândido Xavier, ed. FEB, cap. 18.

<sup>44</sup> *Uma longa Idade Média*, de Jacques Le Goff, ed. Moderna, cap. 1.

<sup>45</sup> *A Carta Magna da Paz*, do Espírito Camilo, psicografia de J. Raul Teixeira, ed. Fráter, cap. 3.

<sup>46</sup> *A Caminho da Luz*, do Espírito Emmanuel, psicografia de Francisco Cândido Xavier, ed. FEB, cap. 18.

<sup>47</sup> *São Francisco de Assis*, de Jacques Le Goff, ed. Moderna, cap. 2.

<sup>48</sup> *A Carta Magna da Paz*, do Espírito Camilo, psicografia de J. Raul Teixeira, ed. Fráter, cap. 5.

<sup>49</sup> *A Gênese*, de Allan Kardec, ed. FEB, cap. 15.

## Clara – a irmã Lua

*Devemos sublinhar que, naqueles dias, não eram poucas as jovens, mesmo de ótima família, que, cansadas de sua vida muito material, se haviam sentido atraídas pela pregação do jovem Francisco e se comprimiam ao redor dele, em lágrimas, para ouvi-lo e tocá-lo. Mas nenhuma delas tinha ousado, até aquele momento, imitá-lo em sua escolha da pobreza.*

Tomás de Celano

Clara nasceu, ao que tudo indica e apesar das divergências das fontes, em 1192 e viveu reencarnada até 1253. Teria, portanto, dez anos a menos que Francisco e viveria 27 anos a mais do que ele.

Narram as tradições que sua mãe era uma mulher de muita fé e espírito piedoso, o que fará com que Clara sob esta influência desenvolva uma grande compaixão e desde muito pequena goste de ajudar aos pobres, abstando-se, muitas vezes, do seu próprio alimento para dá-lo aos famintos.

Como as jovens do seu tempo, Clara ouviu falar de Francisco e da sua mansuetude, simplicidade, do seu carisma e da sua contagiante alegria de viver. Desejou conhecê-lo, ouvi-lo, de modo a entender como alguém tão jovem poderia abandonar todos os seus bens para dedicar-se exclusivamente aos pobres. Mesmo porque, ardia em seu coração um desejo semelhante, embora fosse bem mais nova do que ele.

Sabia que suas pregações eram revestidas de elementos tirados da natureza e do dia a dia das pessoas, com exemplos que pudessem facilitar a assimilação das mensagens simples e profundas de que era portador.

Francisco não era um orador, mas quando se punha a falar do Evangelho era tomado por uma doce e serena eloquência, uma lógica simples e altamente persuasiva, as pessoas faziam silêncio para ouvi-lo e

sua voz cheia de ternura tinha o poder de embalar os seus ouvintes tocando-os nas fibras mais íntimas da alma. Além disso, não devemos esquecer que sendo um emissário de Jesus e dada a amplitude da tarefa que veio realizar, contava com todo um conjunto de Espíritos superiores e amigos prontos a protegê-lo e inspirá-lo.

*Assim, em companhia de apenas uma pessoa de confiança, a jovem deixava a casa paterna para encontrar secretamente o homem de Deus, cujas palavras pareciam chamá-la, e cujas obras superavam as possibilidades humanas.<sup>50</sup>*

Francisco percebeu a grande vocação que existia em Clara, mas nunca a forçou a nada, sem, contudo, deixar de lhe falar de Jesus, exortando-a para que seguisse os passos do Mestre como pudesse e quisesse.

Sabendo das dificuldades que enfrentaria em casa para seguir um caminho semelhante ao que escolhera Francisco, em razão da sua pouca idade, fugiu de casa e foi ao encontro dos frades na Igreja de Santa Maria da Porciúncula. Lá, fez os votos de pobreza, castidade e obediência, tendo seus cabelos cortados por Francisco, à semelhança de um batismo ou rito de iniciação.

Seus parentes, cientes do que ocorrera, foram até ela tentando dissuadi-la, mas, vendo que nada a demoveria, resolveram usar a força, o que também se mostrou inútil.

Apresentando seus cabelos cortados sob o capuz deixou claro que a sua decisão era irrevogável, e que dali por diante seria este o caminho pelo qual seus pés andariam.

Fixando-se, por intervenção de Francisco, na Igreja de São Damião, seus exemplos começaram a chamar a atenção de outras jovens desejosas de levar uma vida semelhante à sua, não tardando para que surgissem companheiras em seu apostolado.

Depois de sua conversão, e já com uma pequena comunidade de irmãs reunidas ao seu lado, durante três anos renunciou ao título e à função de abadessa, pois encontrava mais prazer em servir do que ser servida. Só mudaria de posição quanto a esta resolução por insistência de Francisco que lhe fez ver a importância da sua liderança.

Mesmo concordando com ele e assumindo as responsabilidades que aceitou, teve um gesto que a acompanhará sempre: o de lavar e beijar os pés das suas irmãs. Isto, para deixar claro o quanto, para ela, o líder deve ser um autêntico servidor, deve dar exemplos de amor aos liderados e não de apego a cargos e funções sempre transitórios.

Abrindo um parêntesis em nossa narrativa, penso que nós, espíritas, deveríamos pensar com carinho neste gesto de Clara, não para que venhamos a beijar e lavar os pés dos frequentadores dos nossos centros espíritas, mas no sentido de perceber que muitas vezes brigamos por filigranas, queremos mais cargos do que encargos, projeção do que trabalho, embate do que integração, disputa do que cooperação, perdendo de vista que aquele que mais ama segue à frente do que apenas sabe.

É belo e nobre permanecer à frente de uma instituição, arcando com as responsabilidades inerentes a tal ocupação, mas não menos nobre é permitir que outros se aproximem para atuar conosco, substituir-nos e dali a algum tempo seguirem sozinhos ao lado de outros corações se isto for necessário.

Permitir o revezamento quando há trabalhadores desejosos de atuar e vocacionados para esta ou aquela tarefa, necessitando apenas de certo preparo e oportunidade, é pensar na continuidade do trabalho colocando os interesses coletivos antes dos individuais.

Pensar coletivamente não implica em anular singularidades, desprezar individualidades, significa valorizar cada um naquilo que tem de mais valioso, estimulando-o a dar sua contribuição em prol do bem comum, exatamente como faziam Francisco e Clara junto aos seus colaboradores

diretos.

Não se entronizaram como donos de nada, ao contrário, nada possuíam justamente para exemplificar que, aquilo que de fato precisamos para a viagem evolutiva é o que carregamos no mundo interior.

Mesmo quando mudanças foram introduzidas na Ordem primeira em sua ausência e à revelia da sua vontade, tendo-se entristecido com os rumos que estavam sendo tomados, Clara lhe lembrará que a Ordem não lhe pertencia, que isto era uma forma de apego e que todo apego gera sofrimento.

Foi o bastante para que o *Poverello* (pobrezinho) mudasse sua maneira de pensar e se retirasse da direção da comunidade em 1221. A direção foi passada a Frei Elias que introduziu diversas mudanças abrandonando a regra em termos da pobreza exigida e promovendo estudos científicos. Anos mais tarde, em 1239, Frei Elias será deposto e excomungado pelo Papa Gregório IX, em razão dos vínculos políticos que havia estabelecido com desafetos do Papa.

## **O amor de Clara e Francisco**

É importante que se diga que o amor que aproximará essas duas almas desde o início e que perdurará ao longo dos anos, será um amor fraterno. Clara o elegerá como uma espécie de guia abaixo de Jesus, tratando-o sempre como um pai, inclusive, a ele se referindo como *meu pai*.

Chamá-los de irmão Sol e irmã Lua não é fazer referência a um amor impossível a que ambos renunciaram de modo a se dedicarem exclusivamente aos seus semelhantes. O amor maior de um e de outro e de um pelo outro era o que se manifesta pela solidariedade, pela fraternidade, inspirado no amor de Jesus pela humanidade, sendo de natureza fraternal o laço criado entre eles.

Jung, psiquiatra suíço, afirma que *o amor só revela seus maiores*

*segredos e milagres àquele capaz de uma doação incondicional e de fidelidade de sentimentos, sendo que o amor verdadeiro sempre visa ligações duradouras e responsáveis.*<sup>51</sup>

Ainda que, em algum momento, tenha passado pela cabeça de um ou de outro ou mesmo de ambos qualquer outro sentimento, considerando que eram humanos, um homem e uma mulher, souberam direcionar seus impulsos na direção dos mais pobres, dos doentes, dos aprisionados nos vícios, dos apegados aos bens materiais, sublimando suas próprias emoções.

Admitir ou cogitar tal possibilidade não diminui em nada a grandeza de um ou de outro, neste caso só demonstra o quanto foram grandes nas batalhas silenciosas e desconhecidas por aqueles que estiveram lado a lado com esses dois fraternos e delicados corações.

Por outro lado, ambos, utilizando-se do livre-arbítrio, fizeram votos de castidade e pobreza, tudo leva a crer que o casamento não fazia parte da programação dela nem dele, sendo mais provável que se tenham comprometido antes de reencarnar com o estilo de vida que os vai caracterizar ao longo daquela fecunda existência vivida na Úmbria.

## **As mortificações e a vida de insulamento**

A respeito da vida claustral que, muitas vezes, nós espíritas criticamos e consideramos fuga do mundo, alienação, violência contra impulsos divinos e sagrados que possuímos e que foram postos na criatura pelo Criador, Léon Denis faz uma apreciação interessante destacando o lado positivo de alguém refugiar-se num mosteiro ou convento, consoante a nomenclatura católica, embora saibamos que a vida monástica não seja uma exclusividade católica.

Afirma Denis que uma vida assim pode ensinar o desprendimento das coisas mundanas, a concentração do pensamento, a austeridade dos costumes, a importância da meditação e até a ampliação de certas

faculdades psíquicas, abrindo-se a criatura sincera e dedicada para perspectivas espirituais.

Dirá ainda que aquele que *se recolhe no silêncio e na solidão, diante dos espetáculos do mar ou das montanhas, sente nascer, elevar e crescer em si mesmo imagens, pensamentos, harmonias que o arrebatam, encantam, consolam das misérias e abrem-lhe as perspectivas da vida superior. Compreende, então, que o pensamento de Deus nos envolve e nos penetra quando, longe das torpezas sociais, sabemos abrir-lhe nossas almas e nossos corações.*<sup>52</sup>

Apesar disso, a História registra os delírios, as alucinações, a histeria que toda uma sorte de religiosos desenvolveu em função do freio antinatural que se impôs, em busca de um céu contemplativo e de beatitudes que Jesus nunca prometeu nem tampouco personificou quando esteve encarnado.

Muitas vidas de isolamento apresentam muito mais egoísmo do que fraternidade, desejo de salvação individualista do que amor à coletividade, muitos renunciam ao sexo nem sempre porque este não possua em sua individualidade um apelo mais vivo e ostensivo, mas porque atavicamente veem-no como um fator que rebaixa a alma, impede-a de crescer e se libertar das constrições materiais.

Felizmente o Espiritismo veio aclarar que esta energia bem vivida, com amor e responsabilidade, é uma força poderosa, uma grande alavanca para que o Espírito progrida e acerte contas com a própria consciência.

Não há nenhuma incompatibilidade em se ter uma vida sexual saudável e digna e se exercer a mediunidade, ser caridoso, fraterno, amigo, solidário.

Não são apenas os eunucos, solteiros e celibatários que chegam bem no plano espiritual, há também casados felizes no *reino dos céus* e não apenas pelo uso específico do sexo desta ou daquela maneira, mas pelo bom

uso de todas as faculdades que caracterizam um ser humano responsável e útil. Considerando que alguém cai ou se levanta, avança ou estaciona não apenas pelo uso que faz da sua sexualidade, mas pelo conjunto de atributos que a divindade nos dotou.

Pensando assim, deveríamos também nos perguntar que uso fazemos do tempo? Da inteligência? Da saúde? Do carisma? Da beleza física? Da nossa capacidade de liderar?

Voltando ao comportamento de Clara, Tomás de Celano<sup>53</sup> afirmará que ela cobria seu corpo com um pano rude, sem grande proteção do frio. Era dada ao jejum, usava por baixo das vestes, junto ao corpo, um instrumento de cilício feito com couro de porco, com as cerdas voltadas para a pele. Outras vezes usava um duro cilício feito a partir de crinas de cavalos, repleto de nós. Dormia no chão, na terra nua, tendo por travesseiro um duro pedaço de madeira.

Não era de se estranhar que ficasse doente e enfraquecida com este estilo de vida. *O irmão corpo* exige cuidados básicos que ao serem negligenciados comprometem radicalmente nossa saúde.

Francisco, fraternamente, a admoestava, *proibindo-lhe* tamanho sacrifício e solicitando que não passasse um dia sem comer pelo menos um pouco de pão.

Não devemos perder de vista que Clara era uma individualidade e não uma cópia feminina de Francisco.

Usando seu livre-arbítrio e também influenciada pela cultura do seu tempo, recorria, muitas vezes, a práticas comuns na vida monacal católica de sua época que abrigava comunidades femininas beneditinas, ao invés de pura e simplesmente adotar o comportamento proposto e vivido por Francisco.

É possível que muita gente considere uma contradição esta postura em relação à maneira como viveu Joana de Cusa. O fato é que o meio

exerce influência sobre o Espírito<sup>54</sup> e não sabemos quantas vidas mais até então, este Espírito já havia vivido no meio católico, criando atavicamente este condicionamento.

Ao mesmo tempo, tal postura não a deixou inoperante, nem comprometeu sua ação caritativa. Não lhe fez viver uma vida de dores impostas ao seu corpo em detrimento do trabalho interno de transformação de seus impulsos.

Ao que tudo indica, fazia as duas coisas: macerava o corpo, mas também agia de maneira caridosa tal como sempre fizera desde criança.

A sua não foi uma Ordem religiosa meramente contemplativa, ao contrário, como poderia derivar da Ordem primeira, criada por Francisco, outra Ordem que pregasse clausura e esquecimento do mundo? Isto já existia e foi na contramão disto tudo que o *irmão Sol* viveu e que a *irmã Lua* procurou viver.

O flagício corporal era visto como uma forma da criatura em sua humanidade aproximar-se da divindade de Jesus por meio da dor, reproduzindo masoquística e equivocadamente parte do que foi imposto ao Mestre Divino.

Os bons Espíritos foram categóricos conosco ao informar que temos necessidade de *cuidar do corpo e da alma*.

É exatamente o que recomenda o espírito George<sup>55</sup> na mensagem recebida em 1863 e inserida em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Exorta-nos a empenhar tempo, recursos e atenções para um e para outro de modo a cuidarmos de maneira integral e amorosa da nossa saúde.

Em outra mensagem enviada no ano de 1863 e assinada por *Um anjo guardião*<sup>56</sup> da qual fizemos um *recorte* dos trechos que julgamos mais interessantes, vemos esse Espírito ampliando o pensamento do anterior e afirmando de forma contundente:

*Não debiliteis o vosso corpo com privações inúteis e mortificações*

*sem objetivo, porque tendes necessidade de todas as vossas forças para realizar a vossa missão de trabalho na Terra. Torturar e martirizar voluntariamente o vosso corpo é transgredir a lei de Deus que vos dá os meios de sustenta-lo e fortifica-lo; enfraquece-lo sem necessidade, é um verdadeiro suicídio.*

*Bem diferente é o que acontece quando alguém se impõe sofrimentos para o benefício de seu próximo. Se suportais o frio e a fome para aquecer e alimentar aquele que precisa, e se o vosso corpo padece por isso, eis o sacrifício que é abençoado por Deus.*

*Se desejar um cilício, aplicai-o em vossa alma e não em vosso corpo; mortificai o vosso Espírito e não a vossa carne; castigai o vosso orgulho; recebei as humilhações sem vos lastimardes; esmagai vosso amor próprio; (...) Eis o verdadeiro cilício cujas feridas vos serão contadas, porque elas serão a prova da vossa coragem e da vossa submissão à vontade de Deus.*

Também em *O Livro dos Espíritos* são inúmeras as referências a este assunto, todas convidando-nos a uma desconstrução desta visão que por tanto tempo nos aprisionou numa postura equivocada, mas que, à época, era considerada como a mais correta para se obter maior proximidade com Deus.

Por exemplo, na questão 657, parte terceira, Lei de Adoração, falando sobre a **vida contemplativa**, os bons Espíritos ensinam: *Quem passa todo o tempo na meditação e na contemplação nada faz de meritório aos olhos de Deus, porque vive uma vida toda pessoal e inútil à humanidade e Deus lhe pedirá contas do bem que não houver feito.*

Nas questões 698 e 699, Lei de reprodução, tratando do **celibato**, a espiritualidade deixa bem claro que aqueles que vivem uma vida celibatária por egoísmo, estão enganando o mundo e desagradando a Deus, enfatizando que os que optam por isso com o propósito de fazer o bem, renunciando às alegrias da família consanguínea, obviamente estão fazendo um sacrifício

útil e que tal atitude eleva o homem acima da sua condição material.

Nas questões 721, 726 e 727, Lei de conservação, abordando o assunto **mortificações ascéticas**, os Espíritos superiores afirmam que trabalhar para os outros é a verdadeira mortificação. E que seria muito bom que, ao invés de impor rigores sobre o corpo como o fazem fanáticos de certas seitas, procurássemos vestir os indigentes, consolar os chorosos, trabalharmos pelos doentes. Tais atitudes seriam sim, meritórias e mais agradáveis aos olhos do Criador.

Na Lei de sociedade, questões 771 e 772, refletindo sobre o **voto de silêncio**, afirmam os benfeitores amigos que o silêncio buscado por quem trabalha pela humanidade em ocupações que requisitam a ausência de tumulto ou qualquer burburinho, é uma ação nobre e dignificante. Por outro lado, negar-se a usar a palavra, dom divino, é uma grande tolice. Significa privar-se de um conjunto de relações indispensáveis a qualquer criatura reencarnada na Terra, desprezando as relações sociais, impedindo-se, inclusive, de fazer o bem, contrariando totalmente o sentido da Lei de progresso.

Mas, sigamos analisando outros aspectos dessa vida em que Joana de Cusa havia se transformado em Clara.

## **Defendendo o convento e a cidade**

Numa ocasião, sarracenos<sup>57</sup> se aproximaram de Assis e tentaram violar o claustro. Algumas irmãs quase desfaleceram de terror, outras perderam a fala. Amedrontadas com a possibilidade da invasão, rogaram o auxílio de Clara, que se encontrava bastante adoentada. Essa ordenou às suas irmãs que a colocassem diante dos invasores, pois queria ficar frente a frente com eles e ver se teriam mesmo a coragem de invadir o convento. Clara, reconhecendo sua impotência diante do que estava para acontecer, em lágrimas começa a orar pedindo a Jesus que as ajudasse e ao mesmo tempo perguntando ao Divino Mestre se era da vontade dEle que elas

perecessem daquela maneira, elas que haviam sido criadas e educadas para amá-lo e servi-lo. De repente ouviu uma voz confortando-a e dando-lhe a certeza de que Jesus as protegeria e que males maiores não afetariam a sua querida Assis.

Narra Tomás de Celano em sua biografia, que rapidamente os sarracenos abandonaram os muros que haviam escalado para a invasão, tocados por uma energia diferente. Clara, humildemente dirigindo-se às suas irmãs, pede que não contem a ninguém nada sobre o ocorrido.

Noutra ocasião, Vitale d'Anversa, outro conquistador, guiou seu exército contra Assis impondo um cerco contra a cidade. Informada do que sucedia e sabendo que não se poderia omitir, tendo em vista seu amor à cidade, sua gratidão ao povo de Assis e sua fé em Cristo, Clara convocou suas irmãs e pediu que juntas cobrissem suas cabeças com cinza e fossem implorar humildemente misericórdia ao poderoso capitão.

Esse gesto corajoso dissuadiu-o em seus propósitos, o exército se dispersou e a cidade foi poupada.

Esses dois episódios nos remetem aos atos corajosos de Joana de Cusa, culminando com seu martírio no circo romano em atitude de fidelidade extrema aos princípios do Evangelho que ela havia abraçado com todo o seu coração. Também ao que fará mais tarde esse Espírito reencarnado como Juana Inés de La Cruz, em terras mexicanas, ao cuidar dos pestosos e lidar com todos os ciúmes e invejas que a sua posição de monja intelectualizada e culta despertava. E mais ainda no incrível heroísmo de Joanna Angélica, em Salvador, que paga com sua própria vida a ousadia e a coragem de se colocar frente às tropas portuguesas que desejavam violentar suas irmãs e saquear o Convento da Lapa na época da independência do Brasil.

São vidas marcadas pela ação, nunca pela omissão. Sua fragilidade física e sua condição de mulher nunca a impediram de se posicionar, dizer o que pensava, viver como lhe aprazia, auxiliando as mulheres de seu tempo a

resgatar a própria dignidade como um dia Jesus, terna e acolhedoramente, fez com ela.

Se, por um lado, Clara de Assis manifestava uma coragem extrema para os padrões do seu tempo, já não houvera sido diferente no passado quando se converteu ao Cristianismo nem foi diferente em suas futuras reencarnações no México e no Brasil.

Trata-se de um Espírito com vontade firme, denodo, capacidade de decisão e sustentação da sua conduta, custe o que custar, sempre buscando colocar seu sacrifício a serviço de uma causa útil, desdobrando os ensinamentos evangélicos em ações.

## **As curas realizadas por Clara**

### **1º Caso**

Tanto encarnada quanto desencarnada inúmeras curas foram atribuídas a ela. Tinha o hábito de benzer os enfermos com o sinal da cruz sempre que alguém lhe rogava auxílio ou mesmo quando ela própria ia ao encontro dos doentes.

Embora sejam inúmeros os casos, veremos aqui apenas alguns de modo a ilustrar uma das múltiplas ações de Clara no ministério que abraçou.<sup>58</sup>

*Certo frade de nome Estêvão, enlouquecido, foi encaminhado a Clara por São Francisco, para que ela o benzesse com o sinal da santíssima Cruz. Isso porque Francisco conhecia a sua grande perfeição e venerava sua grande virtude.*

*A filha da obediência o benzeu conforme a ordem do pai, e o deixou dormir um pouco no lugar onde costumava orar.*

*E logo depois, despertando do sono, levantou-se curado e retornou ao pai liberado da loucura.*

Tudo indica que se tratava de um caso de obsessão, resolvida com a presença moralizante e magnetizante de Clara, seu gesto e sua oração silenciosa em benefício do frade e do Espírito que possivelmente o acompanhava.

A medicina e a psicologia cada vez mais se rendem às evidências dos fenômenos espirituais. A Classificação de Transtornos mentais e de Comportamento - CID 10, manual consultado por psicólogos, neurologistas, psiquiatras e terapeutas de um modo geral, apresenta nesta 10ª edição no código F44.3 os Transtornos de transe e possessão.<sup>59</sup>

Há também um livro muito rico em seu conteúdo e fruto de uma ampla pesquisa realizada por um psiquiatra, onde é apresentado algo sobre essa delicada fronteira entre fenômenos religiosos e psiquiátricos. Trata-se da obra *Religião, Psicopatologia e Saúde Mental*, de Paulo Dalgalarondo.

Sem esquecermos a farta literatura espírita a começar pelo *O Livro dos Médiuns* (cap. 23), a maravilhosa série André Luiz, além dos edificantes e lúcidos livros do Espírito Manoel Philomeno de Miranda, psicografados por Divaldo.

Ao mesmo tempo, não devemos perder de vista que Clara, Francisco e toda e qualquer criatura que procure agir no bem nunca está só, da mesma maneira que os que agem no mal têm também suas fontes inspiradoras.

Os Espíritos não são exclusividade do Espiritismo, nem do Movimento Espírita. Estão por toda a parte inspirando aqueles que com eles se afinam. Cientistas, religiosos, filósofos, escritores, legisladores, artistas, garis, funcionários públicos, médicos, advogados, engenheiros, todos possuímos um Espírito protetor, um ente querido que, estando preparado, nos acompanha de perto ou de longe, corações que vibram na mesma faixa de pensamentos ou em faixas mais nobres, sequiosos de nos ajudar.

Por toda parte se espalham os Espíritos do Senhor, que não são patrimônio da Doutrina Espírita, porém, nenhuma outra doutrina nos

explica com tamanha riqueza, amplitude e profundidade quem são estes seres inteligentes da Criação que nos influenciam mais do que possamos imaginar.

## **2º Caso**

Este segundo caso, na verdade se desdobrará em dois, pois são dois casos com crianças.

O primeiro ocorreu com um menino da cidade de Spoleto que enfiou uma pedrinha numa das narinas sem que ninguém conseguisse extraí-la. Sendo levado até Clara, esta lhe fez o sinal da cruz e no instante seguinte a pedrinha foi expelida.

Outro menino de Perugia, cidade vizinha a Assis, ficou com um dos olhos completamente encoberto pela presença de uma mancha. Conduzido até Clara, ela o toca, sempre fazendo o sinal da cruz e pede que ele seja levado até sua mãe Dona Hortolana que, a esta altura, depois de ficar viúva, havia também entrado para a Ordem. Dona Hortolana faz o sinal da cruz e o menino passa a ver claramente.

Em *A Gênese*<sup>60</sup>, Allan Kardec analisou o fenômeno das curas afirmando que as mesmas se dão pela ação da vontade de um encarnado ou desencarnado ou ainda de ambos, que unindo suas energias perispirituais, além daquelas trazidas da natureza, infiltram num corpo deteriorado fluidos renovadores, substâncias balsâmicas capazes de propiciar alívio, bem-estar e, em muitos casos, a cura. Isto sem que nenhum milagre ocorra, pois a lei natural, nestes casos, nunca é derogada.

Esta faculdade pode ser desenvolvida pelo exercício, sendo rara a que permite pela simples imposição das mãos curar instantaneamente.

Importante salientar que a verdadeira cura se dá de dentro para fora, é pela nossa transformação moral que eliminamos gradativamente as causas geradoras dos males que nos afligem. Sem este esforço verdadeiro e sincero, poderemos até minorar nossas dores, mas elas fatalmente

retornarão de modo a promover o nosso ajuste de contas com a própria consciência.

Quanto mais protelamos esta iniciativa mais se alongam os nossos problemas. Precisamos acreditar em nosso imenso potencial latente, acordar as potências da alma, fazê-la aflorar, como bem disse nosso querido Léon Denis:

*Se o homem conhecesse a extensão dos recursos que nele germinam, talvez ficasse deslumbrado e, em vez de se julgar fraco e temer o futuro, compreenderia a sua força, sentiria que ele próprio poderia criar este futuro.*<sup>61</sup>

## **Suas cartas**

Não vemos em Clara nem em Francisco o desejo de escrever e pela escrita deixar grafada a sua passagem pela Terra. A missão deles não passava por esta seara.

Vimos também que, *a priori*, para Francisco bastavam as palavras de Jesus presentes no texto bíblico, tudo o mais tinha um caráter secundário a seus olhos.

Para ele era suficiente que as criaturas tivessem um perfeito entendimento e uma singela vivência dos ensinamentos do Mestre para serem felizes. E tinha razão, na medida em que o Evangelho é uma síntese das leis universais, apresentadas de forma didática por Jesus.

A questão é que, naquela época, assim como nos dias atuais, existem outras fontes de informação importantes para que vivamos no solo do planeta. Informações, muitas vezes, transitórias, descartáveis, mas que precisamos para cumprir a contento a missão abraçada no plano espiritual, desde que não subordinemos os ensinamentos de Jesus a estas.

Por outro lado, muitos destes conhecimentos são desdobramentos do que lecionou Jesus, ainda que a Ele não se refiram, porque tudo o que se

*descobre, se inventa ou se revela, só ocorre com o Seu aval e Sua permissão.*

Seus missionários não se restringem ao campo religioso, estão por toda a parte exercendo as mais diversas profissões e desempenhando as mais diferentes funções, todos, quer admitamos ou não, somos tutelados de Jesus.

Emmanuel, este querido benfeitor, cita que *O Cristo não estabelece linhas divisórias entre o templo e a oficina. Toda a Terra é seu altar de oração e seu campo de trabalho.*<sup>62</sup>

Apesar de não estarem voltados para a necessidade de escrever, Francisco ditava textos para que Frei Leão os escrevesse e Clara escreverá sua regra, baseada naquela estabelecida pelo *Paizinho Seráfico*, concordando com a necessidade da pobreza, da castidade e da obediência na Ordem que comandou como abadessa.

Clara também escreverá algumas cartas, na verdade, quatro cartas, entre 1235 e 1253, ano da sua desencarnação, todas dirigidas a Agnes, filha do rei Ottokar I, da Boêmia, que se tornará sua seguidora e fundadora de uma família religiosa de pobres mulheres em Praga.

Nessas cartas vamos encontrar algumas curiosidades. A primeira refere-se ao jeito como Clara se vê e se denomina: *Serva indigna de Jesus Cristo*. Semelhante postura também adotará mais tarde no México quando se autodenominará *a pior de todas*.

Embora Francisco traga um discurso explicitamente humanista em plena Idade Média, antecipando este movimento alguns séculos antes dele formalmente aparecer, Clara o acompanhará muitas vezes, mas em outras deixará clara a sua condição de discípula, precisando igualmente aprender a expandir os horizontes da sua alma, libertando-se das expressões linguísticas muito próprias do formalismo religioso do seu tempo.

Em nossa era, Chico Xavier muitas vezes autodenominava-se *cisco*,

*capim* e com este discurso foi o gigante do bem em sua passagem estelar entre nós.

É comum encontrarmos até em nosso meio as expressões *Quem sou eu?* quando alguém é convidado a abraçar uma tarefa ou *Estou tentando ser espírita*, como se para ser espírita necessitasse ser perfeito sem mais nada para ajustar.

Allan Kardec afirma que o homem de bem não é aquele que já atingiu a perfeição, mas o que se esforça por alcançá-la e que o verdadeiro espírita se reconhece por seus esforços em se transformar e não exclusivamente pelos resultados já obtidos com tais esforços.

Paulo de Tarso dirá num certo momento da sua caminhada que já não é mais ele quem vive, mas Cristo que nele vive e Se manifesta.

O Espírito Bezerra de Menezes se vê como um *servidor humílimo e paternal*.

São as maneiras pelas quais cada um dirá que ainda é imperfeito, constatando o quanto se vê distante da perfeição, é ainda um jeito de se preservar da vaidade nociva ou mesmo um jeito de se ver na relação estabelecida com Deus, Jesus, os bons Espíritos e com a humanidade de um modo geral.

Outra curiosidade refere-se à necessidade da virgindade, que podemos apreciar pelo ângulo da abstinência sexual e da necessidade de se manter a alma virginal, numa posição *casta* ante tudo aquilo que a possa macular neste mundo.

Esta virgindade estará ancorada na crença, a meu ver equivocada, da virgindade atribuída a Maria, mãe de Jesus, sendo importante, neste caso, e de acordo com as tradições, para se aproximar do Mestre e entrar no reino dos céus, possuir tal virgindade.

Óbvio que este nunca foi o discurso de Jesus, nem o dos primeiros cristãos, mas tornou-se o discurso daquilo em que o Cristianismo foi

transformado e infelizmente, também de alguns espíritas que, por uma questão de atavismo, chancelam e defendem isto como se a principal questão da vida fosse definir e defender esta tese ou a outra que a contraria.

As cartas falam ainda da excelência da pobreza, do desprendimento dos bens terrenos, e aqui se referem literalmente à pobreza material, inspirada e ancorada no exemplo de Jesus que nada possuía e que Francisco veio, doze séculos mais tarde, demonstrar ser possível de ser vivenciada em plena Idade Média.

Clara exorta Agnes a ter fé sempre, a jejuar diariamente, mas a ter cuidado com os excessos, cuidados que muitas vezes ela própria não teve. Diz ela textualmente à sua querida amiga:

*Como, todavia, o nosso corpo não é feito de ar, e a nossa força não é a força da pedra, mas somos débeis e sujeitas às enfermidades do corpo, rogo-te calorosamente no Senhor que te abstenhas do excessivo rigor da abstinência (...).*<sup>63</sup>

Em seu testamento, Clara pede que a irmã que irá substituí-la nunca se afaste dos exemplos de Francisco, a quem ela se refere sempre como *nosso beato pai Francisco* e que se esforce para mais servir que ser servida, amar que ser amada, pois somente assim se manterá fiel á Jesus e obterá fidelidade e obediência das irmãs que passará a liderar.

Clara desencarna em 11 de agosto de 1253, aos 60 anos.

Estavam presentes Frei Leão, Frei Ângelo e Frei Ginepro.

Deixou um legado de exemplos de socorro aos mais pobres, de amor aos doentes, de desprendimento das coisas terrenas, de um amor puro em meio às tempestades das nossas paixões, de fidelidade a Francisco que considerou santo e que proporcionou em seu coração uma mediação entre ela e o Cristo.

Deixando a bucólica Assis, ela se preparará para futuras reencarnações, nas quais novos testemunhos lhe serão pedidos e ela não os

recusará por amor Àquele mesmo Galileu que um dia acolhendo-a, mudou para sempre os destinos de sua alma sequiosa de paz.

## **Comentário de Divaldo**

A maior parte dos comentários a respeito de Francisco e Clara estão inseridos no capítulo anterior quando Divaldo narra aspectos e detalhes da vida de Joana de Cusa. Foram mantidos no início, a fim de não fragmentar a narrativa de Divaldo e quero crer, fazem uma *ponte* natural com tudo o que apresentamos neste capítulo.

Há, porém, uma singela história que Divaldo já contou inúmeras vezes para diferentes plateias e que é muito conhecida por todos os que admiram a relação fraterna entre Francisco e Clara.

Ela aparece em algumas biografias a respeito de Francisco é omitida em outras. Além dela, há uma informação rica de singeleza e que mostra como os corações que se amam permanecem vinculados apesar do tempo e das variadas experiências que as diferentes reencarnações vão nos propiciando.

Divaldo, existe alguma relação de subordinação de Joanna em relação a Francisco de Assis? Como se dá hoje esta relação no mundo espiritual?

*Ela me diz que reserva, invariavelmente, o domingo, para visitá-lo na esfera superior em que ele se encontra.*

*Há uma cena muito bonita que ela me narra e que se transformou numa lenda dentro do imaginário popular.*

*Ela estava na Porciúncula e ele foi visitá-la com aquele carinho que lhe era peculiar. Era inverno muito rigoroso e as visitas dele eram muito rápidas, ela o chamava de Pai. No momento em que ele se despedia, ela perguntou-lhe:*

— *Meu pai, quando o senhor vai voltar?*

*Ele respondeu-lhe:*

— *Quando as rosas se abrirem!*

*Era inverno, repito, e somente dali a algum tempo é que, por certo, as rosas se abririam, quando chegasse a primavera e a natureza recuperasse seus variados matizes e formas. Ele vai andando, enquanto ela prepara-se para entrar no monastério, mas para, e de repente, grita:*

— *Meu pai, volte, veja, as rosas se abriram!*

*É curiosa e bela esta narrativa, pois estando em Assis, cidade que já visitei átrio, justamente na Porciúncula, dão rosas o ano inteiro, independente da estação.*

*Quando eu tenho uma atividade mais significativa, num dia de domingo, é como se abrisse um canal entre nós e, do lugar onde se encontra, supervisiona e designa amigos espirituais para substituí-la. É o dia em que ela se abastece de energias, desintoxicando-se dos fluidos deletérios da convivência conosco. Nossos guias, ao defender-nos, proteger-nos, quase humanizam-se e necessitam, vez por outra, respirar também outros ares e terem outros contatos benfazejos, a fim de prosseguirem em suas tarefas.*

Trata-se de uma informação e uma história rica de um lirismo comovedor. Como os elos estabelecidos, um dia, permanecem e se fortalecem, tendo em vista a natureza dos vínculos e das tarefas abraçadas.

Clara e Francisco são colaboradores do Cristo e pela implantação dos postulados do Evangelho em nossos corações, vêm trabalhando, há muitos séculos, ela reencarnando e trazendo seu contributo direto, ele, do mundo espiritual, supervisionando inúmeras vidas, contando com uma falange imensa de trabalhadores encarnados e desencarnados.

É possível que também volte a reencarnar de modo a testemunhar

nova- mente seu amor imenso a Jesus, à Natureza e às criaturas em geral. Quando? Não sabemos. O certo é que, quando estiver entre nós, todos saberemos pelos seus exemplos de amor, que um emissário de Jesus voltou à Terra para reviver a pureza dos tempos apostólicos e nos tocar nas fibras mais íntimas do coração, tentando despertar-nos para os compromissos superiores assumidos antes de reencarnarmos.

Joanna reserva os domingos para este contato, vai ao encontro de quem a conhece bem e em cuja presença encontra alento, empatia, ternura. Embora tenha alcançado considerável progresso, não é um Espírito puro, tem também suas necessidades e procura preenchê-las, é também humana...

Como ninguém é insubstituível, há outros Espíritos que permanecem com Divaldo quando os labores exigem uma presença mais ostensiva e mesmo estando presente, imaginar Joanna, em tempo integral, com Divaldo seria fazer um sequestro do seu livre-arbítrio, atribuindo qualquer decisão do médium ao seu guia, o que seria algo totalmente incompatível com os postulados espíritas.

Hoje, a Porciúncula é o mundo, e todos nós temos uma *igreja* interna a (re)construir. Somos chamados por diversas vozes, diferentes sinais e apelos. Todos, sem exceção, temos algo a dar e a fazer, competindo a cada um definir o quê, quando, onde e a quem.

As rosas permanecem abertas e outras sempre se abrirão, só falta abrirmos o coração e irmos ao encontro de Clara e de Francisco abraçando a parcela da humanidade que nos cerca.

## **Mensagem de Joanna de Ângelis para Francisco de Assis**

Ao longo do tempo Joanna de Ângelis dedicou algumas páginas a Francisco por intermédio da psicografia de Divaldo. Uma delas está aqui, reproduzida na íntegra. As demais podem ser encontradas nos livros: A

*Serviço do Espiritismo, Nascente de Bênçãos e Jesus e Vida.*

## **Em louvor ao Irmão Sol**

*Quando chegaste à Terra, a noite medieval espalhava o terror, mantendo a ignorância em predomínio de que se locupletavam os poderosos para esmagar os camponeses e os cidadãos pobres.*

*Havia superstição e medo em toda parte, caminhando a humanidade sob o estigma do pecado e do vício que eram punidos com impiedade.*

*Tu chegaste e apresentaste a Verdade, que nunca mais deixou de iluminar a sociedade.*

*Existiam a perversidade sem disfarce e a discriminação de todo tipo havendo-se tornado o homem o lobo do homem, assim ficando desprezível.*

*Na tua simplicidade santa cantaste o hino de louvor a todas as criaturas, chamando-as docemente de irmãs.*

*Permanecia epidêmico o ódio, que espalhava o bafio pestilento das guerras intérminas, deixando os campos juncados de cadáveres que apodreciam a céu aberto...*

*Tua voz, suave e meiga, entoou, então, o canto da paz, e te fizeste o símbolo da verdadeira fraternidade que um dia se estenderá por toda a Terra.*

*As epidemias dizimavam os seres humanos, reduzidos a hilotas do destino insano, dentro da terrível fatalidade do sofrimento sem termo.*

*A fé religiosa com sua pompa extravagante amparava-se nos fortes e os ajudava a perseguir e malsinar os fracos, mas tu tiveste a coragem de despir-te das sedas e brocados do teu pai, desnudando-te, para nascer novamente, dedicando-te, a partir daquele momento, aos leprosos de*

*Rivotorto...*

*No início do teu ministério, quando se aproximaram os primeiros servidores do Amor, riscaste no chão uma cruz e enviaste-os aos quatro pontos cardeais do mundo para que todos conhecessem o Sol de Primeira Grandeza. Enquanto Ele os houvera enviado dois a dois, tiveste a coragem de os encaminhar a sós, porque sabias que Ele seria o companheiro inseparável daqueles abençoados heróis do amor em todos os seus momentos.*

*Num período em que a fé religiosa inspirava pavor, aqueles que se consideravam representantes de Deus no mundo, distanciando-se cada vez mais das ovelhas que deveriam pastorear, tomaste a vestimenta da ovelha branca e reuniste aquelas desgarradas, formando um novo rebanho...*

*Nos teus dias, e mesmo um pouco depois, ninguém te resistia a presença, a voz, a vibração de inefável amor...*

*Nem mesmo o lobo feroz de Gúbio ou as andorinhas gárrulas, que te perturbavam a canção de amor, quando cantavas aos ouvidos atentos dos sofredores no altar da Natureza, fazendo-as calar-se.*

*No forte verão, quando tinhas a vista queimada pelo ferro em brasa e estavas ao ar livre, percebeste pelo zumbido das abelhas que lhes faltavam pólen e flores para fabricar mel. Não trepidaste em solicitar à tua irmã Clara que providenciasse do monastério o alimento para aquelas irmãzinhas laboriosas...*

*Quem se atreveu a comportar-se dessa forma, depois dEle, a quem tanto amas-te, a ponto de imitá-LO em todos os teus momentos, a partir do instante em que Ele te chamou para a reedificação da Sua igreja moral que estava em escombros?*

*Oh! Irmão Cantor dos desesperados e esquecidos!*

*O mundo moderno, rico de glórias ligeiras e pobre de sentimentos, orgulhoso das suas conquistas rápidas, mas que não nota a imensa aflição*

*em que estorcegam as multidões famintas e excluídas da sua sociedade, vivendo uma insuperável noite de horror e de incertezas, necessita de ti com muita urgência.*

*Nunca houve tanta carência de amor quanto agora, por isso, o teu canto virá diminuir a angústia que se transformou em patética afligente na Terra sofredora.*

*Há, sem dúvida, grandezas que defluem da ciência e da tecnologia, mas a solidão, a ansiedade, o medo e as incertezas, todos eles filhos do materialismo insensível produzem o vazio existencial, os transtornos psicológicos graves, as doenças psicossomáticas, a loucura pelas drogas, pelo alcoolismo, pelo tabaco, pelo sexo desvairado, levando suas vítimas à fuga pelo suicídio injustificável.*

*Volta, Irmão Francisco, para novamente reunir as tuas criaturas, todas elas à tua volta como fizeste naqueles dias já recuados, conduzindo-as a Jesus.*

*Novamente convoca os teus irmãos Leão, Rufino, Chapéu, assim como aqueles outros que contigo construíram o mundo que te escuta há oitocentos anos, mas não têm coragem hoje de seguir-te os passos.*

*Quantos te abandonaram após a tua volta ao Grande Lar?!*

*Ainda escutamos o silêncio da deserção deles na turbulência das atrações de onde haviam saído e para onde retornaram com avidez...*

*Eles estão novamente, na Terra, aturdidos, saudosos, aguardando a tua voz que conhecem e não conseguem esquecer.*

*A tua Assis querida agora está ampliada além das muralhas em que se resguardava, e a sociedade em agonia deseja pertencer-lhe à cidadania.*

*Há música no ar, silêncio nos corações e lágrimas nos olhos de quase todas as criaturas destes dias de inquietações e de incertezas.*

*Em decorrência, há uma grande expectativa denunciando a espera...*

*Volta, por favor, Irmão Alegria, a fim de que a tristeza do desamor bata em retirada e uma primavera de bênçãos tome conta de tudo.*

*O céu azul que te agasalhou e os campos verdes com lavanda perfumada que os teus pés feridos pisavam, continuam aguardando-te.*

*Há multidões que te vêm louvar, bulhentas e festivas, mas indiferentes ao teu chamado, sem valor para te seguir.*

*Canta, então, novamente, a tua oração simples, com que nos brindaste naqueles dias inesquecíveis, e onde houver desespero faz que se manifestem a paz e a esperança, e ante a ameaça da morte iminente, o ser ressurgja em júbilos ante as certezas da ressurreição, porque é morrendo que se vive para sempre.*

*Irmão Sol, a grande noite moral da atualidade te aguarda ansiosa!*

Joanna de Ângelis

(Página psicografada pelo médium Divaldo Pereira Franco, na tarde do dia 3 de junho de 2009, junto à tumba de Francisco, ao lado de diversos amigos, em Assis, Itália)

---

<sup>50</sup> *Vida de Santa Clara de Assis*, de Tomás de Celano, ed. Minerva, cap. 1.

<sup>51</sup> *Sobre o Amor*, de Carl Gustav Jung, ed. Ideias e Letras, p. 23 e 24.

<sup>52</sup> *O Grande Enigma*, de Léon Denis, ed. FEB, pt. 2, cap. 14.

<sup>53</sup> *Vida de Santa Clara*, de Tomás de Celano, ed. Minerva, cap. 1.

<sup>54</sup> *O Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec, ed. FEB, item 872.

<sup>55</sup> *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, de Allan Kardec, ed. FEB, cap. 17, item 11.

<sup>56</sup> *Op. cit.* cap. 5, item 26.

<sup>57</sup> Sarracenos era o nome pelo qual os cristãos da época medieval designavam os árabes ou os muçulmanos.

<sup>58</sup> *Vida de Santa Clara*, de Tomás de Celano, ed. Minerva, cap. 1.

<sup>59</sup> CID – 10, p. 154.

<sup>60</sup> *A Gênese*, de Allan Kardec, ed. FEB, cap. 14, itens 31 a 34.

<sup>61</sup> *O Problema do ser, do destino e da dor*, de Léon Denis, pt. 3, cap. 20.

<sup>62</sup> *Caminho, Verdade e Vida*, do Espírito Emmanuel, psicografia de Francisco Cândido Xavier, ed. FEB, Interpretação dos textos sagrados.

<sup>63</sup> *Vida de Santa Clara de Assis*, de Tomás de Celano, ed. Minerva, cap. 2.

TERCEIRA PARTE

*Juana Inés de La Cruz*





*Ela nunca se envergonhou de ser mulher e sua obra é uma exaltação do espírito feminino.*<sup>64</sup>

Octavio Paz

A fonte mais segura e mais repleta de informações sobre nossa personagem é a obra de Octavio Paz, Sor Juana Inés de La Cruz, a qual recorro tanto para as citações literais quanto para as paráfrases.

Segundo informações dadas por Divaldo, Octavio Paz é a reencarnação de Núñez de Miranda, padre que foi o confessor de Juana Inés e um dos responsáveis pela dispersão da sua obra após sua desencarnação.

O confessor reencarna, torna-se um grande intelectual mexicano e inspirado por ela, desejosa de ver o que produziu preservado e percebendo a culpa que provavelmente estava presente no inconsciente dele, pela maneira como conduziu sua relação com ela, inspira-lhe a pesquisa e a busca pelos seus escritos.

Paz é, portanto, a grande referência, quando se deseja conhecer algo a respeito desta enigmática freira do século XVII, até mesmo porque conviveu com ela nessa reencarnação e sem o saber, em pleno século XX, repara alguns dos equívocos cometidos quando era padre e ouvia suas confissões.

Juana (1651-1695) nasceu e viveu na chamada Nova Espanha, que na época era constituída pelo México, Índias Ocidentais e América Central. Nasceu na segunda metade do século XVII, numa sociedade dividida em classes que se constituíam por um lado no mundo pré-colombiano, marcado pela cultura indígena e por outro, pela forte presença da coroa espanhola, aliada ao poder teológico do catolicismo espanhol.

Tratava-se de uma sociedade intolerante com as heresias e com qualquer desobediência ao monarca e seus representantes.

A colonização espanhola teve como marca a exploração com total

desconsideração pela cultura indígena. Com isso os *deuses* populares fugiram e retornaram sincretizados no movimento evangelizador da Contra Reforma, que, além de outras coisas, trouxe o batismo como possibilidade dos índios ingressarem na nova ordem política, jurídica e religiosa e não se sentirem tão marginalizados.

Nessa rígida estrutura que se mostrava fechada a mudanças, não era fácil ser mulher, pois ao sexo feminino era vedada qualquer possibilidade de entrada na universidade e em outras instituições de ensino superior. Só restava à mulher o casamento, o mundo da corte ou o da Igreja. Só lhe restava a subordinação.

## **A infância**

Juana Ramírez de Asbaje nasceu em 12 de novembro de 1651, num pequeno povoado chamado San Miguel Nepantla, localizado aos pés de um vulcão situado no vale de Cuernavaca.

Era filha de Isabel Ramírez de Santillana e de Pedro Manuel de Asbaje y Vargas Machuca. Seu pai, militar espanhol, era arrendatário de duas fazendas que pertenciam à Igreja Católica: uma em Nepantla onde ela nasceu e outra em Panoayán, onde foi criada.

Juana tinha quatro irmãs e um irmão, sua mãe se casou duas vezes e ela era fruto do primeiro casamento.

Eram características marcantes da menina Juana:

- Gostava de ouvir histórias.
- Era muito criativa.
- Praticava travessuras.
- Abstraía-se nos jogos infantis, pulando e cantando com gosto.
- Ficava séria e compenetrada em muitos momentos.
- Era curiosa como toda criança saudável.

Octavio Paz afirma que por terem-lhe dito que o queijo deixava as pessoas abobadas, ela se recusava a comê-lo, pois tinha mais vontade de saber do que de comer.

Não se sabe se ela era gulosa, e a história foi inventada para conter a menina comilona ou se uma brincadeira feita por algum adulto foi levada a sério por ela.

Com três anos pediu à professora de uma de suas irmãs mais velhas que lhe ensinasse as mesmas lições, dizendo que sua mãe fizera tal solicitação, isto sem que a sua mãe soubesse.

Aos sete anos aproximadamente já sabia ler e escrever e foi por volta dessa época que, desejando um dia poder entrar numa universidade, ouviu seu pai dizer que lá ela só entraria se fosse vestida de homem. Ela não se fez de rogada, pediu à mãe que, quando chegasse a hora, fizesse o favor de vesti-la de homem e a mandasse para a universidade.

Aos oito anos foi viver por pouco tempo com seu avô na Cidade do México, mas tempo suficiente para ter acesso aos livros que ele mantinha sobre alguns móveis de sua casa, satisfazendo assim seu desejo e sua curiosidade de saber mais a respeito de tudo um pouco. Esse mesmo avô desencarnou pouco tempo depois deixando, possivelmente, uma lacuna em seu coração.

Já adolescente passou a morar com uma tia materna, e pouco tempo depois, foi apresentada na corte à marquesa de Mancera, dona Leonor de Castro, mulher culta e afeita às letras. Percebendo-lhe a educação esmerada, a inteligência refinada, a beleza e a pureza da jovem, além da sua condição social, a marquesa a adotou como se fora sua própria filha, embora já tivesse uma.

Um padre jesuíta chamado Calleja, autor de uma biografia sobre Juana Inés, ouviu do marquês de Mancera, cinco anos após a desencarnação de Juana e um bom tempo depois de ter ele deixado o México, que este

ainda se lembrava de um episódio referente a Juana quando era moça. Vejamos o que escreveu o padre e Octavio Paz reproduziu em seu livro:

*O senhor marquês de Mancera (...) contou-me duas vezes que, tendo grande admiração por Juana Inés, ao nela ver tanta variedade de notícias (...) quis saber se essa sabedoria tão admirável era infusa ou adquirida ou artifício não-natural, e reuniu um dia em seu palácio quantos homens professavam letras na Universidad e na Cidade do México. O número de todos chegaria a quarenta e nas profissões eram vários, como teólogos, escrivães, filósofos, matemáticos, historiadores, poetas, humanistas e não poucos dos que por alusivo gracejo chamados ‘tertúlios’, que sem ter cursado por destino faculdades, com seu muito talento e alguma aplicação costumam fazer, não em vão, muito bom juízo de tudo (...). Concorreram, pois, no dia determinado ao certame de tão curiosa admiração; e testemunha o senhor marquês, que não cabe em humano juízo acreditar no que viu, pois diz que à maneira de um galeão real – translado as palavras de Sua Excelência – se defenderia de alguns barquinhos que sobre ela investiram, assim se desembaraçava Juana Inés das perguntas, argumentos e réplicas que tantos, cada uma em sua classe, lhe propuseram. Que estudo, que entendimento, discurso e memória seria mister para isso?<sup>65</sup>*

Nesta fase, já praticamente adulta, Juana foi identificada pelos seguintes predicados:

- Talento rápido nas conversações.
- Habilidade dialética.
- Felicidade e graça nas improvisações.
- Capacidade de grande reflexão.
- Grande paixão intelectual.
- Grande capacidade imaginativa.

Estas poucas características reveladas nos documentos históricos,

também aparecem nas raras vezes em que se refere a sua infância.

Estudou sozinha, sem professores, apenas com os livros.

Durante os anos em que foi dama de companhia da vice-rainha, Juana não demonstrou vocação religiosa, mas se destacava pela beleza, discrição e pelo saber que impressionava a todos, isto por ser muito jovem e especialmente por ser mulher.

Embora não tenhamos acesso a maiores relatos sobre as relações familiares de Juana, chama atenção o fato de que em sua família as mulheres tenham-se destacado pela independência e pela coragem. Com a morte do avô, sua mãe, Isabel Ramírez, passou a administrar a fazenda de Panoayán e nela permaneceu por mais de trinta anos. Uma irmã de Juana, Josefa, conseguiu, a partir de um empréstimo obtido por Juana Inés com a hipoteca de algumas joias, obter certa quantia para comprar outra fazenda e administrá-la à revelia do marido que a havia abandonado.

Dá para entender que não foi apenas o Espírito Juana que trouxe uma bagagem considerável de experiências e conquistas de suas vidas anteriores, os meios social e familiar, aparentemente adversos, também contribuíram para a construção de uma biografia tão singular e para as escolhas feitas por ela.

## **Os conventos**

Fazendo a mediação entre a corte e a Igreja estava o convento que, embora fosse uma instituição religiosa, tinha também funções econômicas, além de outras atividades.

Os conventos não eram apenas centros de ensino (música, teatro, costura, bordado, culinária) e vivência religiosa, tinham também como função sustentar hospitais, orfanatos, asilos, hospícios e albergues para pessoas desamparadas. Possuíam influência considerável até sobre o mercado agrícola, pois tinham grandes extensões de terra.

Existiam conventos para as filhas dos conquistadores e homens ricos e aqueles destinados para as criollas<sup>66</sup>, tudo refletindo a hierarquia social vigente.

Os lucros dos conventos e mosteiros com a venda de hortaliças e frutas cultivadas nas hortas e os recursos advindos dos aluguéis das fazendas e sítios não eram pequenos.

As Ordens eram ricas, mas os padres e as freiras, curiosamente, não.

Sobre a população dos conventos Paz afirma que as freiras tinham empregadas e até escravas. Além delas, viviam lá as *meninas*, jovens que a família internava temporariamente ou em definitivo visando a aprendizagem ou a carreira monástica.

Havia uma proporção de três empregadas para cada freira e algumas celas eram tão grandes que podiam abrigar até uma família inteira.

No convento de San Jerónimo, na Cidade do México, onde viveu Juana, havia celas de dois andares. Isto com banheiro, cozinha, uma pequena sala e um quarto. Com isso, nem sempre as refeições e os trabalhos coletivos eram respeitados.

Apesar do voto de pobreza, era possível encontrar freiras muito bem trajadas e possuidoras de bens e joias. Os retratos históricos de Juana Inés revelam bom gosto e elegância em seu traje.

Se os conventos eram um reflexo da estrutura social vigente, logo, era possível encontrar rebeliões, intrigas, represálias, invejas. Neles havia também uma hierarquia que resultava das eleições feitas a cada três anos, onde se elegiam a abadessa, a vigária, as professoras de noviças, as porteiras, as vigilantes, as economistas, contadoras, arquivistas e bibliotecárias. Juana foi arquivista e tesoureira, ficando nesta segunda função cerca de nove anos.

A clausura também não era respeitada, embora não saíssem do convento, recebiam muitas visitas que se transformavam em grandes

tertúlias. Neles também ocorriam apresentações de teatro, cantos e bailes apresentados pelas meninas educadas pelas freiras.

Frades também visitavam freiras e com elas conversavam através de grades de madeira, enquanto as ouviam falar e cantar, saboreavam os quitutes que as mais prendadas preparavam. Algumas outras chegavam a receber visitas em suas próprias celas.

De acordo com fontes históricas citadas no livro de Paz, em fins do século XVII a população da Cidade do México era de aproximadamente vinte e oito mil pessoas e havia vinte e nove conventos de freis e dois apenas de freiras.

Octavio Paz afirma que Juana conseguiu manter-se relativamente distante tanto do ascetismo fanático quanto da excessiva frivolidade, permanecendo como uma consciência lúcida no ambiente que escolheu para viver e se relacionar por mais de vinte anos. Apesar disso, não poucas vezes enfrentou intrigas e chateações movidas por outras freiras.

Juana, em seu autodidatismo, leu muito sobre mitologia, filosofia, jurisprudência, história e além de ter escrito livros, poesias e peças teatrais, escreveu também muitas cartas.

O mesmo Octavio Paz afirma que nos conventos femininos o nível intelectual, a produção artística, filosófica e científica era pequena e que Sórora Juana Inés foi uma exceção.

## **Por que escolheu o convento?**

Aos dezenove anos entrou para o Convento de São José de las Carmelitas Descalças, ficando por lá três meses, mas se deparou com uma Ordem muito severa, o que a fez regressar ao mundo, sem, contudo, desistir da ideia de ser freira. Tanto que, em 1669, aos vinte e um anos, entrou para o Convento de San Jerónimo, numa Ordem conhecida pela brandura.

A escolha pelo convento no século XVII não se dava exclusivamente por vocação, por um chamado divino. Juana era uma católica sincera, mas viver como religiosa nesse tempo era como escolher uma profissão e a ela dedicar-se. Vestia-se o hábito por questões familiares, por se estar sozinha no mundo, por não se ter um dote, por necessidade de sobrevivência econômica, por não ser correspondida em um amor impossível e também por autêntica vocação.

A personalidade que parece ter sido decisiva para Juana se tornar freira foi aquele que mais tarde se tornaria o seu confessor, o padre Jesuíta Antonio Núnes de Miranda, crioulo, homem de vasta cultura teológica e filosófica, membro do tribunal da Inquisição, além de figura muito devotada aos conventos, inclusive, era diretor espiritual de muitas freiras. A elas solicitava sempre a manutenção de quatro votos: *pobreza, castidade, obediência e clausura*.

Consta que, vez por outra, se *comunicava* com aqueles que já haviam partido. O que equivale dizer que era médium, isto é, sentia num grau qualquer a presença e a influência dos Espíritos.

Acredita-se que o dote que Juana Inés teve que conseguir para entrar para a vida monástica foi obtido graças à sua intervenção junto a algum homem de posses.

Curiosamente entraram também para esse mesmo Convento de San Jerónimo, em outros momentos, uma sobrinha de Juana e duas filhas de uma meia-irmã, ou seja, três sobrinhas.

Mas é a própria Juana quem revela o móvel da sua ação numa de suas cartas.

*Fiz-me religiosa porque, embora soubesse que essa condição tinha muitas coisas (falo das acessórias, não das formais) repugnantes ao meu temperamento, contudo, para a total negação que possuía ao matrimônio, era o menos desproporcionado e o mais decente que podia escolher em*

*matéria da segurança que desejava para minha salvação; e por isso cederam a todas as pequenas impertinências do meu caráter: querer viver sozinha; não querer ter ocupação obrigatória que atrapalhasse a liberdade do meu estudo, nem rumor da comunidade que impedisse o sossegado silêncio de meus livros.*<sup>67</sup>

Nessa declaração, inserida numa carta enviada a um superior seu, ela justifica seu amor ao saber, não abominando o casamento, considerando que tinha pessoas do seu círculo de relações que eram casadas e até por entender que pelo casamento também se serve a Deus, mas por se reconhecer sem vocação ou vontade para essa experiência.

Tudo leva a crer que tal experiência não foi programada em seu planejamento reencarnatório, tendo em vista o que ela escolheu e priorizou nessa vida em terras mexicanas.

Interessante que ela não menciona a busca por santidade, elevação espiritual, mas queria levar uma vida decente.

Vale lembrar que o amor também não era uma condição essencial para alguém se casar, as conveniências falavam mais alto naquela época.

A vida como freira era o único caminho de acesso ao conhecimento, pois não poderia ser solteira e letrada e o casamento, dada a condição e o papel exercido pela mulher em seu século, também não lhe permitiria a realização deste desejo.

Com sua escolha, seus escritos, suas bandeiras e sua vida de dedicação ao conhecimento, deixando claro que não a movia uma vocação religiosa, ao menos não nos moldes tradicionais, Juana antecipou algo do feminismo dos tempos modernos.

Se mais tarde recusou seus livros e foi cuidar dos pestosos, foi em razão das perseguições que passou a sofrer de todos os lados e também porque em seu inconsciente havia a presença de Jesus, de Francisco e da personalidade que ela animara quando esteve na indumentária de Clara.

Ela ouve um chamado na acústica de sua alma e vai ao encontro dos pestosos, exatamente como fizera Clara, indo atender os leprosos que viviam em Rivortorto, nas proximidades de Assis.

## **Produção literária**

Em suas composições artísticas e literárias Juana incluiu a fala popular dos mulatos, criollos e até a cultura indígena. Poliglota, falava seis idiomas, entre eles o português.

Juana colecionava aparelhos técnicos e era pintora miniaturista.

De acordo com informações de Divaldo Franco<sup>68</sup>, ela é considerada por muitos intelectuais como a primeira feminista das Américas, possivelmente a primeira teatróloga do continente e também uma das maiores poetisas de língua hispânica. O México a reverencia como uma mulher revolucionária.

Boa parte do que escreveu é composto de homenagens, cartas, poemas para lamentar a desencarnação de alguém ou festejar o aniversário de alguma figura do seu tempo, peças de teatro, romances, comédias, tudo isto escrito com grande versatilidade, elegância e fluência vocabular.

Conhecida como a *Monja da Biblioteca*, tinha um acervo particular de aproximadamente 1500 livros, outras fontes já afirmam que o acervo era de 4000 ou 5000 obras e há quem afirme que eram 8000 volumes. Independente do número correto, o fato é que tinha muitos livros e deles fazia uso constante.

Suas obras foram publicadas pela primeira vez em Sevilha, Espanha, graças à iniciativa da Condessa de Paredes que, junto com seu esposo, Marques de La Laguna, foram vice-reis na Nova Espanha depois do casal Mancera e tornaram-se amigos de Juana. No segundo volume de seus escritos é que se encontram o longo poema *Primeiro Sueño* e a *Carta Atenagórica*, considerada pelo escritor e crítico, Alberto Salceda, como a

*Carta magna da liberdade intelectual da mulher americana.*<sup>69</sup>

A mesma fluência encontramos nos livros que ela enviou sob o pseudônimo de Joanna de Ângelis ao médium Divaldo Franco, suscitando, muitas vezes, comentários de que o seu vocabulário é muito difícil e pouco acessível a pessoas que não tenham o hábito da leitura.

A este respeito, narra Divaldo que um dia abordou a benfeitora desejando saber por que ela escrevia neste estilo, dizendo-lhe que algumas pessoas achavam difíceis os seus textos. Ela então lhe respondeu:

— *Porque o Espiritismo é, acima de tudo, uma doutrina de cultura e nós não devemos adotar a gíria ou uma linguagem vulgar para facilitar o nível da conversação. Vamos utilizar uma linguagem que eleve o grau de entendimento da criatura.*<sup>70</sup>

Quando Joanna se refere ao vocabulário, é possível que sua resposta hoje recebesse alguma contestação à luz de algumas teorias sociolinguísticas que afirmam que o mais importante é se estabelecer uma interlocução, que haja entendimento entre os interlocutores, mais do que se a comunicação foi ou é estabelecida pela norma culta ou coloquial.

O fato é que este é o seu estilo, sua identidade e muita gente se afina tanto com a forma quanto com o conteúdo de tudo aquilo que ela escreve, do contrário seus livros não teriam recebido sucessivas reedições.

Trata-se de um Espírito que deseja estimular o uso do dicionário, a pesquisa, incentivar as pessoas a pensar, aprender a argumentar, refletir, utilizando-se de um jeito próprio de construir frases, narrar histórias, analisar fatos. Não devemos esquecer que Joanna possui também obras bem acessíveis como *Episódios Diários*, *Vida Feliz*, a série “*Momentos*”.

Segundo Paz, *a literatura novo-hispânica foi escrita por homens e por eles lida. Por isso, é realmente extraordinário que o escritor mais importante da Nova Espanha tenha sido uma mulher.*<sup>71</sup>

## O que foi a carta atenagórica?

A Carta Atenagórica foi uma carta escrita em 1690 por Juana Inés a Sor Filotea de La Cruz, pseudônimo do bispo de Puebla, Manuel Fernández de Santa Cruz, amigo e protetor de Juana, na qual é feita uma crítica a um dos sermões do Padre Antonio Vieira, intitulado *Sermão do Mandato*. Este sermão foi elaborado a partir de uma frase de Jesus contida no Evangelho de João quando este diz que um novo mandato ou mandamento nos dava, o de que nos amássemos uns aos outros como Ele nos amou.

O padre Antonio Vieira escreveu vários sermões do mandato, mas o que Juana Inés critica foi o pronunciado no ano de 1650, quando ela não tinha nem nascido, isto, segundo as fontes que assinalam a data do seu nascimento ou se desejarmos admitir que nasceu em 1648, conforme consta na certidão de batismo, ela teria então dois anos.

Por que então incomodar-se com um pronunciamento feito há aproximadamente quarenta anos? Qual a validade dessa crítica teológica se, ao que tudo indica, a teologia não era o objeto maior de suas reflexões?

Há todo um questionamento a respeito de qual teria sido a maior fineza, o maior e mais nobre gesto de Jesus, para tanto, Antonio Vieira cita o que para Santo Agostinho, São Tomás de Aquino, São João Crisóstomo seria esta maior fineza e ao final do sermão se posiciona, apresentando sua visão.

Não parece que semelhante questão fosse assim algo tão interessante aos olhos de uma monja culta e ainda mais sendo um Espírito, já naquela época, com considerável cabedal de aquisições espirituais. Por outro lado, se estava à frente de seu tempo, não deixou de sofrer as influências do contexto onde viveu. Mas, ao que tudo indica, a polêmica tinha um alvo que não era o padre Vieira, nem o irmão Filotea, mas o arcebispo mexicano Aguiar y Seijas, admirador contumaz do padre português e desafeto do bispo de Puebla, amigo de Juana.

Aguiar era um homem austero, formal em excesso, piedoso, mas ferrenho combatente das liberdades existentes nos conventos e inimigo declarado das mulheres, das quais procurava manter distância evitando qualquer contato. Em sua casa mulheres não entravam, não cozinhavam, não cantavam. Além disso, não gostava de teatro, espetáculos públicos e touradas. Chegava a trocar livros sacros por livros de comédia com os livreiros de modo a se livrar destes, pois a comédia não era um gênero que lhe apetecia nenhum pouco.

Você leitor (a) deve estar pensando que homem chato ou esquisito deveria ser ele, concordo com você! Além disso, carregava questões mal resolvidas em relação à sua sexualidade.

Juana pede a Sor Filotea que guarde apenas para si a carta e que se ela viesse a público, eximia-se de qualquer responsabilidade, além de deixar claro que a carta havia sido encomendada por alguém superior a ela, cujo nome fazia questão de manter no anonimato.

Havia aí um duplo objetivo: discordar de Antonio Vieira, adorado por Aguiar e também o de afrontar a este pelo fato da crítica partir de uma mulher, criatura sempre desprezada pelo arcebispo.

Sor Filotea de La Cruz lhe respondeu agradecido pela carta, tecendo comentários sobre a liberdade da mulher em buscar o saber, desde que permaneça obediente aos seus superiores e que subordine seus estudos ao que propõem as sagradas escrituras. Antevendo os ataques que ela receberia, de forma a prepará-la e também protegê-la, faz críticas à postura de Sórora Juana, mas ao mesmo tempo não deixa de publicar a carta.

Se ambos arquitetaram a carta, talvez não tivessem dimensão do alcance que ela teria e como repercutiria no meio católico, mas se já anteviam os riscos a que Juana estaria exposta, entenderam que valeria a pena pagar o preço, tendo em vista a mordaza que o arcebispo impunha sobre a comunidade secular e religiosa e que algo precisava ser feito no sentido de levar as pessoas a pensarem um pouco e não serem tão

subservientes.

A partir de então começa uma série de perseguições a Sórora Juana, que ficando só, nessa posição, resolveu então escrever uma resposta à carta de Sor Filotea.

Essa resposta, mais do que a primeira carta, é uma defesa do saber, da liberdade de versificar, defesa do sexo feminino mesmo, pois percebe que a atacam na sua condição de mulher. Apresenta igualmente um exame de consciência honesto e lúcido, como talvez poucos religiosos de seu tempo estivessem preparados para fazê-lo.

Nela, Juana justifica que a procura por outros saberes que não o teológico apenas, foi um caminho que decidiu percorrer até para melhor entender as sagradas escrituras.<sup>72</sup>

Abandonada, é atacada até pela bela caligrafia que possuía, pois afirmavam que uma letra tão bela só era cabível a um homem e não a uma mulher.

Ainda assim não se deixa abater e defende o direito das mulheres de seu tempo terem acesso aos saberes ditos profanos, justificando mais uma vez que, sem esse saber, não seria possível bem compreender as escrituras. Rejeita a ideia de que a mulher era um ser inferior, afirmando que a tolice não era atributo exclusivo do sexo feminino, nem a inteligência privilégio do universo masculino.

Cita mulheres religiosas que foram cultas e vultos da história do Cristianismo que cultivaram a poesia.

A questão é que esta segunda carta não é uma retratação da primeira, mas um brado de liberdade de quem não concebia viver sem cultura, de quem ansiava pela libertação das algemas do machismo e do autoritarismo da Igreja, alguém que desejava retornar à beleza primitiva do Evangelho que vigorou no cristianismo nascente.

Se defende a necessidade da mulher ter acesso ao conhecimento,

apesar de, ao tempo de Clara, concordar com a visão de Francisco, de que bastava o Evangelho, era porque naquele contexto esta bandeira precisava ser desfraldada. E convenhamos, o Evangelho bem compreendido é uma exaltação não apenas ao valor da mulher, mas de um profundo respeito às diferenças.

Numa outra carta que escreveu ao seu confessor no auge da crise, Juana menciona o quanto desagradava a ele vê-la fazendo versos, escrevendo cartas e mantendo contato com o palácio dos vice-reis. Mas, percebendo que a postura do confessor era também machista e opressora, afirma mais uma vez que não vê porque uma mulher não possa estudar e mesmo que lhe proibam publicamente, por que não poderá essa fazer seus estudos em particular. Diz ela num fragmento que retiramos de sua carta:

*Não têm alma racional como os homens? Pois, por que não gozarão do privilégio da ilustração das letras com elas? Não são capazes de tanta graça e glória de Deus? Pois, por que não serão capazes de tantas informações e ciências? Que revelação divina, que determinação de igreja, que ditame da razão para nós fez tão severa lei?*

*As letras atrapalham, mas antes ajudavam a salvação? Não se salvaram Santo Agostinho, Santo Ambrósio e todos os demais Santos Doutores? E V. Reverendíssima provido de tantas letras, não pensa em se salvar?*

*Não estudou Santa Catarina, Santa Gertrudes, minha mãe Santa Paula sem atrapalhar sua alta contemplação nem a fadiga de suas fundações de até grego saber?*

*Pois, por que em mim é mau o que em todas foi bom? Só a mim me dificultam os livros para me salvar?*

*Por que há de ser mau que o tempo que eu havia de estar numa grade falando disparates ou numa cela murmurando tudo o que acontece fora e dentro da casa, ou brigando com outra, ou repreendendo a pobre*

*criada, ou vagando por todo o mundo com o pensamento, eu o retenha gasto com os estudos?*

*Não é Deus como suma bondade, suma sabedoria? Pois, por que há de ser mais aceita a ignorância que a ciência?*

*Canso eu a Vossa Reverendíssima com alguma coisa? Eu lhe pedi alguma coisa para o socorro de minhas necessidades?*

*Que precisão existe que esta minha salvação seja por meio de Vossa Reverendíssima? Não poderá ser por outro? Restringiu-se e limitou-se a misericórdia de Deus a um homem, embora seja tão discreto, tão douto e tão santo como Vossa Reverendíssima?*

*(...) não sei dizer as coisas de outro modo que não seja como as sinto (...).<sup>73</sup>*

Foi o preço que teve que pagar por ser uma consciência à frente do seu tempo e antecipar com sua postura, conquistas que viriam séculos depois.

## **Os últimos anos**

No livro *O Peregrino do Senhor*, Dona Altiya informa que no final do século XVII o México vivia um dos seus mais difíceis períodos em termos de subsistência. A seca, a lassidão do povo, a ignorância e a doença campeavam. As enfermidades precisando ser tratadas e as crianças da periferia ser alimentadas.<sup>74</sup>

Em abril de 1695, uma epidemia varre as terras mexicanas ceifando inúmeras vidas. Juana que, até então vinha se mantendo em seu isolamento, obteve uma reaproximação de seu confessor. Mas teve que pagar o preço que o reatamento exigia: doou seus livros, objetos pessoais e considerável quantia em dinheiro ao tal arcebispo que detestava mulheres.

Sensibilizada com a epidemia, se desdobrará no socorro às suas

irmãs do convento e a toda a população vitimada pela peste.

Abatida, cansada, fica doente e aos 17 de abril desse mesmo ano, ela desencarnou aos 44 anos de idade.

## **Comentário de Divaldo**

Há uma razão especial pela predileção do nome Joana?

*Muitas vezes, quando retorna certo Espírito, há uma evocação no seu inconsciente que os pais captam e dão-lhe o mesmo nome de existência passada. Ela elegeu o nome de Joana nessas várias reencarnações por ser um nome muito simples, segundo ela, o nome mesmo entre os latinos é de pessoa modesta, pobre. E esta coincidência sempre me impressionou, porque entre a reencarnação de Clara e Juana Inés de La Cruz, que também o nome civil era Juana de Asbaje, ela teve uma reencarnação anônima para poder preparar-se para a reencarnação como Juana Inés, isto por volta do século XV, século XVI, na Itália, e o nome também foi Joana.*

No México como no Brasil, a busca pelo convento teve como foco poder estudar, ter acesso ao conhecimento?

*No início, ela era uma jovem relativamente frágil, e sendo uma filha mestiça e muito bonita, o único lugar onde teria a oportunidade de desenvolver a cultura era na corte. Ela aprendeu latim ouvindo a mestra ensinar a irmã, com grande facilidade, utilizando a memória extracerebral, evocações do passado, naturalmente. Foi para a corte e nesse ambiente percebeu que havia muita futilidade, descobrindo também o quanto a mulher era desvalorizada, daí nasceu nela o sentimento feminista. E, logo depois, uma inclinação imensa por Jesus no seu inconsciente.*

*Depois de assistir algumas missas na igreja de São Domingos, na Cidade do México, ela resolveu procurar uma ordem de religiosas, mas a que encontrou e ingressou era muito severa e o seu organismo não*

suportou, levando-a a retirar-se. Depois se encaminhou para outra Ordem onde lhe seria possível cultivar as belas letras, sendo atraída por Jesus e pela possibilidade de divulgá-lo por meio da literatura. O móvel central foi Jesus e o imediato a cultura. Daí ela passou a ser chamada de A monja da biblioteca, por estar sempre lá pesquisando, lendo, escrevendo, chegando a ter, em seu acervo pessoal, cerca de cinco mil volumes, o que para a época era algo extraordinário. Isto, obviamente, escandalizou os religiosos da época, primeiro por ser uma mulher, a quem era vedada a oportunidade da cultura, depois, por ser uma religiosa, que se deveria dedicar à contemplação. Seu temperamento não era do tipo contemplativo e sim do portador da energia para a ação, tanto que resolveu doar todos os bens, inclusive a sua biblioteca particular pela perseguição movida pela madre superiora e assinou o seu testamento em sangue. Fez a doação e foi dedicar-se à ação. O seu inconsciente lhe trouxe de volta os leprosos de Rivortorto da época de Clara e aqueles outros leprosos do tempo de Jesus. Ela foi então cuidar dos pestosos, contaminando-se e desencarnando jovem.

Um detalhe curioso: ao tempo de Juana Inés estava reencarnado o Padre Antonio Vieira e ele se encontrava em Salvador, onde fez memoráveis discursos, sendo alguns deles muito ácidos em referência à Igreja. Ocorre que, do México, ela lhe endereçou uma carta reprochando a sua conduta, mostrando-lhe a dignidade da Igreja, a ele que era um homem muito culto. A sua carta foi publicada por um periódico chamado “O Imparcial”, aqui, na cidade do Salvador, na época.

Veja que coisa curiosa, ela do México faz um vínculo com a cidade de Salvador, aonde irá reencarnar alguns anos depois, desde que o período entre aquela reencarnação e a próxima, como Joanna Angélica, é bem curto. Então ela retorna ao proscênio terrestre para preservar a sua fidelidade a Jesus e à Igreja que era representação máxima do pensamento de Jesus, segundo a tradição religiosa.

*Agora, na condição de Joanna Angélica ela foi inspirada pelo Padre Antonio Vieira, ou seja, aquele com quem divergiu ontem, tornando-se lhe um aliado, um benfeitor.*

Assumir a defesa da mulher num século e numa sociedade tão machista, não foi uma fácil tarefa para Juana Inés, mesmo que já trouxesse na bagagem espiritual aquisições significativas no campo dos testemunhos em favor da verdade, da justiça e da própria condição feminina.

Qualquer avanço no campo da liberdade e da igualdade entre os sexos representava uma ameaça ao poder masculino dominante, por isso era necessário coibir de modo a manter a mulher numa condição de subserviência.

A própria sexualidade feminina sempre foi mantida num plano secundário, ignorada mesmo, posta muito abaixo da maternidade e qualquer mudança nesse sentido era encarada como uma violação aos papéis previamente definidos pela tradição histórica, religiosa e social.

Afirmando sua liberdade de escrever, Juana levantou a bandeira de todas as mulheres latino-americanas, desejosas de viver sua própria identidade, indo na contramão de sarcasmos, ironias e toda sorte de preconceitos.

Cesare Lombroso (1835-1909), médico criminalista italiano, professor da Universidade de Turim, figura que aparece nos anais do Espiritismo como alguém que teve contato com fenômenos espíritas, combateu-os para mais tarde deles se convencer, graças ao que presenciou junto a Eusápia Paladino, médium italiana, afirmava no século XIX que as mulheres muito intelectualizadas se revelariam criminosas natas. *E que seriam incapazes da abnegação, paciência e altruísmo que caracterizam a maternidade, função primordial que comandaria toda a organização biológica e psicológica da mulher.*<sup>75</sup>

Claro que ao escrever isso, ainda não se tinha impregnado da

mensagem espírita que passou a defender e divulgar, não se importando com a própria reputação nem com o que a comunidade científica pudesse pensar a seu respeito.<sup>76</sup>

Como conceber que uma mulher culta não tenha predicados para ser uma boa mãe? É o típico argumento sem sustentação lógica, filosófica, científica, usado apenas para confirmar o temor de que a mulher conhecendo, passe a questionar, ocupe lugares tradicionalmente masculinos, vote e possa ser votada, reivindique direitos.

Toda mulher tem direito de escolher o caminho que deseja trilhar, se é exclusivamente o da maternidade que lhe oferece realização, que viva esta opção com todo o amor que requisita esta escolha, mas se deseja igualmente estudar, trabalhar fora, praticar esportes, dedicar-se a alguma causa e da mesma forma ser mãe, precisará encontrar uma forma de harmonizar horários e poder acompanhar a contento a sua prole, o seu lar.

O fato é que, quanto mais atividades uma pessoa abraça, maiores as dificuldades em dar conta de todas elas.

O importante é que os cuidados com os filhos sejam prioritários, especialmente na infância e na adolescência, quando as presenças paterna e materna fazem-se mais necessárias. Neste sentido, cabe ao casal administrar bem esta situação de modo que a subtração da presença deles hoje não represente problemas complexos amanhã.

A conquista de certos direitos femininos é progressiva. No Brasil, por exemplo, somente em 1932 é que as mulheres conquistaram o direito a votar, e embora pareça algo tardio, nosso país foi o quarto do mundo, vindo logo depois do Canadá, Estados Unidos e Equador.

De acordo com o IBGE as mulheres no Brasil estudam mais do que os homens, embora continuem a ganhar menos.

Elas estão presentes em praticamente todas as profissões e para isto dois fatores contribuíram decisivamente: a queda da fecundidade, graças

aos métodos anticonceptivos e a escolarização, aumentando o nível de instrução.

Apesar disso e de algumas pesquisas indicarem que cerca de um quarto das famílias brasileiras são lideradas por mulheres, projeções da Organização Internacional do Trabalho indicam que no mundo todo as mulheres só ocuparão cargos mais altos em condição de paridade com os homens por volta do ano 2472.

Estatísticas e projeções também podem ser manipuladas de modo que tudo permaneça como está e regras injustas, modos arbitrários de ser e de se organizar existem para serem modificados.

Tanto que em 1918 a advogada Maria de Castro Rabelo Mendes se tornou a primeira diplomata brasileira.

Em 1949, a advogada e feminista Romy Medeiros da Fonseca liderou a luta pela criação do estatuto da mulher casada, apenas promulgado em 1962.

Em 1951, surgiu a descoberta química da pílula anticoncepcional a partir de pesquisas do mexicano Luis Miramontes, mas será Gregory Pincus, nos EUA, quem ficou conhecido como o *pai da pílula*. No Brasil ela somente seria aprovada em 1963.

Em 1960 surgiu o movimento feminista em maiores proporções, as mulheres ganharam as ruas exigindo igualdade de direitos entre os sexos, com as norte-americanas queimando sutiãs em praças públicas.

Em 1976 Shere Hite publicou o famoso *Relatório Hite*, apresentando um estudo sobre a sexualidade feminina.

Em 1977 a Lei do divórcio, de autoria do Senador Nelson Carneiro, foi sancionada no mês de dezembro.

A Constituição de 1988 reconheceu os direitos da união estável.

Em 2002 mães adotivas passaram a ter os mesmos direitos das mães

biológicas, com salário e licença maternidade.

Outro avanço que não pode ser esquecido é a Lei nº 11.340, conhecida como *Lei Maria da Penha*, que entrou em vigor no dia 22 de setembro de 2006, estabelecendo rigor nas punições para agressões contra a mulher, quando ocorridas no âmbito doméstico ou familiar.

Sabemos que inúmeras leis ainda não saíram do papel e que no mundo inteiro ainda há muito que se lutar pelo respeito à condição feminina, sempre tão aviltada. Também não se pode perder de vista que, em muitos lugares do Brasil e do mundo, em razão da ignorância quanto a seus direitos ou refém dos próprios medos e ameaças sofridas, milhares de mulheres seguem vivendo sob condições opressoras.

Mas afinal que é a mulher à luz do Espiritismo?

Dalva Silva Souza responde:

*A mulher é um Espírito reencarnado, com uma considerável soma de experiências em seu arquivo perispiritual. Quantas dessas experiências vividas terão sido em corpos masculinos? Impossível precisar, mas, seguramente, muitas se levarmos em conta os milênios que a humanidade já conta de experiência na Terra.<sup>77</sup>*

E Dalva segue em seu belo livro mencionando o próprio Codificador que, em defesa dos direitos femininos criou uma escola para moças em Paris. Ele também afirmou na Revista Espírita de 1866 que o reconhecimento dos direitos femininos é algo fundado nas leis da própria natureza.

Emmanuel sinaliza um ponto importante nesta mais que milenar relação entre os sexos. Diz o nobre Espírito que tanto o homem quanto a mulher *são portadores de uma responsabilidade igual no sagrado colégio da família; e se a alma feminina sempre apresentou um coeficiente mais avançado de espiritualidade na vida, é que, desde cedo, o Espírito masculino intoxicou as fontes da sua liberdade, através de todos os abusos,*

*prejudicando sua posição moral no decurso das existências numerosas, em múltiplas experiências seculares.*<sup>78</sup>

Por fim, chama a atenção nesta luta sem quartel que Juana trava pelos direitos femininos, a necessidade de uma ruptura, ao fim da vida, com a inveja, a perseguição, o machismo do seu tempo, a ignorância do clero, a indiferença dos poderes dominantes com os mais pobres. Cansada disso tudo, ela foi-se entregar a outros trabalhos e neles encontrou o alento que precisava. Para não mais sentir-se solitária, ela se tornou ainda mais solidária, partindo ao encontro dos que sofrem.

A informação dada por Divaldo quanto à inspiração do Padre Antonio Vieira, na reencarnação dela como Joanna Angélica, antecipa nosso próximo capítulo onde vamos conhecer um pouco mais sobre esta existência vivida na Bahia.

Antes, porém, quero registrar que uma amiga espírita muito bem humorada, certa feita me perguntou se eu sabia por que é que o Espírito depois de reencarnar como homem não reencarna mais como mulher. Disse-lhe que não sabia, já antevendo uma piada e não deu outra. Eis a resposta dela:

— *Um Espírito que foi mulher numa vida não reencarna mais como homem, simplesmente porque o Espírito não regride.*

É claro que discordei, mas rimos juntos, enquanto eu pensava num *jeito fraterno de me vingar.*

---

<sup>64</sup> Sor Juana Ines de La Cruz, de Octavio Paz, ed. CFE, pt. 6, cap. 3.

<sup>65</sup> Sor Juana Ines de La Cruz, de Octavio Paz, ed. CFE, pt. 2, cap. 3.

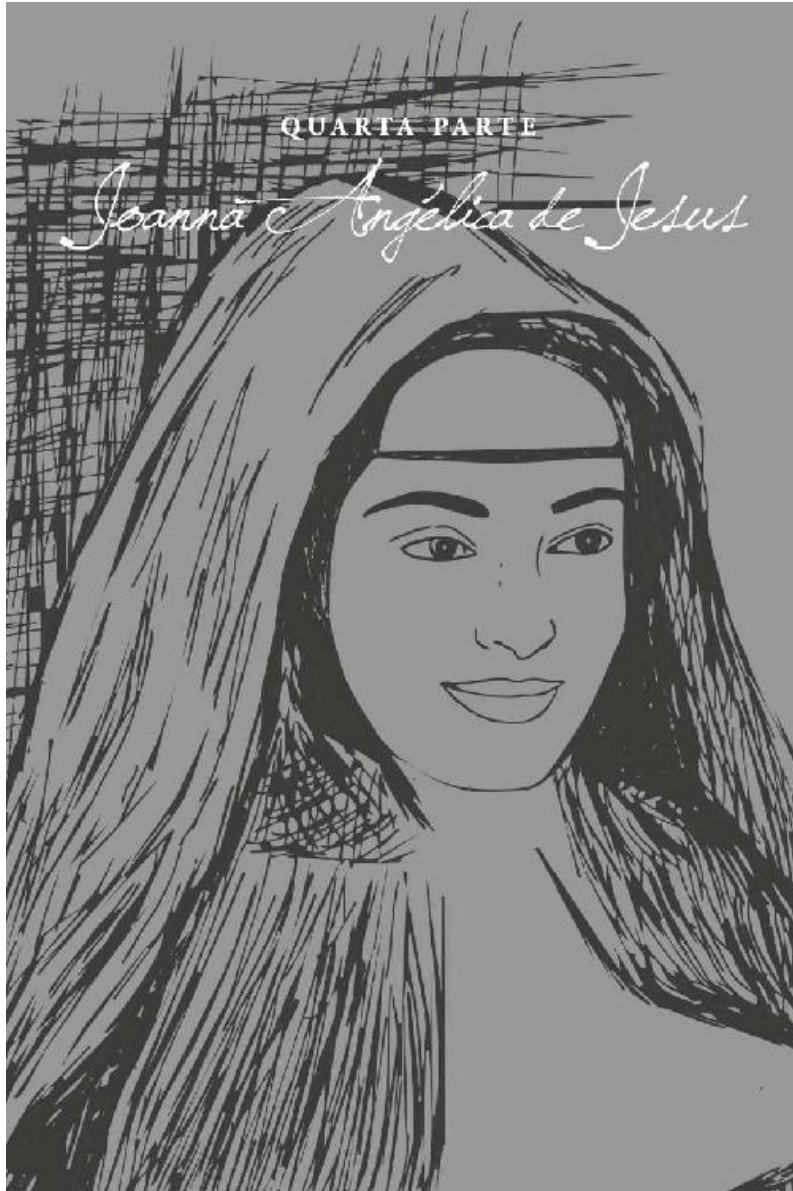
<sup>66</sup> Os criollos eram uma classe social formada pelos descendentes americanos dos colonizadores espanhóis, aqueles que haviam nascido em terras da Nova Espanha (México), que já no século XVII se insurgiram contra a metrópole constituindo-se num embrião da consciência nativa.

<sup>67</sup> Sor Juana Ines de La Cruz, de Octavio Paz, ed. CFE, pt. 2, cap. 4.

- <sup>68</sup> *O Semeador de Estrelas*, de Suely Caldas Schubert, ed. LEAL, cap. 2.
- <sup>69</sup> *A Veneranda Joanna de Ângelis*, de Celeste Santos/Divaldo Pereira Franco, ed. LEAL, cap. 6.
- <sup>70</sup> *O Semeador de Estrelas*, de Suely Caldas Schubert, ed. LEAL, cap. 2.
- <sup>71</sup> *Sor Juana Ines de La Cruz*, de Octavio Paz, ed. CFE, pt. 1, cap. 4.
- <sup>72</sup> Revista USP, 1990.
- <sup>73</sup> *Sor Juana Ines de La Cruz*, de Octavio Paz, ed. CFE. Apêndice. La carta.
- <sup>74</sup> *O Peregrino do Senhor*, de Altiva Glória F. Noronha, ed. LEAL, cap. 22.
- <sup>75</sup> *Nova História*, p. 17.
- <sup>76</sup> *No Invisível*, de Léon Denis, ed. FEB, pt. 1, cap. 1.
- <sup>77</sup> *Os caminhos do amor*, de Dalva Silva Souza, ed. FEB, p. 25.
- <sup>78</sup> *O Consolador*, do Espírito Emmanuel, psicografia de Francisco Cândido Xavier, ed. FEB, perg. 67.

QUARTA PARTE

*Joanna e Angelica de Jesus*





*Há lutas, porém, inevitáveis na Bahia. Num desses episódios dolorosos, sacrificou-se a valorosa e querida Joanna Angélica, que hoje, do mundo espiritual, derrama sobre todos nós a ternura do seu coração afetuoso em mensagens repassadas de amor ao Mestre.*<sup>79</sup>

Hermínio Miranda

Esta é a reencarnação de Joanna em terras brasileiras, lembrando, como relatou Divaldo, que o vínculo se estabeleceu por ocasião das cartas entre ela e o padre Antonio Vieira, quando este estava na cidade de Salvador.

Creio também que esta reencarnação já se encontrava prevista, considerando o planejamento elaborado pelo mundo espiritual para o Brasil, a sua destinação histórica e o papel que desempenharia na difusão do Espiritismo para o mundo inteiro.

Nesses dois mil anos de Cristianismo, Joanna tem procurado participar como pôde do projeto de Jesus junto à humanidade terrestre, mesmo porque pertence a esta, não é nem se coloca como um ser à parte, tanto que tornará a reencarnar neste século para se aperfeiçoar e seguir oferecendo seus melhores esforços.

Sempre que percebe que pode dar seu contributo para que o Evangelho seja mais bem divulgado e vivido, ela retorna e vem oferecer seus préstimos ao Senhor da Vida.

Embora sua coragem tenha ficado registrada nos anais da História, por ocasião da invasão das tropas portuguesas ao Convento da Lapa, seu heroísmo maior se deu durante os anos em que serviu no próprio convento. Lá, segundo o que ela mesma relata, dedicou-se por inteiro à arte de consolar, desenvolveu ainda mais seus sentimentos maternais na convivência com mulheres desesperadas, depressivas, enlouquecidas em

face das múltiplas razões que levavam uma mulher voluntária ou compulsoriamente a estar num convento.

Tendo desenvolvido aspectos importantes em sua individualidade na reencarnação mexicana, ela retornou para aprimorar ainda mais os dotes do seu sensível coração.

Mas afinal, quem foi essa freira corajosa que virou mártir da independência do Brasil?

Antes de responder a esta pergunta precisamos saber como era ser freira naquele Brasil do século XIX, até para nos situarmos melhor no contexto em que viveu nossa Joanna Angélica de Jesus.

## **Freiras no Brasil**

Devo confessar que, durante muito tempo, considerava esta história de alguém se recolher num convento ou num mosteiro uma grande perda de tempo, uma fuga do mundo, uma recusa aos embates inerentes à vida social e familiar. Via também, nessa atitude, um distanciamento do que ensinou Jesus sempre às voltas com as dores do povo, seus problemas e suas dificuldades.

Aprofundando mais as leituras pude perceber o papel social representado pelos conventos, reconhecendo neles espaços facilitadores para a conquista de direitos que fora deles não eram admitidos nem permitidos às mulheres. Espaços onde encontraremos submissão e contemplação, criatividade e transgressão, religiosidade genuína e verdadeira vocação, mas, sobretudo espaços de sobrevivência dentro de uma sociedade onde o papel feminino já era definido antes mesmo da mulher nascer.

De acordo com Maria José Rosado Nunes<sup>80</sup>, no Brasil não era algo tão simples uma mulher ingressar num convento para ser freira. Diferentemente do que ocorria nas colônias espanholas que financiavam a

construção deles e procuravam mantê-los, tendo em vista a conveniência da ligação entre uma classe que detém o poder econômico e político com a outra que detém o poder teológico, este tipo de relação conferia prestígio.

O primeiro mosteiro de mulheres fundado no Brasil foi o Convento de Santa Clara do Desterro, na Bahia, em 1677, enquanto nas colônias espanholas vizinhas do Brasil já existiam mais de setenta.

Mesmo quando a economia da colônia se modificou e o foco se transferiu para a exploração das minas de ouro no século XVIII, ainda assim havia sérias restrições à fundação de conventos. Além de não se ver lucro nenhum com a criação desse tipo de espaço, outro argumento contrário era o do crescimento populacional, tanto que o governador de Minas Gerais, Lourenço de Almeida, de forma exagerada, escreveu ao Rei de Portugal alertando para o perigo de tantas mulheres desejarem ser freiras, pois dali a pouco tempo faltariam mulheres disponíveis para casamento e procriação.

Aliemos a isso tudo a crítica que era desferida à ociosidade do clero.

Nesse cenário, uma alternativa que se criou para driblar tais dificuldades foi a criação dos *recolhimentos*, espécie de casas de reclusão para mulheres, casas que poderiam ou não se tornarem conventos mais tarde. Eram similares a um convento, mas sem os votos, algo parecido com a Ordem Terceira, dentro de uma visão franciscana (vide capítulo em que falamos de Francisco e Clara de Assis).

Os *recolhimentos* não faziam as mesmas exigências dos conventos que só recebiam, em sua grande maioria, as filhas da elite social e política da colônia, afinal, era motivo de orgulho ter uma filha freira. Além disso, a candidata a freira tinha que dar um dote ao convento, o que também excluía as mulheres mais pobres.

Internar uma ou mais filhas no claustro quando não se conseguia bem casá-las eram medidas comuns para se manter a boa imagem da

família, não interessando aqui se as moças tinham ou não vocação para esse tipo de vida.

Também era possível encontrar-se moças enclausuradas rotuladas como loucas. Algumas que haviam supostamente sido vítimas de estupro. Além disso, o enclausuramento podia esconder interesses sobre fortunas e a filha mulher, em alguns casos, representava um embaraço para irmãos ou tios que desejassem se apoderar de sua herança.

A jovem entrava sã, mas podia enlouquecer lá dentro em face de tamanha violência.

Os conventos também funcionavam como depósitos de crianças bastardas, especiais ou daquelas que nasciam em decorrência do sexo antes do casamento. Elas eram inseridas na Roda dos Expostos, compartimento giratório que colocava a criança para dentro do convento sem que a pessoa fosse identificada.

Muitas mulheres eram colocadas nos conventos ou recolhimentos contra a própria vontade e aí ficamos a imaginar o porquê de Joanna de Ângelis ter dito a Divaldo que seu trabalho foi eminentemente maternal. Quantos sonhos destruídos e transformados em pesadelos? Quantas mulheres preferiam o suicídio a seguir vivendo distante dos seus amores? Divaldo relata que muitas eram portadoras de mediunidade e que Joanna conseguia, com sua conduta ilibada e seu magnetismo, afastar as entidades que as vampirizavam.

Intensas devem ter sido as noites de Joanna, intensas de paciência, capacidade de ouvir e de amar aquelas filhas que a vida colocava em seu caminho.

Vale salientar que, ingressando num convento, a mulher poderia escapar de um casamento que não queria. As casadas também se refugiavam neles a fim de pedir divórcio de homens violentos e inescrupulosos, sem contar que nessas instituições, ao contrário de outras,

as mulheres tinham acesso ao mundo letrado, pois podiam aprender até latim e música.

Para que não fiquemos com uma visão idealizada dos conventos, é importante dizer que havia aqueles que nada tinham de vida religiosa, ao contrário, eram lugares de muitas transgressões, como o já citado Convento de Santa Clara do Desterro.

A sexualidade reprimida em casa, em muitos casos, encontrava campo para sua expansão nos conventos, em relações homo ou heterossexuais, dependendo de quem tinha acesso à cela de uma freira e das tendências que cada qual carregava.

As celas tanto podiam ser de uma pobreza genuína quanto de um luxo expressivo.

Como a sociedade era escravocrata, também havia escravos nos conventos.

Finalmente, há também uma informação curiosa que consta na obra *Casa Grande & Senzala*, escrita por Gilberto Freire, na qual o autor fala da existência dos *freiráticos*, ou seja, homens que tentavam seduzir freiras e freiras que se deixavam seduzir ou igualmente seduziam. Na impossibilidade de um relacionamento mais íntimo, certos homens se contentavam em se deleitar com as iguarias feitas por elas como: suspiro-de-freira, toucinho-do-céu, barriga-de-freira, manjar-do-céu, papos-de-anjo etc.<sup>81</sup>

Toda esta concepção sobre o feminino irá apoiar-se em textos bíblicos, particularmente em Paulo, quando, influenciado pela cultura patriarcal e machista afirmou em sua epístola aos Efésios (5:22-24) que a mulher deve estar sujeita ao marido, pois o homem é a cabeça da mulher, assim como Cristo é a cabeça da Igreja, logo, toda sujeição da esposa ao marido é agradável aos olhos de Deus.

O mesmo Paulo também afirmou em carta a Timóteo (2:9-15) que

durante a instrução a mulher deve conservar o silêncio de forma submissa. Que a ela não cabe ensinar ou doutrinar o homem, pois foi Adão quem foi formado primeiro e depois Eva, foi Eva quem foi seduzida e transgrediu, mas poderá ser salva pela maternidade.

Vemos assim, segundo Emanuel Araújo, todo um esforço para distanciar a mulher da figura mítica de Eva e aproximá-la da figura histórica de Maria.<sup>82</sup>

Neste universo tão complexo não deve ter sido nada fácil para Joanna Angélica cumprir sua missão, mesmo estando dentro de um convento e trazendo a expressiva bagagem de experiências relevantes adquiridas nas vidas anteriores.

## **Quem foi Joanna Angélica de Jesus?**

Juana Inés de La Cruz desencarnou em 1695 e Joanna Angélica de Jesus nasceu no ano de 1762<sup>83</sup>, em Salvador, filha de José Tavares de Almeida e Catharina Maria da Silva. Fica, portanto, sessenta e sete anos no mundo espiritual.

Joanna se tornará uma freira da Ordem das Clarissas. Curiosamente, ingressará na mesma Ordem que ajudou a criar no remoto século XIII, em Assis, na Itália.

No Convento da Lapa foi escritã, vigária, até se tornar abadessa, desencarnando em 1822 com 60 anos, depois de se colocar na porta do convento tentando impedir a entrada dos soldados que desejavam violentar as freiras e saquear o que fosse possível.

Há uma versão que menciona que, durante os protestos, alguns revoltos esconderam-se no convento para fugir das tropas portuguesas e que a perseguição é que teria motivado a invasão.

Não parece que esta versão esteja correta, em todo caso, considerando a consciência lúcida que Joanna desenvolveu como Juana Inés

e que não perdeu como Joanna Angélica, não creio seja impossível imaginar Joanna apoiando movimentos abolicionistas, libertários, mesmo que sem assumir publicamente esta ou aquela bandeira. Mas, no episódio que culmina com sua desencarnação, a versão mais propalada é a do abuso de autoridade, do desequilíbrio mesmo, que tomou conta dos soldados do comandante Ignácio Luiz Madeira de Mello.

De forma extremamente corajosa gritou:

*Para trás, bandidos! Respeitai a casa de Deus. Antes de conseguirdes os vossos infames desígnios, passareis por sobre o meu cadáver.*

A quem acrescenta que ela teria dito:

*Detende-vos, bárbaros, aquelas portas caíram aos vaivéns dos vossos machados, mas esta passagem está guardada pelo meu peito, e não passareis, senão por cima do cadáver de uma mulher!*

Seja o que for que ela tenha dito, o gesto falou mais alto do que qualquer palavra e seu peito foi trespassado por uma baioneta.<sup>84</sup>

Não é de espantar que ela tenha tido esta atitude de extremo destemor, basta lembrar que por Jesus foi presa, poderia ter abjurado sua condição de cristã, salvo o filho de morrer ao seu lado num circo romano, mas sua decisão estava tomada e resoluta. Foi queimada viva como tantos mártires do Cristianismo primitivo.

Como Clara de Assis não titubeou um só momento quando, para salvar o convento onde viviam suas filhas espirituais ou interceder pelos destinos da sua querida Assis, enfrentou com desassombro os tiranos conquistadores.

Da mesma forma, no México, enfrentou a tirania machista e obscurantista de todos que não concebiam pudesse uma mulher escrever, raciocinar, compor, pintar, esculpir, renunciando a tudo que dava sentido a sua existência para ir ao encontro do sentido maior, presente em seu

inconsciente: o amor ao próximo.

## **Mas o que aconteceu de fato?**

Estava próxima a *emancipação* política brasileira em razão dos movimentos nativistas, das lutas pela independência, do martírio de Tiradentes e de toda a programação espiritual traçada por Jesus para o Brasil.<sup>85</sup>

O fato é que a nomeação de Madeira de Mello como Comandante das tropas portuguesas chegou de Portugal, mas o senado da Câmara da Bahia, além de adiar a nomeação, impugnou-a. Com isso, os ânimos se exaltaram e o Comandante que deveria ter sido substituído, Brigadeiro Manoel Pedro e outros oficiais foram presos por tropas portuguesas.

Exaltados, os soldados portugueses despedaçaram bandeiras, saquearam casas particulares, insultaram famílias, num verdadeiro abuso de autoridade, até que chegaram em frente ao Convento de Nossa Senhora da Conceição da Lapa. Imaginando o punhado de mulheres que teriam pela frente, amedrontadas e indefesas, disponíveis para satisfazê-los sem qualquer reação, avançaram e estacaram diante da intemorata Abadessa Joanna Angélica.

Aos gritos avançaram, sem saber que, por uma passagem secreta e subterrânea, as monjas já se encontravam a caminho do Convento do Desterro, próximo dali, onde poderiam abrigar-se da selvageria daqueles homens.

A demora de Joanna em abrir as portas do convento que, fatalmente cairiam pela força bruta com que eram atacadas, mais o gesto de se interpor na entrada, era o tempo que precisavam as freiras para fugir.

É Dona Altiva Glória F. Noronha quem, em seu belíssimo livro, grafa de forma indelével e poética este momento.

Num bonito exemplo, como o capitão de um barco, a Madre morreu

no posto, enquanto a tripulação se punha a salvo. E assim, deixou Madre Joanna Angélica de Jesus a terra para entrar na História.

*O heroísmo da freira baiana, cuja idade contrastava com a desassombrada coragem que revelou, mereceu a consagração definitiva de seu nome, nos anais da História Pátria. Sua figura corajosa e heroica, firme no seu posto, enfrentando intrepidamente as baionetas, até tombar banhada no próprio sangue, plantou-se como uma herança, a passar carinhosamente de geração em geração.<sup>86</sup>*

## **Comentário de Divaldo**

Nesta reencarnação na Bahia, como Joanna Angélica, o conhecimento não foi o foco principal como ocorreu na reencarnação como Juana Inés?

*Porque a Ordem dedicava-se à dignificação da mulher equivocada, portanto, era uma obra de educação, ela aprimorou seus conhecimentos para agora, como Joanna Angélica, aplicá-los na educação. Foi um trabalho todo de renovação moral e espiritual, mas longe das belas letras que já no século XIX estavam no seu devido lugar, diferentemente do século XVII, quando ela deu início a este labor de dedicação à cultura.*

*Na outra reencarnação, como Joanna Angélica de Jesus, o seu objetivo era servir a Deus e quando, mais tarde, ela se tornou abadessa no Convento da Lapa, a sua tarefa foi a de dignificação da mulher equivocada, porque muitas eram internadas no convento por causa de deslizes morais. Os pais, na época, as encaminhavam ao Convento do Desterro, onde elas ficavam desterradas do mundo. O Convento da Lapa era mais suave e ela, ao invés das punições aplicadas àquelas jovens que iam ser noviças, outras não queriam nada, eram só revoltadas, as atendia com bondade, compaixão e ternura, tratando-as como suas filhas.*

*Ela contou-me o drama das infestações espirituais à noite com aquelas moças que se haviam equivocado, que vinham grávidas e*

*abortavam dentro do convento, que matavam os filhos a fim de manter as aparências. Eram intensas as manifestações mediúnicas, as noites terríveis de loucura e também as crises histéricas, em razão dos transtornos da vida sexual frustrada, castrada.*

*Ela saía, de cela em cela, confortando-as, e a sua presença afastava as entidades das trevas, sem que ela soubesse o porquê, mas logo se acalmavam, pois simplesmente impunha as mãos, como recomenda o Evangelho e os Espíritos se retiravam. Foi um trabalho de grande abnegação.*

*Quando os soldados portugueses resolveram invadir o convento, ela foi para a porta central, não para defendê-lo, mas para dar tempo às religiosas de fugirem pelos subterrâneos que se comunicavam com outros conventos, como o Do Desterro que fica no mesmo bairro, a uns quinhentos metros aproximadamente. Portanto, não era o patrimônio físico que lhe interessava, e seu sacrifício não se deu pela casa, mas pela vida das suas monjas. Este gesto retardou-lhes a entrada. Quando conseguiram adentrar, deixando-a moribunda sobre um móvel próximo à porta interna do convento, depois de feri-la mortalmente com golpes de baioneta, as freiras já haviam fugido. Eles roubaram as alfaias, os objetos do culto, mas não violentaram as monjas nem as outras residentes do convento. Este sacrifício teve um significado muito profundo no mundo espiritual pelo fato dela ter salvado vidas.*

## **Questões sexuais e o feminismo**

Divaldo menciona as questões sexuais presentes nessa vida claustral, nem sempre livremente escolhida, e mesmo quando a ida para um mosteiro ou convento resulta de uma liberdade de escolha, as forças sexuais não se anulam por encanto. Permanecem reclamando emprego digno, eleição de atividades que permitam uma canalização da energia, tanto física quanto psíquica. Isto vale também para todos os que, casados ou solteiros,

médiuns ostensivos ou não, desejam viver em harmonia.

Não dá para ignorar a força da sexualidade humana, se não devemos maximizá-la, tampouco devemos minimizá-la. É uma força divina, criadora, posta em nós por Deus para uso correto, não apenas para a reprodução como pontificam algumas escolas de fé, mas igualmente para a permuta de raios magnéticos, carinho, energias renovadoras, importantes ao bem-estar do homem e da mulher que se respeitam e se amam.

Penso que tais questões ainda não se popularizaram em nosso meio, não foram suficientemente comentadas, estudadas à luz do Espiritismo em nossas casas espíritas, de modo a auxiliar cada vez mais todos aqueles que necessitam clarificar conceitos, libertarem-se de repressões, processos obsessivos, ideias de pecado, dependências e compulsões sexuais.

Não proponho nenhuma bandeira ou modismo em nosso movimento doutrinário, pois que existem livros mediúnicos e aqueles outros de autores encarnados bem esclarecedores, obras que devemos ler e estudar, mas abordar o tema e suas variantes com mais frequência e com a naturalidade que ele requer, facilitaria, a meu ver, lidarmos melhor com esta questão.

Por outro lado, nada conseguiremos com repressões e visões distorcidas a respeito da sexualidade, da relação a dois e da própria mulher. Léon Denis afirma em seu livro *No Invisível*<sup>BZ</sup> que o segmento católico não soube compreender a mulher. Diz ele:

*O Catolicismo não compreendeu a mulher, a quem tanto devia. Seus monges e padres, vivendo no celibato, longe da família, não poderiam apreciar o poder e o encanto desse delicado ser, em quem enxergavam antes um perigo.*

*A antiguidade pagã teve sobre nós a superioridade de conhecer e cultivar a alma feminina. Suas faculdades se expandiam livremente nos mistérios. Sacerdotisa nos templos védicos, ao altar doméstico, intimamente associada, no Egito, na Grécia, na Gália, às cerimônias do culto, por toda*

*a parte era a mulher objeto de uma iniciação, de um ensino especial, que dela faziam um ser quase divino, a fada protetora, o gênio do lar, a custódia das fontes da vida.*

*Essa benéfica influência da mulher iniciada, que irradiava sobre o mundo antigo como uma doce claridade, foi destruída pela lenda bíblica da queda original.*

*Durante longos séculos, a mulher foi relegada para segundo plano, menosprezada, excluída do sacerdócio. Por uma educação acanhada, pueril, supersticiosa, a manietaram; suas mais belas aptidões foram comprimidas, conculcado e obscurecido o seu caráter.*

*(...) Sob a denominação de feminismo, um certo movimento se acentua legítimo em seu princípio, exagerado, entretanto, em seus intuitos; porque, ao lado de justas reivindicações, enuncia propósitos que fariam da mulher, não mais mulher, mas cópia, paródia do homem.*

E arremata:

*O homem e a mulher nasceram para funções diferentes, mas complementares. No ponto de vista da ação social, são equivalentes e inseparáveis.*

## **Joanna Angélica – passes e atendimento fraterno**

Interessante, igualmente, o registro de Divaldo de que Joanna Angélica impunha as mãos como preceitua o Evangelho, como recomendam hoje os Espíritos amigos.

Joanna já era passista, da mesma forma que todos os que, ao longo da história cristã, utilizaram-se da imposição das mãos para curar ou mesmo tentar aliviar as dores dos seus semelhantes.

O passe é hoje um recurso terapêutico largamente utilizado na maioria das casas espíritas.

Adilton Pugliese afirma que (...) *o passe vem notabilizando a sua qualidade terapêutica, destacando-se seus desdobramentos em Passe Espiritual (energias dos Espíritos), Passe Magnético (energias do médium) e Passe Mediúnico (energias dos Espíritos e do médium).*<sup>88</sup>

As conversas e orientações de Joanna lembram o atendimento fraterno, tão presente em nossas Casas Espíritas, onde a pessoa é acolhida, podendo encontrar um direcionamento, desabafar, chorar, sendo ouvida com o sigilo necessário, de modo que o atendente possa dimensionar qual o melhor encaminhamento a lhe ser proposto. É uma prática com características terapêuticas, mas não se trata de uma terapia, que deve ocorrer no espaço próprio para tal.

Hoje temos a água fluidificada, o atendimento fraterno, o passe, a desobsessão como práticas terapêuticas genuinamente espíritas, porque o Centro Espírita, além de oficina, lar, templo, escola, é também um grande colo, um útero materno acolhedor que, bem orientado, tratará de nos ajudar a caminhar pelas próprias pernas desenvolvendo nossa autonomia emocional. Do contrário, não cumprirá sua função socioespiritual.

O carinho e o consolo dados por Joanna Angélica nos remetem ao próprio Codificador, quando salienta em discurso pronunciado aos espíritas de Lyon e Bordeaux, a necessidade de distribuirmos conforto a todos os que se aproximam de uma instituição espírita ou de qualquer um de nós, profíctos do Espiritismo.

*Coloco em primeira instância o consolo que é preciso oferecer aos que sofrem, erguer a coragem dos caídos, arrancar um homem de suas paixões, do desespero, do suicídio, detê-lo talvez no limiar do crime!*<sup>89</sup>

## **O sacrifício da própria vida**

O comentário de Divaldo sobre o valor do sacrifício de Joanna perante o mundo espiritual também é digno de menção e nos remete a uma questão de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, formulada por Allan

Kardec e respondida pelo Espírito São Luís.<sup>90</sup>

O Codificador indaga se o fato de alguém expor-se voluntariamente a um risco de morte para salvar a vida de um semelhante não seria um suicídio. O nobre Espírito responde que não, que se trata na verdade de um ato de abnegação, de devotamento.

Estas têm sido características presentes nas reencarnações de Joanna, trata-se de um Espírito capaz de se dedicar ao outro com total esquecimento de si, demonstrando coragem e fé impressionantes.

O que não nos deve conduzir a uma santificação de Joanna, mas a uma admiração racional, lúcida, pois não existem santos dentro de uma abordagem espírita, mas há almas que se vão depurando, acumulando experiências, desenvolvendo a própria sensibilidade, passando a vibrar em outra sintonia. É o caso de nossa querida Joanna.

## **Joanna Angélica por Chico Xavier**

A mensagem seguinte foi recebida pela psicografia de Chico Xavier, talvez seja um registro único de Joanna de Ângelis como Joanna Angélica comunicando-se por intermédio das faculdades mediúnicas do inesquecível médium mineiro. Trata-se de um alerta para a valorização das nossas lutas e embates da vida terrena, dos perigos que o alheamento delas, a título de bem servirmos a Deus, pode nos trazer.

### **Paz e Luta<sup>91</sup>**

*Muitas vezes, a pretexto de servir a Jesus, fugimos para a sombra quieta do claustro, abandonando a luta em que o Mestre espera de nós a colaboração salutar.*

*Mal nos sabe a escolha, porque, em semelhante contemplação, cultivamos a inutilidade e acordamos, ao clarim da morte, na condição do pássaro de asas entorpecidas.*

*Diz-se que é preciso aborrecer o pecado, buscando o recanto silencioso da virtude improdutiva e anestesiante, sem o que não abominaremos Satanás e suas obras.*

*Não traduzirá, porém, essa atitude ruinoso descaso para com o mundo e para com as almas que o Senhor nos confiou aos cuidados e salvaguarda?*

*Fora preciso que o amor não passasse de escura mentira, para crermos em nossa salvação exclusiva, com deplorável esquecimento dos outros. Um soluço de criança na Terra destruiria o Céu que a teologia comum criou para atender, em caráter provisório, as nossas indagações.*

*O clima de contrastes em que a inteligência da criatura se alarga e evolve, propiciando-lhe dificuldades e sombras temporárias é, na essência, a paisagem indispensável ao crescimento do Espírito, para a vitória do amor, no coração do homem e no caminho da Humanidade.*

*A paz resulta do equilíbrio e não da inércia.*

*Jesus, no madeiro, desfrutava a tranquilidade dos que podem desculpar o mal e esquecê-lo. Pilatos, na suntuosidade do Pretório, conservava um espírito vacilante e atormentado, que o arrastaria por fim ao suicídio.*

*O lago calmo costuma resumir-se a depósito de lodo estanque, enquanto a água corrente, rolando sem cessar sobre a escarpa, chega pura aos lábios ressequidos do homem.*

*A santidade não depende da máscara.*

*Há príncipes da fortuna e da inteligência, da autoridade e da fama, os quais, embora situados entre a poltrona macia e o louvor incessante dos grandes e dos pequenos, se esforçam, no serviço aos semelhantes, obedecendo aos ditames da reta consciência; e há mendigos, esfarrapados e sedentos, que elevam mãos postas aos céus, praguejando mentalmente em desfavor do próximo.*

*Muitos homens, aparentemente santificados por viverem repetindo orações comoventes, são almas leoninas que se reconhecem necessitadas de constantes preces e de meditação para não caírem na soez armadilha da própria impulsividade; ao passo que temperamentos pacíficos, de exterior indiferente por não respirarem na comunhão contínua dos sagrados ensinamentos, são Espíritos enobrecidos na fé, superiores às tentações da calúnia ou da dor, que já sabem jornadasar na Terra, achegados a Deus, sem as teias de qualquer empecilho humano.*

*Ninguém abandone a luta, crendo conquistar, assim, a paz.*

*Nenhum general experimenta o soldado em relvas floridas, e alma nenhuma se elevará ao cume da purificação, sem as provas compreensíveis e justas do sofrimento, no combate interior às inclinações menos dignas, ante as circunstâncias do mundo externo.*

*Muitas almas piedosas recolhem-se aos mosteiros, procurando, debalde, no afastamento da tentação, a serenidade e a alegria que lá não encontram, porque, ainda aí, o lírio que adorna o altar procede da lama desconhecida; a vela que arde em memória dos anjos consome a cera extorquida às abelhas laboriosas; o centeio que fornece o pão abençoado à mesa nasceu e cresceu na cova anônima do solo esterçado; e a seriguilha que cobre a carne em contemplação foi roubada à ovelha ou ao algodão, que produz sob a chuva e sob o vento.*

*Muitos encontram luta amarga onde procuram as doçuras da paz, porque a serenidade legítima provém das obrigações bem cumpridas no quadro do trabalho que a realidade nos designa.*

*Conflitos e atritos vibram em toda parte, porque, em todos os recantos, o Espírito suspira por ascensão.*

*Aceitemos os desafios do mundo sem temer o pecado, as trevas, o lodo, a morte.*

*Como sustentar a beleza e a ternura do lume, se não desculparmos*

*a dureza e a fealdade do carvão?*

*A vanguarda do trabalho é uma arena de que nos não cabe fugir. Defendamos em suas linhas a nossa posição de serviço, amando e agindo, imaginando e elaborando para o bem, e o Senhor, por certo, nos fará Divina Mercê.*

Joanna Angélica de Jesus

---

<sup>79</sup> *Reencarnação e Imortalidade*, de Hermínio C. Miranda, ed. FEB, cap. 1.

<sup>80</sup> *História das mulheres no Brasil*, de Maria Del Priore, ed. Contexto, p. 483.

<sup>81</sup> *Casa Grande & Senzala*, de Gilberto Freire, ed. José Olympio, p. 250.

<sup>82</sup> *História das Mulheres no Brasil*, de Maria Del Priore, ed. Contexto, p. 52.

<sup>83</sup> Esta data é citada por Bernardino José de Souza em seu livro *Joanna Angélica* – a primeira heroína da Independência do Brasil, Celeste Santos e Altiva Glória F. Noronha, afirmam que a data de nascimento foi 1761.

<sup>84</sup> Baioneta é um sabre que se encaixa na ponta de um fuzil, mosquetão, com o objetivo de uma luta corporal.

<sup>85</sup> O livro *Brasil coração do mundo, pátria do Evangelho*, do Espírito Humberto de Campos, psicografia de Francisco Cândido Xavier, ed. FEB, apresenta detalhes disso tudo.

<sup>86</sup> *O Peregrino do Senhor*, de Altiva Glória F. Noronha, ed. LEAL, cap. 22.

<sup>87</sup> *No Invisível*, de Léon Denis, ed. FEB, pt. 1, cap. 7.

<sup>88</sup> *Terapia pelos passes*, do Projeto Manoel Philomeno de Miranda, ed. LEAL, cap. 1.

<sup>89</sup> *Viagem Espírita em 1862*, de Allan Kardec, ed. FEB, cap. Discursos pronunciados nas reuniões gerais dos espíritas de Lyon e Bordeaux.

<sup>90</sup> *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, de Allan Kardec, ed. FEB, cap. 5, item 28.

<sup>91</sup> *Falando à Terra*, por diversos Espíritos, psicografia de Francisco Cândido Xavier, ed. FEB.

QUINTA PARTE

*Joanna de c Angelis*





## Joanna e a Codificação do Espiritismo

*Ela contou-me que, ao desencarnar em 1822, chegando ao mundo espiritual foi convidada a integrar a falange dos Espíritos que trariam à Terra O Consolador prometido por Jesus, isto em face da sua história passada, da sua dedicação, qual ocorreu com mais de um milhar de Espíritos. Não temos ideia precisa da grandeza desta organização presidida por Jesus.*

Divaldo Pereira Franco

Divaldo narrou num livro organizado por Yvon de Araújo Luz<sup>92</sup> que a lembrança mais recuada sobre Joanna de Ângelis, nesta reencarnação, ocorreu em 1931, quando tinha quatro anos de idade.

*Eu sofria de asma, e certa noite a vi entrar no meu quarto. Era, para mim, uma fada boa que me falou com muito carinho: “Tem confiança em Deus, não desesperes, isso vai passar. Vamos agora dormir”. Após essa primeira vidência, sempre que as crises de asma sobrevinham ela reaparecia. Por quatro anos eu sofri de asma, até que, quando tinha oito para nove anos, sobreveio uma crise insuportável, Joanna reapareceu, afirmando que minha prova já acabara. Então senti a sensação de um ar refrigerado balsâmico e perfumado. Adormeci e tive a sensação de um sonho. Eu era tomado pelamão, alguém me dizia que iríamos fazer uma viagem, e quando voltássemos eu estaria bom. Perdi a consciência. Quando voltei a mim, estava livre da asma, para sempre. Mesmo assim, ela continuou a aparecer com frequência, mas somente em 1956 disse que passaria a assinar as mensagens que eu já psicografava (...).*

De lá para cá já são praticamente oitenta anos de contato ininterrupto.

É a mãe que volta dois mil anos depois para fazer valer mais uma

vez a sua maternidade junto aos seus dois filhos, como na época em que era Joana de Cusa. Volta não apenas para ser *mãe* de Nilson e Divaldo, dois corações ligados ao seu, desde tempos recuados, mas para abrigar em seu seio milhares de almas vinculadas direta ou indiretamente à sua.

Educar crianças, orientar famílias, levar a diretriz espírita a quem estertora.

Volta, não apenas para escrever poesia, literatura e defender os direitos femininos, o que já seria bastante, mas para exaltar a figura de Jesus nas milhares de páginas que já escreveu e na obra que ajudou a fundar.

Sem tolher o livre-arbítrio de Divaldo nem de ninguém, retorna para auxiliar a humanidade a caminhar, seguindo junto, aprimorando igualmente seus próprios talentos, dilatando cada vez mais a sua capacidade de amar, procurando manter a fidelidade que, um dia, Jesus lhe recomendou ao atempo em que era Joana de Cusa.

Ao desencarnar, Joanna Angélica *recebeu o convite para integrar a falange do Consolador Prometido*, aceitou e promoveu uma revisão em alguns dos seus conceitos religiosos. A partir de então, participa de uma verdadeira *invasão organizada*, como diria Sir Artur Conan Doyle, em se referindo às mensagens mediúnicas recebidas em diferentes partes do mundo, ao tempo de Kardec.

Duas mensagens suas encontram-se em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, e em ambas ela assina como um Espírito Amigo. Vejamo-las:

## **Mensagens de um Espírito Amigo**

### **A paciência**

*A dor é uma bênção que Deus envia a seus eleitos; não vos aflijais, pois, quando sofrerdes; antes, bendizei a Deus onipotente que, pela dor, neste mundo, vos marcou para a glória no céu.*

*Sede pacientes. A paciência também é uma caridade e deveis praticar a lei de caridade ensinada pelo Cristo, enviado de Deus. A caridade que consiste na esmola dada aos pobres é a mais fácil de todas. Outra há, porém, muito mais penosa e, conseqüentemente, muito mais meritória: a de perdoarmos aos que Deus colocou no nosso caminho para serem instrumentos do nosso sofrer e para nos porem à prova a nossa paciência.*

*A vida é difícil, bem o sei. Compõe-se de mil nada, que são outras tantas picadas de alfinetes, mas que acabam por ferir. Se, porém, atentarmos nos deveres que nos são impostos, nas consolações e compensações que, por outro lado, recebemos, havemos de reconhecer que são as bênçãos muito mais numerosas do que as dores. O fardo parece menos pesado, quando se olha para o alto, do que quando se curva para a terra a frente.*

*Coragem, amigos! Tendes no Cristo o vosso modelo. Mais sofreu Ele do que qualquer um de vós e nada tinha de que se penitenciar, ao passo que tendes de expiar o vosso passado e de vos fortalecer para o futuro. Sede, pois, pacientes, sede cristãos. Essa palavra resume tudo.*

Um espírito amigo, Havre, 1862

Cap. IX – Bem-aventurados os que são brandos e pacíficos

## **Dar-se-á àquele que tem**

*“Dá-se ao que já tem e tira-se ao que não tem.” Meditai nesses grandes ensinamentos que se vos hão por vezes afigurado paradoxais. Aquele que recebeu é o que possui o sentido da palavra divina; recebeu unicamente porque tentou tornar-se digno dela e porque o Senhor, em seu amor misericordioso, anima os esforços que tendem para o bem. Aturados, perseverantes, esses atraem as graças do Senhor; são um ímã, que chama a si o que é progressivamente melhor, as graças copiosas que vos fazem fortes para subir a montanha santa, em cujo cume está o repouso após o*

labor.

*“Tira-se ao que não tem, ou tem pouco.” Tomai isso como uma antítese figurada. Deus não retira das suas criaturas o bem que se haja dignado de fazer-lhes. Homens cegos e surdos! Abri as vossas inteligências e os vossos corações; vede pelo vosso espírito; ouvi pela vossa alma e não interpreteis de modo tão grosseiramente injusto as palavras daquele que fez resplandecesse aos vossos olhos a justiça do Senhor. Não é Deus quem retira daquele que pouco recebera: é o próprio Espírito que, por pródigo e descuidado, não sabe conservar o que tem e aumentar, fecundando-o, o óbolo que lhe caiu no coração.*

*Aquele que não cultiva o campo que o trabalho de seu pai lhe granjeou, e que lhe coube em herança, o vê cobrir-se de ervas parasitas. É seu pai quem lhe tira as colheitas que ele não quis preparar? Se, à falta de cuidado, deixou fenecessem as sementes destinadas a produzir nesse campo, é a seu pai que lhe cabe acusar por nada produzirem elas? Não e não. Em vez de acusar aquele que tudo lhe preparara, de criticar as doações que recebera, queixe-se do verdadeiro autor de suas misérias e, arrependido e operoso, meta, corajoso, mãos à obra; arroteie o solo ingrato com o esforço de sua vontade; lavre-o fundo com auxílio do arrependimento e da esperança; lance nele, confiante, a semente que haja separado, por boa, dentre as más; regue-o com o seu amor e a sua caridade, e Deus, o Deus de amor e de caridade, dará àquele que já recebera. Verá ele, então, coroados de êxito os seus esforços e um grão produzir cem e outro mil. Ânimo, trabalhadores! Tomai dos vossos arados e das vossas charruas; lavrai os vossos corações; arrancai deles a cizânia; semeai a boa semente que o Senhor vos confia e o orvalho do amor lhe fará produzir frutos de caridade.*

Um espírito amigo – Bordeaux, 1862

Cap. XVIII – Muitos os chamados e poucos os escolhidos

E como precisamos de um Espírito amigo por perto ou mesmo do

espírito da amizade em nossas relações cotidianas. Sem amizades sinceras, sem vínculos genuínos, a vida se torna áspera, o fardo pesa mais e o jugo das provações deixa de ser suave.

Chico Xavier nos alertava para a necessidade de perdoarmos também os amigos, pois os inimigos nem sempre estão lado a lado conosco, diferente- mente dos amigos que nos decepcionam e que, momentaneamente, deixam de atender às nossas expectativas.

Precisamos compreender que eles têm suas próprias vidas, escolhas pes- soais e posições, que nem sempre vão ao encontro dos nossos pontos de vista. Aceitar que sigam por caminhos diversos daquele que escolhemos e amá-los é um desafio que se impõe a todos os que nos dizemos amigos. E nesta convivência entre pessoas que se querem bem a paciência precisa ser recíproca.

Além disso, apoiarmo-nos mutuamente facilita a caminhada, ajuda- nos a mais rapidamente desembaraçar os pensamentos e as emoções de tudo aquilo que dificulta a nossa ascensão pessoal.

## Comentário de Divaldo

Hoje, quais são os encargos de Joanna no mundo espiritual? Quais são as responsabilidades dela?

*Quando estava desencarnado Emmanuel, era o encarregado da evangelização espírita cristã do Brasil e ela uma das coordenadoras com ele deste movimento. Hoje tem a responsabilidade de atender as entidades vinculadas à Igreja, Espíritos que se equivocaram e estão nas regiões dolorosas do mundo espiritual. Ela é também encarregada, junto com a Rainha Isabel de Portugal, de retirar das regiões tenebrosas do mundo espiritual e esclarecer os Espíritos profundamente vinculados ao erro. É um trabalho que realiza à luz do Evangelho segundo o Espiritismo...*

*Quando Moisés sintonizou com o pensamento divino e recebeu o decálogo, no Monte Sinai, o psiquismo de Cristo começou a voltar-se para a Terra programando a Sua encarnação. Na verdade, é como se o psiquismo cósmico fosse gradativamente condensando-se, para que, no corpo de Jesus o cérebro pudesse deter, suportar mesmo, tanta sabedoria.*

*Então digamos que, aproximadamente mil e quinhentos anos, um pouco mais ou menos, Jesus começou o projeto do Seu nascimento no planeta.*

*Quando Ele prometeu O Consolador, quinze séculos depois, no período da renascença, quando foi programada a reencarnação de Martinho Lutero, igualmente começou a ser desenhada para breve, a chegada de O Consolador. Não foi uma realização de improviso. Um passo decisivo para a construção da Era Nova, foi a reencarnação de Judas como Joana d’Arc, para poder poupar a latinidade da herança anglo-saxônica, a fim de que o estabelecimento do programa ocorresse através de uma gênese latina, afável, dócil, para bem traduzir Jesus. O pioneirismo de O Consolador começou, portanto, a partir de quando Joana d’Arc se imola e*

*consagra Carlos IX na Catedral de Reims como sendo o novo rei da França...*

*Foi toda uma planificação para que, ao chegar Kardec, estivesse a latinidade em condições de captar a mensagem que seria trazida e nesse ínterim, a partir da Renascença, os seus gênios fossem convocados a fazer parte da coorte do Espírito de Verdade. E Joanna, particularmente, foi convocada a partir de 1823.*

Como foi para ela, já no mundo espiritual e tendo recebido este convite, lidar, por exemplo, com o conceito de reencarnação?

*Foi muito fácil, porque a visão que ela possuía era a de que os bons seriam felizes e os maus seriam desventurados. Mas quando, no Além, ela se deu conta das próprias reencarnações, através das recordações naturais, percebeu que as penas não tinham caráter eterno, mas eram eternas enquanto durassem os débitos e o sentimento de culpa na consciência que houvera delinquido. Facilmente compreendeu e agradeceu, em júbilos, este conhecimento que assimilou e ao qual rapidamente se adaptou na convivência com os Espíritos que programavam a chegada de O Consolador, nos diálogos, nas propostas que vinham das esferas superiores para todos e não podemos esquecer que um grande número desses Espíritos foram católicos: o Cura d’Ars, o Bispo de Argel, Santo Agostinho...<sup>93</sup> Todos eles estavam impregnados do Cristo, mas no formalismo clerical. As entidades venerandas trabalharam no sentido de ajudá-los a ver Jesus sem esse formalismo clerical e aceitar as novas propostas. Era-lhes tão deslumbrante cada proposta que logo se apaixonaram, dedicando-se-lhes com muita facilidade.*

## **Emmanuel e Isabel de Aragão**

A planificação de Jesus foi perfeita e, embora os descaminhos da liberdade de escolha de cada um dos que Ele enviou, Seu planejamento divino se concretizou com o advento de O Consolador, que houvera

prometido.

Um desses Espíritos convidados foi aquele que, na Roma imperial, tivera um contato muito próximo e muito rápido com o Cristo, o altivo senador Públio Lentulus, que, ao longo de inúmeras existências, veio acrisolando suas melhores virtudes a ponto de ter-se tornado o guia espiritual de Chico Xavier, coordenando e inspirando a vida missionária desse apóstolo do bem, cujas pegadas tentamos seguir, pois são as de quem sempre seguiu os exemplos do Divino Mestre.

Emmanuel agora se encontra reencarnado e, junto com ele, tantos outros construtores do novo milênio, assim como nós, igualmente trabalhadores que seguimos oferecendo nossas melhores energias nas tarefas abraçadas.

O que fará o nobre Espírito nesta atual reencarnação?

Será conhecido ou anônimo em sua tarefa?

O mais importante é que vem para somar com o Brasil querido e caro ao seu coração e com toda a humanidade terrena. Vem também desenvolver outros aspectos da sua própria individualidade, sequiosa de maior elevação e interiorização dos princípios do Evangelho.

O padre Manoel da Nóbrega, Joanna Angélica e vários Espíritos cultos e valorosos, que militaram na seara católica, foram convidados a participar do advento da Terceira Revelação, aceitaram o convite e foram preparar-se, rever conceitos, a fim de poderem ver Jesus sem os adereços míticos que as tradições religiosas lhe colocaram.

Estes benfeitores restauraram, à luz do Espiritismo, o Jesus humano que nunca deixou de existir, mas que fora sepultado pelos interesses mesquinhos e pela ignorância de certos líderes religiosos de todas as épocas.

Vieram fazer o que Francisco de Assis, Lutero, Jan Huss, Jerônimo de Praga e tantos outros anônimos fizeram.

Divaldo menciona também que Joanna trabalha junto com Isabel de Aragão. Sabemos que ela nasceu na Espanha, em 1271, e desencarnou em 1336. Foi casada com D. Diniz e, depois do falecimento deste, ampliou ainda mais seus trabalhos assistenciais em gestos de verdadeiro e puro amor. Foi ela quem introduziu a Ordem das Clarissas em Coimbra, Portugal, e dentro da cultura católica é considerada uma santa.

O episódio mais popularizado em torno da sua personalidade diz respeito ao dia em que foi flagrada pelo marido levando pães aos pobres no próprio avental e, ao ser arguida sobre o que carregava, respondeu que eram rosas, o que gerou espanto nele, pois era o mês de janeiro, inverno, portanto. Pedindo, então, para vê-las, rosas caem pelo chão e não pães.

Além disso, há registros de que os pobres eram recebidos por ela no palácio e que ela mesma visitava os enfermos em seus lares e nos hospitais, fazendo pessoalmente os curativos. Trata-se, portanto, de uma alma elevada em seus sentimentos mais profundos de amor.

Apareceu igualmente a Chico Xavier, convidando-o a distribuir pães aos pobres e prometendo o seu fraterno auxílio nesta tarefa de amor.<sup>94</sup>

*Quando Joanna começou a escrever sobre psicologia eu lhe perguntei:*

*— Como a senhora pode escrever sobre temas abordados por Jung, que morreu recentemente e a senhora já estava desencarnada?*

*— Meu filho – respondeu-me – este raciocínio é materialista. O conhecimento se processa do mundo espiritual para o físico e não ao inverso. Quando os vultos nobres desta área, como Freud, Adler, Jung, Bleuler, Breuer e outros foram conduzidos à reencarnação, haviam sido preparados para adaptarem os conhecimentos hauridos do lado de lá às condições do mundo terreno, observando as condições filosóficas, sociológicas e psicológicas do contexto onde deveriam viver e servir. Antes de reencarnar, por exemplo, Jung, passou por um longo período de*

*preparação, reflexões e estudos em nossa esfera, razão pela qual era portador de altíssima sensibilidade. Por mais de vinte anos dedicou-se a estudos profundos da psique do ponto de vista espiritual, adotando, quando no corpo físico a formação acadêmica, apropriada para a época, a fim de quebrar alguns obstáculos, mas não para arrebatá-los todos, pois se o fizesse, não seria aceito pela comunidade científica.*

*Freud fez uma parte, Adler fez outra e então, depois da sua desencarnação, o seu labor foi avaliado por aqueles que se responsabilizaram pela sua reencarnação. Participamos desses diálogos, dessas avaliações e assim eu estou utilizando-me das suas expressões sob o ponto de vista profundo que a Doutrina Espírita encerra.*

*Note que, quando Allan Kardec publicou a Revista Espírita usou a palavra psicologia, ao asseverar que era um Jornal de Estudos Psicológicos e na época não existia psicologia como ciência.*

*Dialogando com ele (Jung) sobre os arquétipos<sup>95</sup>, Joanna disse que ele terminou por anuir que os mesmos correspondem exatamente às propostas do Espiritismo. O arquétipo primordial, aquele que deu origem a tudo, concluímos que é Deus. Ele não poderia dizê-lo nestes termos, porque era um acadêmico não religioso, mas no inconsciente sabia que se tratava da Causa... A sombra são as heranças do passado, entre as quais a culpa exerce predomínio. Por que nasce uma criança com culpa? Por que, geneticamente, traz a culpa que se manifesta como transtorno psicológico, se seus pais são idealistas, nobres, saudáveis do ponto de vista mental e emocional? Por que nasce com o complexo de inferioridade ou descamba para o narcisismo? Por que os conflitos da sexualidade, se a pessoa nasce pela primeira vez? Por que o conflito entre a anatomia masculina que a caracteriza e a psicologia feminina que ela carrega em seu íntimo ou vice-versa?*

*Não se pode dizer que isso seja resultado da educação, porque, quando os pais machistas, desde os primórdios notam as primeiras*

*manifestações femininas no filho, lutam, investem e não conseguem nada e o mesmo com relação às manifestações masculinas presentes na filha. Então a anima e o animus são heranças psicológicas das reencarnações anteriores, e assim por diante.*

*Desse modo, ela dialogou com o emérito neurologista e psiquiatra suíço, e procura demonstrar que toda aquela linguagem foi muito bem elaborada, enquadrando-se perfeitamente na que se encontra nos postulados do Espiritismo.*

*Assim sendo, podemos afirmar que Jung pode também ser considerado um dos pioneiros da psicologia transpessoal.*

## **A psicologia transpessoal**

Quando Divaldo afirma que, por ocasião da publicação da Revista Espírita em 1858, a psicologia não existia como ciência, ele está coberto de razão, pois, é exatamente neste mesmo ano de 1858 que W. Wundt (1823-1920) apresentará, pela primeira vez, uma proposta de se ver a psicologia como uma ciência experimental e independente das demais, tendo em vista que ela se via atrelada às outras e sem uma identidade própria.

Menciona que na *Revista Espírita* Kardec após uma espécie de subtítulo: *Jornal de Estudos Psicológicos*. E o próprio Codificador fará a justificativa nas páginas iniciais do primeiro volume<sup>96</sup>:

*Nosso quadro compreende tudo quanto se liga ao conhecimento da parte metafísica do homem. Estudá-la-emos no seu estado presente e no futuro, pois estudar a natureza dos Espíritos é estudar o homem, por isso que este um dia participará do mundo dos Espíritos. Eis porque adicionamos ao título principal, o subtítulo *Jornal de Estudos Psicológicos*, a fim de dar a compreender toda a sua importância.*

Esta era a compreensão que Allan Kardec tinha da ciência psicológica que estava nascendo, uma ciência que deveria colocar um dia o

homem, seu comportamento e seus processos psíquicos como objeto de estudo. Um homem que, pelo fato de deixar de ter um corpo físico, não deixaria de ser homem, mesmo que vivendo no mundo espiritual.

Sobre Freud (1856-1939), médico neurologista e também um dos pais da psicanálise, encontramos o Espírito Aniceto na obra *Os Mensageiros*<sup>97</sup> dizendo a André Luiz (Espírito) que Freud foi um grande missionário da ciência, mas que se manteve como qualquer ser encarnado sob certas limitações. Fez muito, mas não tudo na área da indagação psíquica.

Clarêncio, também Espírito, afirmará no livro *Entre a terra e o céu*<sup>98</sup>, que *Freud vislumbrou a verdade, mas toda a verdade sem amor é como luz estéril e fria. Não bastará conhecer e interpretar. É indispensável sublimar e servir.*

Daí a necessidade desta nova linha em psicologia, a transpessoal, que é considerada a *quarta força em psicologia depois do behaviorismo, psicanálise e humanismo. Ela pode ser entendida como a união da moderna pesquisa científica da consciência com a tradição espiritual viva tanto do mundo ocidental como do oriente.*<sup>99</sup>

Trata-se de uma abordagem que leva em conta a realidade espiritual na análise de um fenômeno psicológico, dialoga com ela como sendo mais uma dimensão do ser humano que não pode ser desconsiderada.

Divaldo também menciona o diálogo com Joanna, onde ela esclarece e reforça que inúmeros fenômenos têm sua origem na pátria espiritual.

Tarefeiros são preparados lá para a realização de inúmeros labores *do lado de cá* e mesmo depois de reencarnados, recebemos o sopro divino da inspiração benfazeja, de modo a caminharmos na realização dos mais altos propósitos da nossa existência e destinação.

Quantos de nós, que militamos na seara espírita, sentimos esta

presença amiga ajudando-nos em nossas escolhas, sustentando-nos o ânimo diante das complexidades da vida, revelando-nos facetas e ângulos de uma questão que até então nos passava despercebida?

Todas as grandes realizações no bem têm sua origem nas mais elevadas esferas, tudo procede do coração magnânimo de Jesus, quer sejam conquistas nos domínios das diversas ciências, das especulações filosóficas ou das revelações religiosas, tudo tem seu impulso primeiro, sua causa no amor de Jesus por todos nós. Seu sublime psiquismo a tudo impregna e impulsiona para que se operem as mais sagradas realizações com vistas ao progresso.

Assim vieram estes grandes vultos da área psicológica como o austríaco Josef Breuer (1842-1925), médico fisiologista a quem se atribui a criação da psicanálise, posteriormente desenvolvida por Freud.

Alfred Adler (1870-1937), também austríaco, médico, psicólogo e filósofo.

Paul Engen Bleuler (1857-1939), psiquiatra suíço, estudioso da esquizofrenia e amigo de Carl Gustav Jung (1875-1961), que foi quem mais se aproximou da realidade espiritual com suas teorias e pesquisas. Segundo Joanna foi ele quem possivelmente melhor penetrou a realidade do sofrimento, propondo a sua elucidação e cura.<sup>100</sup>

Você divide em períodos ou percebe uma divisão desta ordem na obra psicográfica de Joanna de Ângelis?

*A primeira fase é eminentemente consoladora, constituída de mensagens suaves em linguagem modesta, típica da “dona de casa antiga”, da pessoa sem maior formação cultural.*

*A segunda fase é quando apresenta a Doutrina dentro de um estilo mais profundo, através de obras que têm um caráter de iluminação de consciências por meio da cultura.*

*A terceira fase é a psicológica, na qual não deixa de enviar também*

*as mensagens de profundidade cultural, porém com o objetivo de convidar o leitor a crescer por meio do estudo doutrinário, do autoconhecimento e da vivência cristã.*

Joanna já lhe deu alguma informação sobre uma futura reencarnação dela?

*Disse-me, oportunamente, que aqueles Espíritos que vieram no século XIX para a instalação de O Consolador e que ficaram no Além, agora virão para a grande transição. Alguns já estão reencarnados. A partir de 1978, eles começaram a reencarnar em massa, em vários países, não necessariamente na área religiosa, mas nas artes, na ciência, na tecnologia, procurando dignificar os valores que estão em decadência, dilatando os horizontes do mundo e, por consequência, agora, eles chegarão para iluminar os Espíritos inferiores que também estão reencarnados na Terra em grande litígio, tendo a sua oportunidade de superar-se ou serem recambiados para planeta inferior. As grandes forças do bem chegarão para este trabalho de enfrentamento de natureza emocional e espiritual. Também me informou que está nos seus planos, a partir de 2015, aproximadamente, retornar, se possível, na condição de médium.*

Para você, o que há de semelhante em cada uma dessas vidas de Joanna, há algum fio condutor, algum foco específico que ela persegue ou que você identifica?

*A fidelidade ao pensamento de Jesus, ao ideal do bem é sempre a característica encontrada nas reencarnações que conhecemos. Ela é tão extraordinária, neste aspecto, que me esclareceu: — “Podes eleger aquilo que te aprouver, e eu estarei de pleno acordo contigo, se fores fiel ao compromisso de servir a Jesus, pagando o preço das incompreensões, sem nunca te defenderes, seja qual for a acusação, que assaquem contra ti. Permanecendo tranquilo, eu te aguardarei feliz do lado de cá”.*

*Fascina-me, também, constatar o quanto suas vidas são marcadas*

*pelo espírito do martírio. Como Joana de Cusa foi mártir. Mais tarde, como Clara, enquanto a Ordem não foi oficializada, não desencarnou, tendo ficado enferma, por longo período, até receber a oficialização do papa, quando encerrou a existência tranquilamente. Como Juana Inés, morre crucificada pela doença, pois se entrega totalmente, indo tomar conta dos pestosos, sabendo que iria contaminar-se e morrer, assim comportando-se por amor a Jesus. Como Joanna Angélica é trespassada por uma baioneta, também por amor a Ele.*

*Ela sempre me esclarece, dizendo: — “Meu filho, tudo fica, os valores internos, porém, seguem conosco. Nunca os negocies por nada, mesmo que percas alguns amigos, alguns companheiros, pois que, em realidade não os perderás, transferi-los-ás para o momento do reencontro no futuro. Se alguém te impuser uma condição que a tua consciência te demonstre como sendo perturbadora, desculpa e não cedas. E se a pessoa se afastar, não te preocupes, tu a reencontrarás. É melhor que alguém se afaste e tu sigas do que ambos ficarem na retaguarda”.*

## **Joanna voltará a reencarnar**

Tais fases podiam já estar programadas por ela dentro de sua antevisão como Espírito esclarecido e superior, como podem ter-se apresentado na medida em que o tempo, as circunstâncias e o contexto foise apresentando aos seus olhos.

Cada uma delas representa, não apenas uma contribuição específica de Joanna, mas diferentes momentos da compreensão deste Espírito, com relação às necessidades humanas e suas possibilidades de servir, utilizando-se dos livros.

Consolo, estudo e reflexão, culminando com a necessidade do autoconhecimento, afinal, somente com ele podemos promover alguma transformação em nós. Sem ele, estaremos indo na *onda* dos demais, agindo

mais por impulso e espírito de massa do que propriamente por consciência e vontade própria.

Joanna voltará, em breve, a reencarnar, ao que tudo indica, Divaldo já não estará mais fisicamente entre nós, mas seguirá, não apenas os passos desta alma querida, quando ela estiver reencarnada, como seguirá também em novas tarefas, que se lhe desdobrarão à frente na pátria espiritual.

Joanna será médium, possivelmente uma experiência evolutiva nova para ela, na qual poderá adquirir e desenvolver aspectos e facetas que ainda necessita ou deseja desenvolver.

Fará parte da geração nova descrita por Kardec, trazendo inteligência precoce e propensão para as crenças espiritualistas. Sem dúvida alguma será espírita e trará também, segundo o Codificador, uma vocação inata para o bem, fruto das conquistas intelectuais e morais já realizadas.

Mais uma vez, seguirá fiel a Jesus, com seus testemunhos de amor e coragem, lutando, não apenas pela emancipação feminina dos grilhões do machismo e do autoritarismo, mas prosseguirá na luta pela libertação das almas humanas da ganga de imperfeições que ainda nos caracterizam e nos impedem de fazer aflorar o diamante da fé, da ternura e do amor não vivido, que segue engastado no coração de cada um de nós.

---

<sup>92</sup> *Viagens e entrevistas*, de Yvon de Araújo Luz, ed. Lar Fabiano de Cristo, Metodologia, perg. 50.

<sup>93</sup> Para saber um pouco mais sobre os Espíritos que assinam mensagens nos livros da Codificação Espírita, sugere-se a leitura do livro *Os Expoentes da Codificação Espírita*, de Maria Helena Marcon, ed. Federação Espírita do Paraná.

<sup>94</sup> *Mensagem de Inês de Castro*, do Espírito Inês de Castro, psicografia de Francisco Cândido Xavier, ed. GEEM, cap. Chico Xavier e Isabel de Aragão.

<sup>95</sup> Vários assuntos ligados à psicologia transpessoal e à série psicológica escritos por Joanna de Ângelis podem ser melhor compreendidos através de consulta ao livro *Elucidações Psicológicas à luz do Espiritismo*, de Geraldo Campetti Sobrinho e Paulo Ricardo A. Pedrosa, ed. LEAL.

<sup>96</sup> *Revista Espírita*, de Allan Kardec, v. 1, ano 1858, ed. FEB, Introdução.

<sup>97</sup> *Os Mensageiros*, do Espírito André Luiz, psicografia de Francisco Cândido Xavier, ed. FEB, cap. 38.

<sup>98</sup> *Entre a terra e o céu*, do Espírito André Luiz, psicografia de Francisco Cândido Xavier, ed. FEB, cap. 13.

<sup>99</sup> *A psicologia transpessoal*, de Márcia Tabone, ed. Cultrix, p. 148.

<sup>100</sup> *Plenitude*, do Espírito Joanna de Ângelis, psicografia de Divaldo Pereira Franco, ed. LEAL, cap. 14, p. 132.

# REFERÊNCIAS

- A VIDA de São Francisco de Assis. Assis: Editora Minerva, 2007.
- BACCELLI, Carlos A. *Divaldo Franco em Uberada*. Salvador: LEAL, 1981.
- CELANO, Tomas de. *Vida de Santa Clara de Assis*. Assis: Editora Minerva, 2000.
- CLASSIFICAÇÃO de Transtornos Mentais e de Comportamento da CID – 10. Descrições Clínicas e Diretrizes Diagnósticas – Coordenação da OMS. Tradução de Dorgival Caetano. Porto Alegre: Artmed, 1993.
- DALGALARRONDO, Paulo. *Religião, Psicopatologia & Saúde Mental*. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- DENIS, Léon. *Depois da Morte*. Rio de Janeiro: CELD, 2008.
- \_\_\_\_\_. *No Invisível*. Rio de Janeiro: FEB, 1996.
- \_\_\_\_\_. *O Grande Enigma*. Rio de Janeiro: CELD, 2008.
- \_\_\_\_\_. *O Problema do ser, do destino e da dor*. Rio de Janeiro: FEB, 1991.
- DURANT, Will. *A História da filosofia*. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1996.
- FERREIRA, Olavo Leonel. *Visita à Roma antiga*. São Paulo: Moderna, 2003.
- FRANCO, Divaldo Pereira; SCHUBERT, Suely Caldas. *Ante os tempos novos*. Salvador: LEAL, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Pelos caminhos de Jesus*. Pelo Espírito Amélia Rodrigues. Salvador: LEAL, 1988.
- \_\_\_\_\_. *Plenitude*. Pelo Espírito Joanna de Ângelis. Salvador: LEAL, 1998.
- FREIRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987.
- JUNG, C. G. *Sobre o Amor*. Seleção e edição Marianne Schiess. Aparecida: Ideias e Letras, 2005.
- KARDEC, Allan. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Rio de Janeiro: CELD, 2000.
- \_\_\_\_\_. *O Livro dos Espíritos*. 68. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Revista Espírita de 1858*. Rio de Janeiro: FEB.
- \_\_\_\_\_. *Viagem Espírita em 1862*. Matão: O Clarim, 1980.
- LEAL, José Carlos. *Christos*. Rio de Janeiro: CELD, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Jesus, sua terra, seu povo e seu tempo*. Rio de Janeiro: CELD, 2008.

LE GOFF, Jacques. *Uma longa Idade Média*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

\_\_\_\_\_. *São Francisco de Assis*. Rio de Janeiro: Moderna, 2007.

LUZ, Yvon de Araújo. *Viagens e entrevistas*. Rio de Janeiro: Lar Fabiano de Cristo, 1978.

MIRANDA, Hermínio C. *Reencarnação e imortalidade*. Rio de Janeiro: FEB, 1991.

NORONHA, Altiva Glória Fonseca. *O Peregrino do Senhor*. Salvador: LEAL, 1987.

OS EXPOENTES da Codificação Espírita. Curitiba: FEP, 2002.

PAZ, Octavio. *Sor Juana Inés de la Cruz - As armadilhas da fé*. São Paulo: Mandarim, 1998.

PEIXOTO, Alcione. *A mulher no Evangelho*. Recife: Doxa, 1999.

PRIORE, Maria Del (Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.

PROJETO Manoel Philomeno de Miranda. *Atendimento fraterno*. Salvador: LEAL, 1999.

\_\_\_\_\_. *Terapia pelos passes*. Salvador: LEAL, 2000.

RADI, Luciano. *Clara de Assis*. Aparecida do Norte: Editora Santuário, 1996.

RAMACCIOTTI, Caio; XAVIER, Francisco Cândido. *Mensagens de Inês de Castro*. São Bernardo do Campo: GEEM, 2009.

REVISTA USP, 1990.

SANTOS, Celeste; FRANCO, Divaldo. *A Veneranda Joanna de Ângelis*. 9. ed. Salvador: LEAL, 2008.

SARDANO, Miguel de Jesus. *Nas pegadas do Nazareno*. Salvador: LEAL, 1988.

SCHUBERT, Suely Caldas. *O Semeador de Estrelas*. Salvador: LEAL, 1989.

SOBRINHO, Geraldo Campetti; PEDROSA, Paulo Ricardo A. *Elucidações Psicológicas à Luz do Espiritismo*. Salvador: LEAL, 2002.

SOUZA, Bernardino José de. *Heroínas Baianas*. Rio de Janeiro: Editora Paralelo, 1972.

\_\_\_\_\_. *Joanna Angélica – A primeira heroína da independência do Brasil*. Salvador, 1922.

SOUZA, Dalva Silva. *Os caminhos do amor*. Rio de Janeiro: FEB, 2007.

TABONE, Marcia. *A psicologia transpessoal*. São Paulo: Cultrix, 2009.

TEIXEIRA, José Raul. *A Carta Magna da Paz*. Pelo Espírito Camilo. Niterói: Fráter, 2002.

VANNUCCI, Augusto Cesar. *De ave Cesar a Ave Cristo*. Rio de Janeiro: Editora Maio, 1994.

VIEIRA, Antônio. *Sermão do Mandato*. Brasília: Imprensa Oficial, 2000.

XAVIER, Francisco Cândido. *A Caminho da Luz*. Pelo Espírito Emmanuel. Rio de Janeiro: FEB, 2005.

- \_\_\_\_\_. *Ave Cristo*. Pelo Espírito Emmanuel. Rio de Janeiro: FEB, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Boa Nova*. Pelo Espírito Humberto de Campos. Rio de Janeiro: FEB, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Caminho, Verdade e Vida*. Pelo Espírito Emmanuel. Rio de Janeiro: FEB, 1948.
- \_\_\_\_\_. *Entre a terra e o céu*. Pelo Espírito André Luiz. Rio de Janeiro: FEB, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Falando à Terra*. Espíritos diversos. Rio de Janeiro: FEB, 1951.
- \_\_\_\_\_. *Há Dois Mil Anos*. Pelo Espírito Emmanuel. Rio de Janeiro: FEB, 2006.
- \_\_\_\_\_. *O Consolador*. Pelo Espírito Emmanuel. Rio de Janeiro: FEB, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Os Mensageiros*. Pelo Espírito André Luiz. Rio de Janeiro: FEB, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Paulo e Estêvão*. Pelo Espírito Emmanuel. Rio de Janeiro: FEB, 2007.

## Uma breve explicação

Este livro mostra um recorte da trajetória sublime do Espírito que, há mais de dois mil anos, se deixou impregnar por um amor incondicional, decidindo também amar incondicionalmente.

Tanto amou que financiou algumas atividades de Jesus!

Intercedeu por Ele junto a Pilatos!

Foi ao Seu sepulcro render-Lhe homenagem, saudosa de Sua dor e serena presença.

Imolou-se por Ele e pela causa do Evangelho!

Perfumou caminhos, com sua presença ao lado do Cristo na Idade Média, semeando luzes nas vielas escuras das almas sofridas e estendendo socorro a desvalidos.

Permitiu-se deixar brilhar sua intelectualidade no século XVII, exaltando o papel de mulher, numa sociedade ainda fechada aos dotes da alma, simplesmente por encontrá-la em vestes femininas.

Imolou-se por amor às suas protegidas, no início do século XIX, erigindo-se como heroína das lutas pela Independência de um país jovem e sonhador.

Ergueu-se como idealizadora de uma obra modelar que inspirou a criar, ocultando-se em sua modéstia e simplicidade, seguindo ao lado dos seus irmãos ainda envoltos em sombras, à semelhança de Jesus na estrada de Emaús.

Cezar Braga Said



[www.livrariamundoespirita.com.br](http://www.livrariamundoespirita.com.br)

